UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS
CAMPO SOSÍGENES COSTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

ANEMÃVÊY UĨ PAKHÊ TXIHIHÃE PATAXÓ

EM COROA VERMELHA

JODILCE PEREIRA DOS SANTOS

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL

ANEMÃVÊY UÎ PAKHÊ TXIHIHÃE PATAXÓ EM COROA VERMELHA
CASAMENTO NA CULTURA INDÍGENA PATAXÓ EM COROA VERMELHA

Jodilce Pereira dos Santos

Santa Cruz Cabrália – Bahia
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL

ANEMÃVÊY UĨ PAKHÊ TXIHIHÃE PATAXÓ EM COROA VERMELHA
CASAMENTO NA CULTURA INDÍGENA PATAXÓ EM COROA VERMELHA

Jodilce Pereira dos Santos

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Sul da Bahia, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais – PPGER, curso de Mestrado Profissional, na Linha de Pesquisa 02 - Relações Étnico-Raciais, Interculturalidades e Processo de Ensino Aprendizagem, para a obtenção do título de Mestre, sob orientação da Profa. Dra. Fábia Barbosa Ribeiro.

Santa Cruz Cabrália– Bahia
2021

Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)
Sistema de Bibliotecas (SIBI)

S237a Santos, Jodilce Pereira dos, 1973 -
Anemãvêy Uĩ Pakhê Txihihãe Pataxó em Coroa Vermelha = Casamento na cultura indígena Pataxó em Coroa Vermelha./ Jodilce Pereira dos Santos. – Porto Seguro, 2022.
189 f.

Orientadora: Fábia Barbosa Ribeiro
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico Raciais. Campus Sosígenes Costa.

1. Pataxó. 2. Memória. 3. Cultura. 4. Casamento Indígena. 5. Educação Escolar Indígena. I. Ribeiro, Fábia Barbosa. II. Título.

CDD – 306.81

Elaborado por Lucas Sousa Carvalho - CRB-5/1883

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ANEMÃVÊY UÎ PAKHÊ TXIHIHÃE PATAXÓ EM COROA VERMELHA CASAMENTO NA CULTURA INDÍGENA PATAXÓ EM COROA VERMELHA

Autora: Jodilce Pereira dos Santos

Banca Examinadora

Orientadora:
Professora Dra. Fábia Barbosa Ribeiro
(UNILAB) Doutora em História Social
Universidade de São Paulo

Avaliador Interno:
Professor Dr. Edson Machado de Brito Kayapó – (IFBA-UFSB) Doutor em Educação: História, Política,Sociedade
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP

Avaliadora Externa:
Professora Dra. Rosemeire de Oliveira Souza
(UFPA) Doutora em História Social
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP

Acima de tudo, dedico e agradeço a **DEUS** por mais esta vitória realizada sob seus cuidados.

Dedico ao meu pai ***Lourival Pereira dos Santos*** (in memorian) e minha mãe ***Vedite Maria Borges*** (in memorian) que me ensinou a enfrentar com coragem e alegria todos os problemas da vida. São meus maiores exemplos de pessoas guerreiras, a quem dedico todas as minhas conquistas e vitórias.

Ao meu irmão ***Joceval Pereira dos Santos***.
As minhas irmãs ***Joelma Pereira dos Santos*** (in memorian), ***Jodilma Pereira dos Santos, Joselene Pereira dos Santos Oliveira***.

Ao meu esposo ***José Carlos Conceição Santana*** (Pakari Pataxó), meu companheiro de todos os momentos, pelo apoio, pela compreensão e carinho ao longo do período das aulas, das pesquisas, entrevistas, rodas de conversa e construção desta dissertação.

Aos meus filhos ***João Lucas Pereira Carvalho Sampaio*** e ***Tálita Pereira Rodrigues dos Santos***, dádivas de Deus na minha vida, criação especial das mãos do Meu Senhor para estarem presentes trazendo muito amor e motivação.

AGRADECIMENTOS

À DEUS em primeiro lugar por ter me concedido dias de vida, saude e força para poder receber sua infinita sabedoria, graça e misericórdia e alcançar esta grande vitória.

A cada indígena do povo Pataxó da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha e suas extensões como a Aldeia Agricultura, Tapurumã Mãtxó que sempre me receberam muito bem, assim como todas as extensões e que como parte deste povo guerreiro permaneço na luta junto com a comunidade e em oração constante para que nosso DEUS FORTE e PODEROSO nos conceda a VITÓRIA sempre, em nome de JESUS.

Aos meus amigos e colegas da Escola Municipal Victurino da Purificação Figueirêdo. Um agradecimento especial à Professora Maria Ozélia, Professor Jotemberg, Isabel Ferrari Lamarão, Erick Cristian, entre outros que sempre se mostraram amigos únicos e verdadeiros e me incentivaram para perseverar e prosseguir nesta busca pelos sonhos que almejo concretizar.

Ao casal Paulo Roberto e Berenice que sempre acreditaram no meu potencial.

Ao historiador e neto do primeiro prefeito da cidade de Santa Cruz Cabrália, Sidrach Carvalho Neto.

À orientadora, Professora Dra. *Fábia Barbosa Ribeiro*, pela competência, compreensão, amizade, confiança e respeito com que conduziu este processo na minha vida, desde o alvor da ideia até a sua síntese.

À Professora Dra. *Rosemeire de Oliveira Souza* e ao Professor *Edson Machado de Brito Kayapó*, por cada palavra de incentivo e reconhecimento, bem como pelas valiosas contribuições.

À UFSB-Universidade Federal do Sul da Bahia que como instituição criou o Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-raciais – PPGER dando a oportunidade para que sonhos se materializassem em benefício da comunidade em que vivemos e da sociedade.

Aos meus professores do curso de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-raciais – PPGER.

Aos colegas deste Programa de Pós-Graduação que se tornaram meus amigos. Com o mestrado Deus me presenteou com a amizade de vocês. Gratidão pelos momentos de risos e incentivo durante este percurso que caminhamos juntos. Estarão sempre guardados em minha memória.

Enfim, a todos, que de forma direta ou indiretamente contribuíram para a concretização e finalização desta linda jornada. Minha eterna GRATIDÃO!

Ũxé gwakxó arene’áxó

Txepây kõpokixay ãtxoê niamãré nioniemã maroxĩ iẽ niomakã txó niamã’nuk txó anemãvey txó hãhãhãy txihihãy Pataxó tapuritú ihê dxa’á edhúxó uĩ pataxi Aktxurá Eoató. Iõ maroxĩ’xó môj ãkgaré iẽ awãkã areneáxó ahõhê mõdxê dxa’á mõtxay’xó nioniemã pinapõ êparé itsá hãhãhãy txihihãy Pataxó iõ txôgwá upâ ãbakoháy, iẽ nitxuké ũpú nioniemã maraxĩ ũpú tohnõhêhê, kêé’txẽ uĩ maroxĩ (pinapõ) mukarí hũ tokerê ũpú pinapõ iẽp ãsunãy dxa’á patxitxá’xó hũgoré’tê apiak itsã ãkirê’nuk pakhêtxê ũpútxepây hãhãhãy txihihãy uĩ dxa’á areneá niomakã itsá anemãvey, ũxéapiak pinapõ pakhêtxê ũpútxepây hãhãhãy. Ketxihé pinapõ iõ atxohé haêdxê ahõhê meá patxitxáxó iõ anemãvey txihihãy Pataxó ũpú Aktxaurá Eoató mká uĩ mõdxê pãgêhetxê ahõhê uĩ mõdxê niag, uĩ werâtê ũpú mõtxãy wãkmõdxêwatá dxa’á petoĩ eumãwatá awãkãtê hũ wãkhomãk, ãbakoháy, iõ mãpã ũg iẽp jirap ũpú hãtö mukápuá ũg hũpahab dxahá iẽ mõdxêwatá txihihãy Kâyênãtê dxa’á awãkãtê hãhãyãga dxahá iõ hãgnahay txóp hãhãhãy txihihãy. Apibá’irá hũ iẽ hãytxã’tê ũpú nioniemã fap’bwá ũpú ãbakoháy dxa’á kãdawêxó iẽ txenã upã wâknãptxêwãy txó hãhãhãy Pataxó ikô gwakniohã upâ tâypâk pakhê, atxôhã, ikhã ũg ãkirênuk ũpúatxoê’irá ũxé tâypâk ĩatã iẽp awãkã ũg iõp hũnitxí mõdxê ũpú wãkhaytxâtê txó kahnẽtú hãhãhãy xôhã. Torotê uĩ kõpokixay makinã txó hãhãhãy Pataxó dxa’á uĩp pahnẽ’ã nũgã pinapõ dxahá iẽhã wãk’ihãyré iẽ nkâh ũpú kuã iẽ pakhê txóp hãhãhãy Pataxó, ahõhê hãhãhãy xôhã dxahá niomakã’ré ũxé hotxomã haêdxê ũg txag’rú ũpú ariponã uĩ pataxí ũg petoĩ’irá iẽ kijẽtxawê ahõhê txag’rú ũpú korimãwatá ũpú tâypâk pakhê ũg wâk’nãptxêwãy, perakuã’irá iõ ãkirênuk txó kuãnuk ãkgaré ãmãré ũg kuãnuk ãkirê’txê uĩ arupãb kijẽtxawê’ré txihihãy.

KOHTÚ ŨPÚ IHÁBNKÁ: Pataxó, Ãbakohay, Pakhê, Anemãvey txihihãy, Arupãb kijẽtxawê’ré txihihãy

RESUMO

Esta dissertação visa empreender uma análise a respeito da compreensão de casamento entre os povos indígenas da etnia Pataxó, mais particularmente, aqueles localizados no aldeamento em Coroa Vermelha. A pesquisa incidirá sobre a história oral como metodologia que concede visibilidade ao protagonismo do povo indígena Pataxó, a essência da memória, a partir de um estudo de caso, fundamentado na observação participativa com o objetivo de visualizar os fatores que provocam a mudança quanto ao processo cultural da referida etnia indígena no que tange à concepção do casamento, enquanto aspecto cultural e estruturante da referida comunidade. Pretende-se observar o modo e processo pelo qual se constitui e é realizado o casamento indígena Pataxó de Coroa Vermelha tanto na forma tradicional como na atualidade, na tentativa de proporcionar subsídios que constituam vínculos históricos entre o passado, memórias, o presente e as contribuições de uma integração e interação para a formação étnico-racial-histórico-social para o futuro dos povos originários. Concluindo com a criação de um Guia de Memórias que homenagea e evidencia a resistência do povo Pataxó através da sua cultura, língua, lutas e processos, demonstrando em sua essência as histórias e os ciclos de resignificação do nosso povo guerreiro. Participaram de entrevistas membros do povo Pataxó que nos proporcionaram seu olhar para assim (re)pensarmos a necessidade de conhecer a cultura dos povos Pataxó, como povo guerreiro para respeitá-la em todos os aspectos e espaços de aprendizagem na aldeia e tendo a escola como espaço de difusão de sua cultura e resistência, permitindo a ampliação do conhecimento sobre práticas e experiências desenvolvidas na Educação Escolar Indígena.

PALAVRAS-CHAVE: Pataxó, Memória, Cultura, Casamento Indígena, Educação Escolar Indígena.

ABSTRACT

This dissertation aims to undertake an analysis about the understanding of marriage among the indigenous peoples of the Pataxó ethnic group, more particularly those located in the village in Coroa Vermelha. The research will focus on oral history as a methodology that grants visibility to the prominence of the Indigenous People Pataxó, the essence of memory, from a case study, based on participatory observation with the objective of visualizing the factors that cause the change in the cultural process of the said indigenous ethnicgroup with regard to the conception of marriage, as a cultural and structuring aspect of that community. It is intended to observe the way and process by which the indigenous marriage Pataxó de Coroa Vermelha is constituted and held both in the traditional way and today, in an attempt to provide subsidies that constitute historical links between the past, memories, the present and the contributions of an integration and interaction for ethnic-racial-historical-social formation for the future of the original peoples. Concluding with the creation of a Memoirs Guide that honors and highlights the resistance of the Pataxó people through their culture, language, struggles and processes, demonstrating in essence the stories and cycles of resignification of our warrior people. Participants were members of the Pataxó people who provided us with their gaze to (re)think about the need to know the culture of the Pataxó peoples, as a warrior people to respect it in all aspects and spaces of learning in the village and having the school as a space for dissemination of its culture and resistance, allowing the expansion of knowledge about practices and experiences developed in Indigenous School Education.

KEYWORDS: Pataxó, Memory, Culture, Indigenous Marriage, Indigenous School Education.

RESUMEN

Esta tesis tiene como objetivo realizar un análisis sobre la comprensión del matrimonio entre los pueblos indígenas de la etnia Pataxó, más particularmente aquellos ubicados en el pueblo de Coroa Vermelha. La investigación se centrará en la historia oral como metodología que otorgue visibilidad al protagonismo del Pueblo Indígena Pataxó, esencia de la memoria, a partir de un estudio de caso, basado en la observación participativa con el objetivo de visualizar los factores que provocan el cambio en el proceso cultural de dicha etnia indígena con respecto a la concepción del matrimonio, como aspecto cultural y estructurante de esa comunidad. Se pretende observar la forma y el proceso por el cual se constituye y sostiene el matrimonio indígena Pataxó de Coroa Vermelha tanto a la manera tradicional como en la actualidad, en un intento de proporcionar subsidios que constituyan vínculos históricos entre el pasado, las memorias, el presente y los aportes de una integración e interacción para la formación étnica-racial-histórica-social para el futuro de los pueblos originarios. Concluyendo con la creación de una Guía de Memorias que honra y destaca la resistencia del pueblo Pataxó a través de su cultura, idioma, luchas y procesos, demostrando en esencia las historias y ciclos de resignificación de nuestro pueblo guerrero. Los participantes fueron miembros del pueblo Pataxó que nos brindaron su mirada para (re)pensar en la necesidad de conocer la cultura de los pueblos Pataxó, como pueblo guerrero para respetarla en todos los aspectos y espacios de aprendizaje en el pueblo y tener la escuela como un espacio de difusión de su cultura y resistencia, permitiendo la expansión del conocimiento sobre prácticas y experiencias desarrolladas en la Educación Escolar Indígena.

PALABRAS CLAVE: Pataxó, Memoria, Cultura, Matrimonio Indígena, Educación Escolar Indígena.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABNT- Associação Brasileira de Normas Técnicas

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

DNC- Diretrizes Curriculares Nacionais

FUNAI - Fundação Nacional do Índio

FUNASA - Fundação Nacional de Saúde

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEB- Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação

PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais

PPGER - Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais

PNE – Plano Nacional de Educação

SIASI - Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena

SESAI -Secretaria Especial de Saúde Indígena

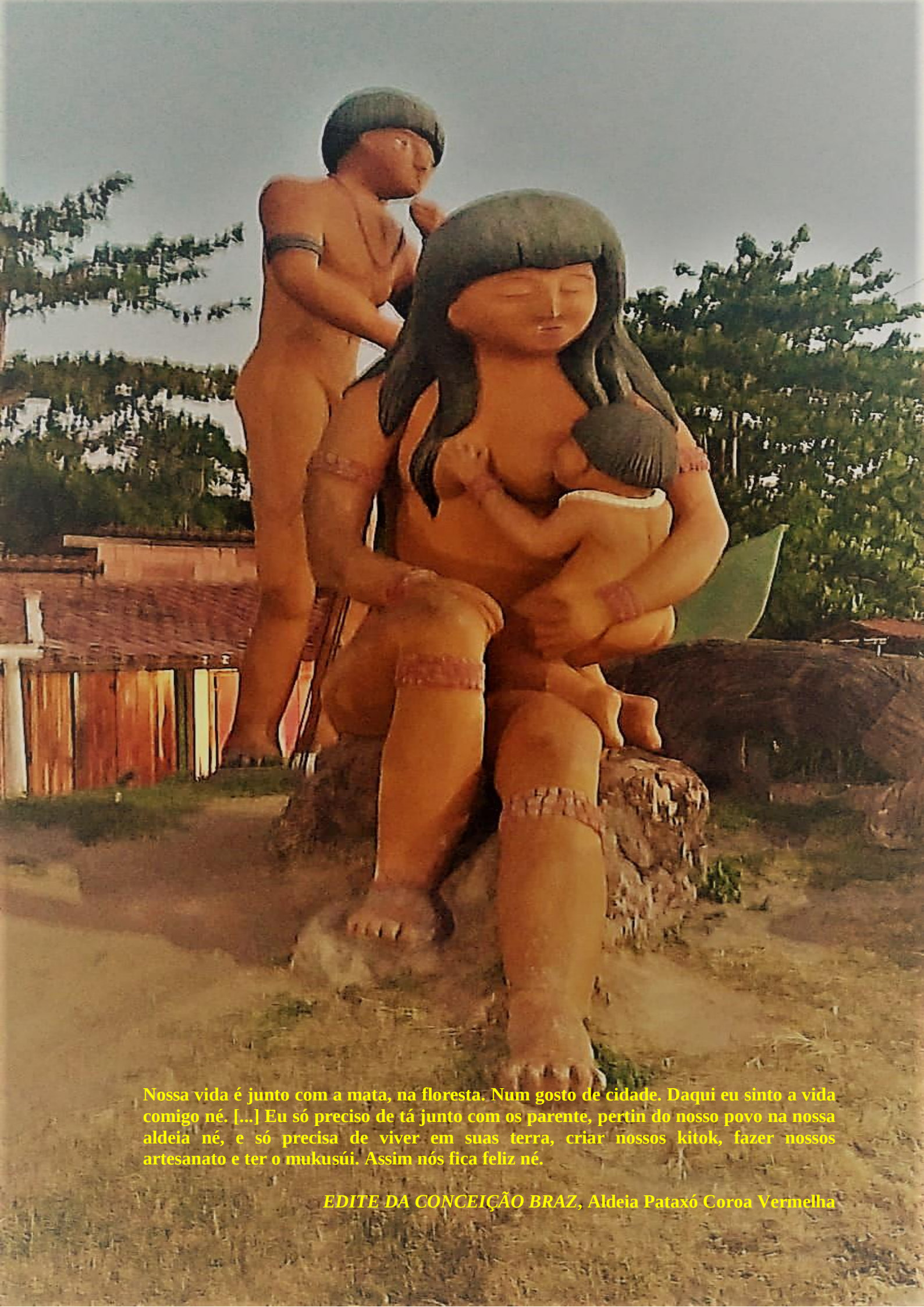
UFSB - Universidade Federal do Sul da Bahia

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS, TABELAS E ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Mapa da Localização Geográfica da Cidade de Santa Cruz Cabrália no Estado da Bahia. 22
Figura 02: Nome de Cabrália na praia do Arakakaí. 22
Figura 03: Criança indígena Pataxó. 24
Figura 04: Praia de Coroa Vermelha . 26
Figura 05: Mapa do Município de Santa Cruz Cabrália. 27
Figura 06: Rio João de Tiba que liga Santa Cruz Cabrália a Santo André. 28
Figura 07: Travessia de balsa pelo Rio João de Tiba que liga Cabrália a Santo André. 29
Figura 08: Oca Pataxó. 30
Figura 09: Moradias indígenas. 30
Figura 10: Aldeia Pataxó Coroa Vermelha. 31
Figura 11: Kijemi (Casa tradicional) indígena. 32
Figura 12: Placa de identificação da Aldeia Indígena Pataxó. Local da Primeira Missa no Brasil. Coroa Vermelha. Santa Cruz Cabrália-Bahia. 35
Figura 13: Monte Pascoal. 41
Tabela 01: Nomes das aldeias que constitui a Aldeia Pataxó Coroa Vermelha. 43
Figura 14: Aldeia Pataxó Coroa Vermelha e suas extensões. 44
Figura 15: Aldeia Pataxó Coroa Vermelha. 45
Figura 16: Mapa das Aldeias Pataxó Sul da Bahia 2012. 46
Figura 17: Foto do Cacique Aruã Pataxó, Cacique da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha. 48
Figura 18: Foto do Indígena e artesão Oiti Pataxó. 49
Figura 19: Arte do Artesão Indígena Oiti Pataxó. 52
Figura 20: Índio Pataxó. Arte do Artesão Indígena Oiti Pataxó. 52
Figura 21: Diana da Conceição Bomfim. 53
Figura 22: Sr. Valdelito Pataxó. 55
Figura 23: Adriana Pesca. Hitxá Pataxó. 58
Figura 24: José Carlos Conceição Santana. Pakari Pataxó 64
Figura 25: Identificação de Estudantes. 83
Figura 26: Casal Kakai Pataxó e Iandara Pataxó no dia do seu casamento na Aldeia Pataxó Nova Coroa. 89
Figura 27: Kijemi. 90
Figura 28: Kijemi. 90

Figura 29: Kijemi. 90
Figura 30: Pataxó carregando a caça. 92
Figura 31: Pataxó carregando a tora de madeira. 92
Figura 32: Casal de namorados do povo Pataxó. 94
Figura 33: Pedra de Praia. 95
Figura 34: Pedra de Praia. 95
Figura 35: Pedra de rio. 95
Figura 36: Flor. 96
Figura 37: Flor. 96
Figura 38: Kijemi coberta de Piaçava. 98
Figura 39: Kijemi coberta de eternit. 98
Figura 40: Kijemi coberta de telha de madeira. 98
Figura 41: Kijemi coberta de eternit. 98
Figura 42: Kakai Pataxó carregando a tora de madeira. 106
Figura 43: Kakai Pataxó com a tora de madeira. 107
Figura 44: A chegada do noivo guerreiro Kakai Pataxó com a tora de madeira até o altar. 107
Figura 45: Noivos ouvindo as palavras ditas pelo Cacique Aruã, que celebrou o o casamento. 108
Figura 46: Os pais dos noivos assistem o casamento. 113
Figura 47: A cerimônia do casamento indígena Pataxó é celebrada pelo Cacique Aruã e o Pajé Itambé. 115
Figura 48: Os noivos recebem a benção do Pajé. 117
Figura 49: Kakusú Kakai Pataxó assinando o Livro de Registro de Casamento da FUNAI. 118
Figura 50: Casal indígena Pataxó. 119
Figura 51: Certidão de Casamento da FUNAI. 120
Figura 52: Certidão de Casamento emitida pelo Cartório de Registro Civil de Pessoas naturais. 120
Figura 53: Retirada do cocar da cabeça dos noivos pelos padrinhos no Casamento Cultural Pataxó. 123
Figura 54: Momento em que o cocar da noiva é colocado na cabeça do noivo pela madrinha e o cocar do noivo é colocado na cabeça da noiva pelo padrinho. 123
Figura 55: Dança do AWÊ. 124

Figura 56: Dança do AWÊ. 125



Nossa vida é junto com a mata, na floresta. Num gosto de cidade. Daqui eu sinto a vida comigo né. [...] Eu só preciso de tá junto com os parente, pertin do nosso povo na nossa aldeia né, e só precisa de viver em suas terra, criar nossos kitok, fazer nossos artesanato e ter o mukusúi. Assim nós fica feliz né.

***EDITE DA CONCEIÇÃO BRAZ*, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha**

SUMÁRIO

1. Introdução 14

CAPÍTULO I

O PATAXÓ NA HISTÓRIA: contando o ontem e resistindo no hoje.

1.1. O Pataxó na BAHIA. 22

1.2. O Pataxó na ótica Pataxó. 46

1.3. Lei 11.645/2008: A História Indígena nas Escolas do Sul da Bahia. 67

CAPÍTULO II

ANEMÃVÊY UÎ PAKHÊ TXIHIHÃE PATAXÓ:

CASAMENTO NA CULTURA INDÍGENA PATAXÓ:
Muká, Mukaú o continuar da resistência.

2.1. Nos caminhos da resistência: as dinâmicas da cultura. 90

2.2. HÃHÚHÊ TXIHIHÃE PATAXÓ: Namoro Indígena Pataxó. 94

2.3. **ANEMÃVÊY** Pataxó: o "Casamento" Pataxó. 106

CAPÍTULO III

PAKHÊ TXIHIHÃE PATAXÓ: Guiados pela Memória.

CULTURA INDÍGENA PATAXÓ: Guiados pela Memória.

3.1. Cacique Aruã Pataxó - Gerdion Santos do Nascimento 132

3.2. Hitxá Pataxó - Adriana Barbosa Pesca. 137

3.3. Oiti Pataxó – Fernando Santana 141

3.4. Mayon Pataxó - Diana Bomfim. 145

3.5. Samingo Pataxó - Domingos Lima Rosa 149

3.6. Taquariana Pataxó - Kelly Cristina Ferreira dos Santos 157

3.7. Oiti Pataxó - Valdelito Nascimento dos Santos 162

3.8. Taquari Pataxó - Benedito da Conceição Braz 165
3.9. Taquara Pataxó - Maria do Carmo Braz da Conceição 168
3.10. Juari Braz Bomfim 172

Considerações Finais 176
Referências 178

INTRODUÇÃO

Nesta dissertação de mestrado apresentamos a cultura do povo indígena Pataxó como uma forma de revigorar a memória e resistência deste povo originário que luta pela sobrevivência desde a invasão europeia há 522 anos. Desde então, assim como a maioria dos povos que habitavam estas terras, o combate às dificuldades enfrentadas para garantir sua sobrevivência e as diferentes formas de resistência mantêm viva a cultura e identidade Pataxó. E para atingir nossos objetivos serão sujeitos deste texto, os Pataxó que se encontram na aldeia Coroa Vermelha situada em Santa Cruz Cabrália, no Extremo Sul do Estado da Bahia.

A escolha deste tema parte da inquietação da ausência de valores e respeito ao povo indígena e a sua cultura. De minha convivência na aldeia indígena Pataxó por aproximadamente três décadas e por ser esposa de um guerreiro Pataxó. Pretendemos com esta pesquisa vislumbrar a preservação e valorização da tradição cultural Pataxó entendendo que somos um povo guerreiro que resiste com muita bravura para manter viva a história. Ao longo da dissertação utilizaremos os termos povos originários e povos indígenas como sinônimos.

Faz-se necessário relatar a historicidade do povo Pataxó e sua resistência nos diferentes processos a que foram e são submetidos desde a invasão europeia em suas terras. Atualmente estas modificações são causadas por fatores como comércio variado e a presença constante de não indígenas em seus espaços. Esta situação faz necessária a constante união dos Pataxó visando a manutenção de valores culturais, como seus rituais, danças, festas, elementos estes que fortalecem a identidade guerreira Pataxó.

Entendendo que o comércio não era uma atividade ativa na vida dos indígenas outrora quando os mesmo viviam na Aldeia Barra Velha, pois eles viviam da troca entre os seus próprios parentes dentro da aldeia. Com a dispersão de muitas famílias durante o processo violento e acontecimento que ficou conhecido como “Fogo de 51” e sua chegada na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, o comércio passou a ser uma das atividades muito importante para o povo Pataxó após esse êxodo da Aldeia Barra Velha. Trocas passaram a ser um meio de vida para suprir as necessidades das famílias Pataxó. As famílias indígenas tiveram que passar por uma sucessão de mudanças de adaptação para fornecer alimentos para os parentes e todos que ali estavam e se encontram até a atualidade. Nesse processo veio a necessidade de enfrentar mais um desafio que era aprender a viver também do comércio, além do seu conhecimento com a caça, pesca e a agricultura. Assim sendo, para além das trocas de matéria-prima por produtos como a farinha e a mandioca, os povos

indígenas iniciaram uma nova etapa em suas vidas. Estamos falando aqui da compra e venda dos produtos artesanais fabricados pelas famílias indígenas que passou a ser uma atividade comercial em que os próprios indígenas vão à campo para realizar suas próprias vendas para os turistas que aqui vêm para passeios com suas famílias.

Observando a forte relação dos povos indígenas com a natureza, seus modos de viver, sua identidade e cultura pude perceber o quanto a união realmente faz a força, pois observando as vivências do indígena Pataxó, compreendi que estava diante de um povo que pratica até hoje esta união como símbolo de resistência e pelo bem da sua comunidade. É uma maneira coletiva de defender seus direitos que nos ensinam o verdadeiro significado de família e toda a sua coletividade. Desde então como professora de História na Escola Municipal Victurino da Purificação Figueirêdo, atuando no Ensino Fundamental II, em uma escola não indígena, considero e participo da trajetória de vida de algumas famílias do povo indígena Pataxó em Coroa Vermelha, local onde foi realizada a Primeira Missa no Brasil, na Costa do Descobrimento, localizada no extremo sul do Estado da Bahia.

Durante esta trajetória, mudanças aconteceram e que por sua vez me conduziram ao universo das inquietações quanto às estruturas familiares dos povos indígenas da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha e da constituição do casamento indígena Pataxó. Partindo das observações das estruturas familiares, unida às minhas inquietações, tomei a iniciativa de estudar e observar mais sobre o modo e processo pelo qual se constitui o casamento indígena Pataxó de Coroa Vermelha tanto na forma tradicional como na atualidade é realizado. Percebendo que algumas mudanças já estavam acontecendo em função de uma integração e interação social entre os povos indígenas e a parte da população caracterizada como não-indígena, ainda que de maneira involuntária, mas era e é notória essa aproximação. Tratar desses movimentos é entender que a aldeia estaria e está a todo momento vivenciando novos hábitos relacionados ao casamento, produzindo novos sentidos à vida dos povos indígenas Pataxó de Coroa Vermelha. Os novos sentidos estão ligados às questões religiosas quanto à conversão de muitos indígenas para outras religiões e que por razões doutrinárias das instituições religiosas em sua maioria preferem fazer o casamento fora do ritual cultural, registrando a união matrimonial apenas no cartório da cidade. Outro ponto que conota um novo sentido é a realização da união do Pataxó seja a mulher ou o homem com pessoas que não são indígenas. Assim, fui percebendo as interações e integrações dos povos indígenas com os brancos e negros (chamados pelos Pataxó de não-indígenas) e o quanto essas interações têm influenciado no modo de viver e se relacionar dentro da aldeia.

Diante do exposto, esta pesquisa é classificada como qualitativa na qual se utilizou

como metodologia a história oral, bibliográfica e observação participativa do cotidiano dos Pataxó, partindo de entrevistas, questionários e autobiografia que tornou possível analisar, na fala dos entrevistados (as), o casamento tradicional Pataxó. Acreditando que esta observação trará registros de como a aldeia e, atualmente aldeamento indígena Pataxó Coroa Vermelha, permanece se ressignificando e se fortalecendo a cada dia, resistindo para continuar existindo.

A intenção dessa pesquisa ao seu final é criar de maneira coletiva um guia de memórias Pataxó que permita trabalhar com a história indígena nas escolas não indígenas da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, bem como ter a possibilidade de alcançar todas as instituições de ensino público e privado da cidade Santa Cruz Cabrália. Acreditamos que a criação de um guia de memórias contribuirá para minimizar a ausência da história e cultura do povo Pataxó no currículo escolar (GOMES, 2005).

Ainda é muito grande nas escolas não indígenas a invisibilidade das temáticas ligadas à Lei 11.645/2008[1], o que gera preconceitos contra um povo que é vivo e ativo enquanto sujeitos da sua própria história. Trata-se de uma realidade vivida pelo povo indígena Pataxó nas instituições de ensino sejam elas de cunho público e/ou privado, inseridos no contexto sócio-histórico-político-educacional deste século. Assim sendo, promover a mediação da lei e incentivar a disseminação e zelo pela história e cultura do povo Pataxó no currículo escolar e pesquisar os saberes dos povos originários é trazer um fortalecimento de uma memória que resiste até os dias atuais para se manter viva e forte na sociedade.

Para concretização desta pesquisa, se parte do desígnio de que a metodologia acerca do uso de memórias nas rodas de conversa e pesquisas bibliográficas nasce de curiosidades, questionamentos, inquietações ou temas que interessem individualmente e/ou a grupo de pessoas (POLLAK, 1989). O uso da metodologia da história oral traz uma valorização de um passado de muitas conquistas e que permanece muito presente na vida do Pataxó. É uma metodologia adotada por se tratar de um contexto totalmente singular e por esta razão torna-se relevante por possibilitar uma proposta onde a teoria e a prática se pronunciam através da fala e protagonismo dos povos indígenas, lideranças, dos professores e de vários estudantes que juntos desenvolvem um trabalho que viabiliza a construção do conhecimento na realidade indígena Pataxó.

---

[1]Lei nº 11.645, de 10 março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Diário oficial da República Federativa do Brasil, 2008.

Esclarecendo de maneira consciente que a mudança no processo de transformação social é cada vez mais uma constante na vida das comunidades indígenas no Brasil e fortalecendo aqui que o povo indígena nunca ficou parado quanto a este movimento histórico-sócio-cultural e político, mas que ao longo do tempo a força de um guerreiro que corre em suas veias permitiu que a população indígena fosse se constituindo e se estabelecendo em sua cultura, bem como nas suas singularidades. Como na fala do Patxohã no seu culto religioso ao Niamisũ, memórias, costumes, tradição e anseios que liga sua existência ao seu lugar (BOMFIM, 2017). Por esta razão surge à intenção de realizar uma pesquisa juntamente com o povo Pataxó de forma que se valorizem mais a cultura dos povos indígenas que aqui será registrada tendo por base o seu protagonismo através de relatos acerca de como se dá atualmente o casamento entre os indígenas da etnia Pataxó de Coroa Vermelha.

O tema sobre o casamento indígena Pataxó na atualidade apresenta um ponto que tem sido bastante debatido entre eles: a necessidade de se pensar a respeito das raízes, das origens da cultura indígena Pataxó confrontada aos desafios contemporâneos, sobretudo na resistência enquanto povo originário numa sociedade que em sua maioria desmata e explora suas terras, polui seu espaço de vida que é a natureza, que contribui para a diminuição da sua área territorial, o desenvolvimento econômico através de comércio e o turismo. De fato, em algumas terras indígenas Pataxó é presente a adaptação das populações indígenas ao novo contexto social que traz um cenário totalmente diferente da habitação e vida que estavam acostumados a viver.

Mesmo vendo tudo crescer ao redor da aldeia, o povo Pataxó permanece como forma de resistência e da certeza de que como donos originários todo o território pertence ao seu povo que, inevitavelmente, defende com muita garra até hoje, mantendo sua história e cultura viva e firme diante das mudanças e transformações de todo o seu espaço, pois o Pataxó vive o tempo presente e nunca estiveram fora das mudanças sociais, políticas e econômicas, muito pelo contrário. O povo Pataxó acompanha o tempo e não está fora dele. Unidos ao tempo e no universo das relações, o respeito às tradições individuais ajuda a manter uma cultura. Convivência à parte, as cerimônias de enlace são sempre abarrotadas de rituais que simbolizam a beleza do relacionamento. Passar por cima das convenções e habituar-se a este princípio com naturalidade e bom senso é também uma alternativa.

O foco no casamento indígena Pataxó pautar-se-á na abordagem quanto às transformações deste rito cultural, bem como a problemática de como atualmente se desenvolve o casamento entre os Pataxós de Coroa Vermelha, considerando quais as mudanças sociais influenciaram o rito e a dinâmica, considerando-se que todas as culturas

passam por mudanças no decorrer do tempo, uma vez que os povos indígenas não ficaram parados no passado. Todos os processos de mudanças e avanços vistos na atualidade comprovam esse movimento ativo na vida dos povos indígenas e que as imposições colocadas pela sociedade e governantes da cidade interferem amplamente nos seus costumes e práticas sociais como seus rituais, cerimônias, festas, a língua Patxohã. Nesse sentido, a intenção é avaliarmos este impacto sobre o casamento na cultura indígena Pataxó.

Seguindo este discernimento esta pesquisa apresenta em seu primeiro capítulo intitulado: O Pataxó na História: contando o ontem e resistindo no hoje, um pequeno recorte acerca da vida forte e ativa do povo Pataxó unida a História de Santa Cruz Cabrália: destinado a apresentar o cenário histórico no qual tratam da história e presença do Povo Pataxó na Bahia, informações geográficas, dados populacionais da cidade, história e população da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha e das aldeias vizinhas da região de Santa Cruz Cabrália e a cidade de Porto Seguro e a forte presença do Pataxó no Estado da Bahia e de Minas Gerais.

No item "O Pataxó na ótica Pataxó", destaco resultados das entrevistas e questionários aplicados ressalvando que existe uma vasta intelectualidade Pataxó independente das diversas funções exercidas e o protagonismo de indígenas que atuam no município como professores, coordenadores, artesãos, lideranças, bem como guerreiros da minha família tendo por exemplo meu esposo Pakary Pataxó, também conhecido como Kaxandó Pataxó, parentes e indígenas da comunidade.

Trago ainda uma discussão acerca da Lei 11.645/2008: a História Indígena nas escolas do sul da Bahia como valorização das relações étnico-raciais que acontecem no dia a dia dos estudantes e busco pontuar a possibilidade de sugerir a inserção e aplicação da lei no currículo escolar, bem como no Projeto Político Pedagógico e todo instrumento utilizado dentro da instituição como veículo de conhecimento para o reconhecimento e fortalecimento das relações étnico-raciais entre os povos, contribuindo para a redução do preconceito e visão de subalternidade (SPIVAK, 2006) quanto aos povos e sua cultura.

No segundo capítulo, intitulado: "Cultura Indígena Pataxó: Muká, Mukaú" ofereço uma importante colaboração para fazer abordagens sobre os caminhos da resistência: a dinâmica da cultura, trazendo a contribuição e o despertamento para que todos possam ter o entendimento que em todo percurso histórico o povo indígena sempre se movimentou e avançou diante das mudanças, se adaptando todo o tempo e se estabelecendo enquanto povo guerreiro que é. Apresento uma explanação acerca do processo de preparação para o casamento do Pataxó de Coroa Vermelha, tendo nessa perspectiva a intenção de relatar se ocorre casamento da forma tradicional e como se dá esse processo entre nosso povo, pois com

a grande população não indígena que existe na aldeia, percebemos muitas relações de contato com povos de outras etnias, bem como indígenas que se unem com não indígenas.

Trilhando este caminho e tratando a narrativa histórica, partindo da memória dos anciãos e anciãs da aldeia Pataxó Coroa Vermelha, busco na valorização da oralidade do povo Pataxó, fazer a transcrição de cada fala, respeitando e resguardando a maneira de se pronunciar as palavras em relação à língua portuguesa e sua ortografia escrita e descrever como é vivenciado o ritual de preparação do casamento atualmente, apontando os elementos do ritual tradicional que permanece até hoje fazendo parte da força cultural Pataxó.

No último capítulo, será apresentado o guia de memórias como instrumento de preservação dos conhecimentos e saberes dos povos indígenas. Os saberes dos povos indígenas têm construído uma história fundamentada na resistência e em sua atuação enquanto sujeito da história do nosso país. Essa perspectiva fortalece a sua narrativa e seu protagonismo e poderá ser utilizada pelas gerações futuras.

Nesse percurso de tempo fomos todos surpreendidos com a chegada de um vírus e a decretação do estado de pandemia face ao COVID-19. A princípio causou uma enorme preocupação quanto à saúde do nosso povo pelo fato de colocar a vida de todos dentro da aldeia em risco.

Diante desse novo fato veio o cuidado e o receio a respeito dessa doença e buscou-se avaliar a viabilidade da pesquisa de campo. Foi grande o desafio para dar continuidade à pesquisa e prosseguir com as observações, entrevistas, rodas de conversa e visitas aos parentes e aldeias onde o povo Pataxó tem contribuído muito para a concretização da construção coletiva de todo o registro aqui escrito. Assim sendo, com a chegada desse vírus e o risco de infecção dentro das aldeias passou a ser mais restrita a entrada e a saída.

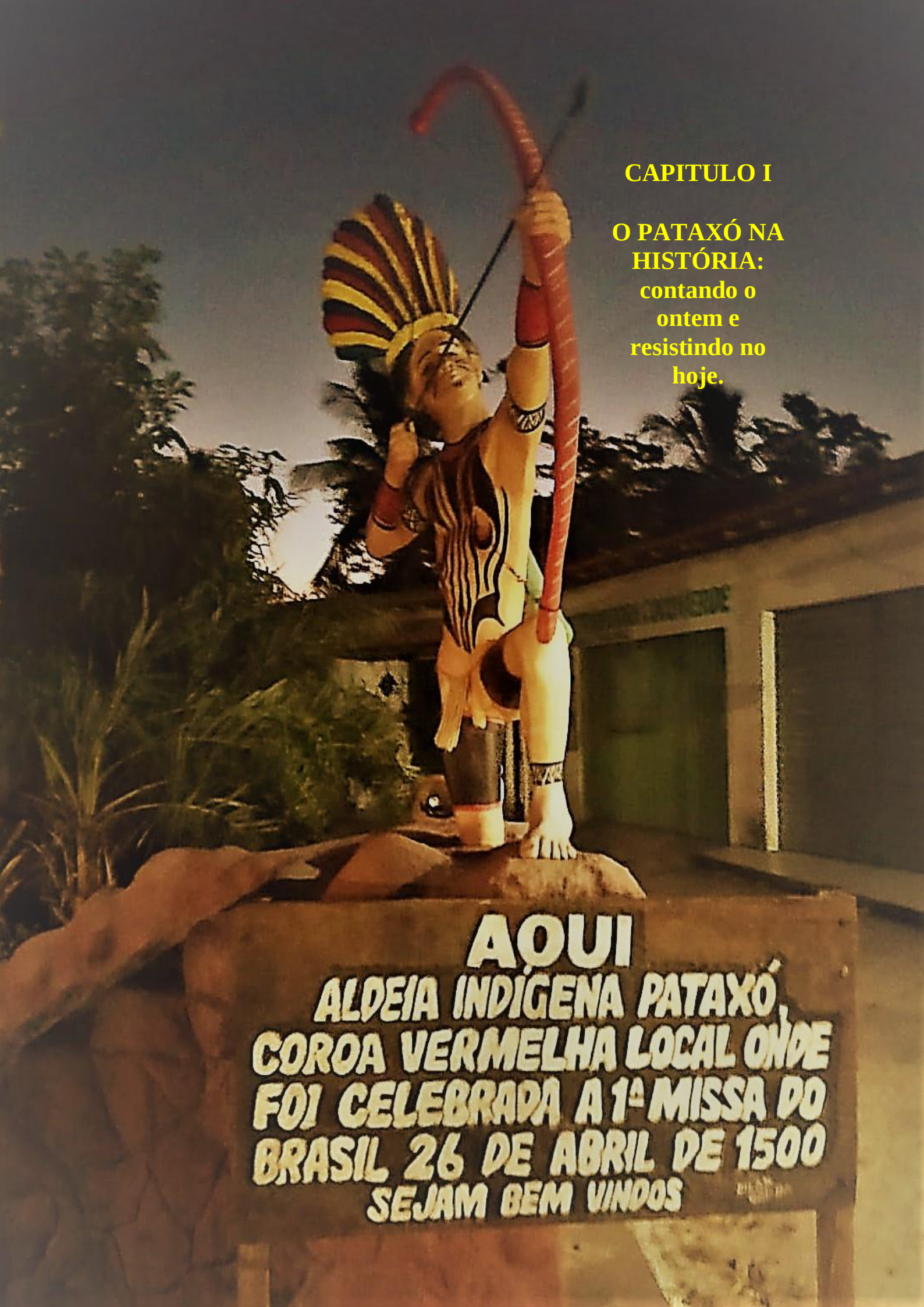
Tendo esse sentimento de preocupação com o nosso povo, procurei zelar e respeitar o distanciamento, bem como fazer o uso do álcool gel 70% e fazer uso de máscara para desta maneira preservar a minha vida e de todos nesse decorrer de tempo. É importante frisar que a pandemia trouxe enorme impacto social e econômico, às populações indígenas, acostumadas a circular pela aldeia, dependentes da prática do comércio, de suas vendas e entrega dos artesanatos produzidos.

Sabemos que de alguma forma nosso país tem vivido um momento de (des)governo total. Entendendo que existe um silenciamento muito grande dos poderes públicos em todas as instâncias quando o assunto é a população indígena. De modo geral, percebemos que a questão política acaba sendo discutida no âmbito dessa construção porque toda a nação indígena luta há muitos anos para manter uma saúde que atenda à todos da comunidade de maneira

eficiente e sabendo que na prática não tem tido a devida assistência merecida. A luta se torna ainda maior diante da realidade atual quanto a saúde. Por mais que as lideranças tenham emitido ofícios comunicando a situação atual da aldeia Pataxó para os governantes, a ajuda nunca chega em tempo hábil e a consequência desse triste processo de morosidade governamental é a perda de vidas indígenas dentro da aldeia, infelizmente.

Diante da situação atual, os povos indígenas passam por um momento de transição, mas também de resistência para permanecer dando continuidade a sua história e existência, agora com mais uma luta para vencer contra o COVID-19, suas variantes e continuar em frente. Enfrentar o coronavírus e as suas mutações enquanto vírus invisível não tem sido fácil. Mais uma vez, nós Pataxó e todas as lideranças, demonstramos para a sociedade que temos uma identidade de um povo que luta, vive, sobrevive e que resiste a tantos desafios por séculos. Desse modo, prosseguir com a pesquisa só tem sido possível com as TICs, em função dos recursos tecnológicos, através da internet como ferramenta útil, no uso de e-mails, whatsapp, nesse momento de distanciamento e isolamento social, tendo como maior prevenção a atitude de ficar em seus kijemes (casas) para cuidar de si mesmo e de todos os parentes.

Quando ficamos informados que esse vírus atinge e consegue infectar as vias respiratórias de humanos, mesmo tendo sintomas parecidos com os de uma gripe a nossa maior preocupação foi e ainda tem sido com as crianças e em especial os anciãos da aldeia, pois nos idosos o COVID-19 se torna mais nocivo por ter a possibilidade de existir uma baixa imunidade relacionado à saúde do parente, seja ancião, anciã, seja criança e / ou jovem e esse fato faz com que todos na aldeia, principalmente as lideranças estejam todo o tempo fazendo alertas para desta maneira evitar perdas humanas do nosso povo. VIDAS INDÍGENAS IMPORTAM!



CAPITULO I

O PATAXÓ NA HISTÓRIA: contando o ontem e resistindo no hoje.

Capítulo I

O PATAXÓ NA BAHIA: contando o ontem e resistindo no hoje.

Figura: 01. Mapa da Localização Geográfica da Cidade de Santa Cruz Cabrália no Estado da Bahia[1].
Figura 02: Nome de Cabrália na praia do Arakakaí[2].

A cidade de Santa Cruz Cabrália está localizada na Mesorregião do Sul Baiano, no litoral norte da Costa do Descobrimento, região do Extremo Sul da Bahia, no nordeste do Brasil. Sua área territorial até o ano de 1988 era de 3.200m^2. Com a emancipação política e administrativa do antigo povoado de Eunápolis, a área diminui para 1.722 km^2. Limita-se com o município de Porto Seguro ao sul, ao norte com Belmonte, a oeste com Eunápolis, e a leste com o Oceano Atlântico. Atualmente a cidade de Santa Cruz Cabrália possui uma área territorial de 1.550,791 km² de acordo com o IBGE/ 2010. A população da cidade, de acordo com o censo realizado pelo IBGE 2018, Santa Cruz Cabrália possui uma população estimada em 27.626 habitantes e 26.264 habitantes pelo último Censo realizado em 2010. Levando em consideração que estamos no ano de 2021, atualmente a cidade de Santa Cruz Cabrália possui uma população estimada em 28.058 habitantes, tendo desta maneira um crescimento considerável de 1.794 habitantes em relação ao último censo realizado em 2010[3].

Em 23 de julho de 1833, foi criado o município de Santa Cruz, com território desmembrado de Porto Seguro.

---

[1] https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Cruz_Cabr%C3%A1lia#Hist%C3%B3ria_[10]_[11]. Acesso em 15 agosto de 2019.
[2] Fonte: Acervo da autora.
[3] Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/santa-cruz-cabralia/historico. Acesso em: 08 de abril de 2020.

No dia 9 de março de 1935, o nome do município é alterado e pelo Decreto nº. 9.400, é acrescentado o nome "Cabrália" ao de Santa Cruz, passando, então, a se chamar definitivamente *Santa Cruz Cabrália*.

Sendo assim, se deu o início de uma tremenda trajetória conturbada político-administrativa para o povo indígena que já vivia no local. Um povo, uma cultura, uma comunidade, uma aldeia, passando por uma grande metamorfose, entendia a velocidade da invasão que aconteceria na história da aldeia e população indígena com todas as suas consequências.

A população indígena percebe que a presença do não indígena acaba ocupando seu habitat através da aquisição de terrenos por meio da compra desses espaços e tudo isso é muito contrário a tudo que o indígena sempre esteve habituado.

Na aldeia Pataxó Coroa Vermelha em conversa com Sr. Benedito da Conceição Braz, 63 anos de idade, ele nos conta que nasceu em Rio de Corumbau, mas morava em Barra Velha, e veio depois com seus pais morar em Coroa Vermelha. Depois de muitos anos vivendo na Aldeia Barra Velha, para que a família não passasse por muita dificuldade eles tiveram que mudar, com o desejo de ter um meio de fazer seus artesanatos e vender para viver e sustentar a todos: "meu pai tinha casa lá, maisi nois tivemos que mudá, tem tanto tempo que num alembro maisi não"[4]. Ele nos conta que veio para a Aldeia Pataxó Coroa Vermelha com seus dez pra onze anos de idade e descreve a preocupação que ouvia nas conversas do seu pai na família em como cuidar dos seus filhos quando via pessoas estranhas (não-indígenas) andando na aldeia:

> Era estranho pá nois, qui aqui num tinha quase ningém né, só nóis índio, maisi nois como já tava maisi rapazin precisava né, de cuidar. Daí nois fazia machadinha pá vendê e ficavo esperano aqueles ônibus chegá né. Tinha os ônibus amarelo né e quando eles chegavo nois corria então, tinha que ir pá poder de vender as machadinhas que nois fazia né. (BENEDITO DA CONCEIÇÃO BRAZ, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, 03 agosto de 2020).

Ameaçados em seu próprio território, o povo indígena Pataxó passou a se preocupar com todos os movimentos de mudanças ao redor da aldeia e de como iriam se manter nas suas terras para sobreviver com suas famílias e filhos. A vida para Sr. Benedito e todos os povos indígenas está relacionada com a terra e a natureza ao seu redor.

[4] Durante as reproduções, procurei conservar o modo de falar do Pataxó, respeitando através da sua fala todos os traços fonéticos e morfossintáticos quanto a pronúncia que caracterizam a língua portuguesa falada pelos Pataxó.

Figura: 03. Criança indígena Pataxó[5].

Assim sendo temos a perspectiva de desvendar suas origens históricas de constituição, ampliação e de desenvolvimento até a atualidade, partindo do anseio de escrever com veemência neste capítulo sobre a importante história da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, suas relações interétnicas como povo guerreiro do extremo sul da Bahia e com o desejo veio à iniciativa de constatar a presença do povo indígena que sempre estiveram no seu território desde o período colonial no litoral brasileiro e por esta razão buscamos as memórias vivas presentes no dia a dia desse povo como testemunho da sua coragem e obstinação.

Entendendo que revendo o passado construímos a percepção da atualidade e de como a cidade e os povos indígenas que aqui vivem como moradores originários, já habitavam e habitam, se desenvolveram e passaram a conhecer os hábitos e modos de viver do não indígena, pretendo demonstrar ao longo do capítulo relatos de membros da comunidade indígena Pataxó, sobre a sua saída da aldeia Barra Velha e chegada à aldeia Pataxó Coroa Vermelha, bem como as razões para este êxodo.

Percebendo que a construção de uma cidade em território indígena é uma grande agressão aos povos originários, apontar os detalhes dessa agressão se faz necessário, quando nos deparamos com as mudanças nas estruturas da aldeia, quando são construídas as primeiras residências em formatos totalmente diferentes, a maneira como essas residências estão distribuídas dentro da aldeia, asfaltos para passagem de transportes e os próprios modos de viver muito distantes do Pataxó e toda a sua cultura.

[5] Fonte: Acervo da autora. 2020.

O estranhamento e espanto se fazem presente nos rostos dos indígenas, bem como a curiosidade que surge de uma observação do diferente em seu espaço territorial.

Reconhecendo a importância das comunidades indígenas e da sua relação com a natureza ao seu redor, bem como o ambiente e o seu modo de vida, os não indígenas passaram a ter contato e conheceram uma população ímpar que mostra maneiras diferenciadas e muito particulares de viver e se relacionar com seu habitat. Diante do exposto surge o interesse e a necessidade de se preservar e se conhecer os fatos históricos valorizando os povos originários que são habitantes dessa nação e região, respeitando como ponto de vista que devemos reconhecer e compreender que as terras brasileiras pertencentes aos povos indígenas e suas representações culturais estão e são muito fortes e presentes em sua memória neste século que vivemos. Segundo Oiti Pataxó[6] ser Pataxó é entender que:

> Nós somos um dos grupos étnicos maiores e circulávamos toda essa área territorial do Espírito Santo ao Extremo Sul da Bahia, por ser povo nômade e sem ter nosso território dividido tinha como essa área o nosso meio de sobrevivência. Povo livre que sobrevivíamos das florestas, caçava, colhia frutos, pescavam e guerreávamos de forma a nos manter guerreiros. Construíam as choças (xôxas) feitas de varões e troncos de árvores cobertas de palha de palmeiras, tiriricas, sapé ou mesmo marimbu. Praticávamos nossos rituais de forma espiritual. Fazíamos nossas pinturas sagradas.
> (OITI PATAXÓ, 10 de maio de 2020).

Diante do exposto, ser Pataxó é manter o sangue de guerreiro sempre vivo e ter seu território resguardado de interesses que não estão contemplados na cultura indígena, como viver e cuidar uns dos outros de maneira coletiva, por exemplo.

É povo guerreiro que luta pela sua sobrevivência desde o período colonial e que resiste desde a invasão do seu território. Desde o século XVI que os povos indígenas lutam pela sua existência. Sobreviveram e sobrevive à invasão colonial, à escravidão, conseguiu preservar a sua cultura e língua, bem como manter a sua identidade. Até hoje a luta é constante pela sua existência e ressignificação cultural, identitária, social e histórica. O povo Pataxó dorme muito tarde lixando gamelas, palitos de cabelo, chaveiros, marisqueiras entre tantos outros artesanatos feitos à mão com o uso da madeira, com o uso de penas de animais como galinha e pato. Estamos tratando de um povo que acorda muito cedo para ir trabalhar, seja na pesca observando a rede que foi lançada na noite anterior e / ou quando vão pescar e só retorna no dia seguinte, isso quando não fica mais dias na busca do alimento para seu sustento, bem como trazer peixe para vender.

[6] Graduado em Licenciatura Intercultural Indígena pelo Instituto Federal da Bahia (2018). Mestrando pela Universidade Federal do Sul da Bahia – PPGER - Programa em Ensino e Relações Étnico – Raciais 2019.

É justamente pela existência do povo Pataxó e pela sua resistência e relação com a terra que mostramos aqui um pouco desse povo que lida com o solo, seu chão com um olhar diferente. O olhar de respeito pela terra e de gratidão por tudo que ela produz é muito forte desde o momento quando cada indígena vai limpar, adubar a terra para plantar ou mesmo quando sai seja para ir vender seus artesanatos produzidos por suas próprias mãos, seja para prestar serviços como ajudantes de pedreiros, trabalhar nas barracas de praia como garçons, vendedores entre tantas funções nessa área. Daí algumas das responsabilidades do kakusú[7] quando jovem entre tantas que ele tem como esposo e pai quando se casa com sua escolhida.

Dando seguimento ao dia a dia de luta do povo Pataxó, temos as responsabilidades das jokanas que se inicia desde o cuidado com o seu kijẽme no limpar, preparar alimentos para o ê'txui[8] (esposo) e seus kitok[9] (menino) e se expande até aos cuidados com a educação familiar dentro da cultura indígena Pataxó, cuidados com a terra, com o plantio e /ou colheita para aquelas que além das tarefas de casa se debruça nos afazeres do trabalho profissional na escola, nas lojas que trabalham como vendedoras e / ou mesmo para as jokanas que possui seu espaço como comerciante, ou nos restaurantes como cozinheiras, garçonetes, nos hotéis como recepcionistas, supervisoras e por toda esta vivência que trago a afirmação que autoafirma a sua tão forte identidade de "povo guerreiro" que vai muito mais além do que simplemente lemos nos livros que trazem uma história totalmente eurocêntrica, colonial e muito distante da realidade e do cotidiano vivido dentro da aldeia.

Na aldeia Pataxó Coroa Vermelha encontramos nas praias maravilhosas toda intensidade natural que desenha um encontro com a Mata Atlântica resguardada e defendida na região pelo povo Pataxó.

Figura 04: Praia de Coroa Vermelha[7].

[7] Fonte: Acervo da autora.
[7] Kakusũ: A palavra Kakusũ na língua Patxohã significa HOMEM.
[8] Ê'txũi: A palavra ê'txũi na língua Patxohã possui acento til na vogal "u" e significa ESPOSO.
[9] Kitok: A palavra kitok na língua Patxohã significa menino.

Figura 05: Mapa do Município de Santa Cruz Cabrália[10]

.

A história de uma cidade é importante para toda a população e principalmente para os seus principais moradores, neste caso aqui temos a presença forte e marcante do povo indígena Pataxó que vive na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, terra indígena e muito visitada por imigrantes que viajam e resolvem retornar para morar depois que realiza uma viagem turística, ou seja, muitas pessoas vêm a passeio conhece a aldeia e desta maneira a cidade de Santa Cruz Cabrália na Bahia vai aumentando sua população mediante planejamentos feitos por esses turistas que decidem regressar para viver, pois sendo uma cidade com uma localização litorânea com lindas praias, o movimento é grande e intenso praticamente o ano inteiro.

É grande a presença de pessoas de todos os lugares do Brasil e região na aldeia. Os indígenas acabam tendo que conviver, porém com muita resistência a esta nova realidade. Toda a circulação do não indígena na aldeia passa a ser vista pelos povos indígenas como uma grande violação ao seu modo de viver e a sua cultura. Deste modo, a constituição de uma cidade que atende pelo nome de Santa Cruz Cabrália numa aldeia já existente no local passou a ser vista como um grande desrespeito quanto à presença e a historicidade do povo que sempre habitou na região. Considerada uma imensa violação das verdadeiras raízes do lugar e dos povos que sempre viveram no território.

A nova situação para os povos indígenas e sua localização enquanto aldeia conferia ao povoado uma posição nada favorável, pois diante do novo cenário, os Pataxó percebem os não-indígenas que chegavam para morar na aldeia como possíveis invasores e pessoas com interesses capitalistas voltados para as terras pertencentes aos indígenas.

[10] Fonte: Arquivo Municipal de Santa Cruz Cabrália.

Com grande rapidez o povo Pataxó busca se unir nas suas grandes ocas onde realizam reuniões para tomadas de decisões, ouvindo as autoridades da aldeia representadas pelas lideranças na pessoa do cacique e pajé, pois os mesmos estavam cercados pelos brancos que tomavam suas terras e aos poucos se viam sem espaço para crescer dentro da aldeia. De acordo com registros do Arquivo Municipal da cidade de Santa Cruz Cabrália:

> Em 1536 Pero de Campos Tourinho fundou na enseada da baía uma povoação, denominada Vera Cruz, que foi arrasada pelos Aimorés[11] em 1564. Por esse motivo, os habitantes mudaram-se para as margens do Rio Sernambetiba ou Rio João de Tiba, surgindo nova povoação conhecida por Santa Cruz. Segundo Fontana, a vila de Santa Cruz foi criada em 9 de maio de 1833 e instalada a 23 de julho do mesmo ano. Manteve-se autônoma até 8 de julho de 1931, quando foi extinta e anexada ao município de Porto Seguro. Em 1933, passou a chamar-se Santa Cruz Cabrália. Em 30 de março de 1938, por força do Decreto-Lei estadual n.°10.724, a vila ganha autonomia política e categoria de cidade. (ARQUIVO MUNICIPAL).

No ano de 1564, os índios Aimorés arrasaram a povoação e o lugar escolhido para o novo núcleo ficava logo abaixo do platô, as margens do Rio João de Tiba em direção sul. O antigo nome desse rio era Sernambetiba. O desenvolvimento de Santa Cruz não foi diferente do restante da região, conhecida hoje como Santa Cruz Cabrália, uma das cidades da Costa do Descobrimento. Seu crescimento se deu em território indígena e foi estabelecido quando se tornou uma cidade. Desde então a aldeia Pataxó Coroa Vermelha é mais um remanescente de um povo guerreiro e que luta por suas terras e sobrevivência.

Figura 06: Rio João de Tiba que liga Santa Cruz Cabrália a Santo André[12].

[11] Os aimorés ou botocudos eram uma etnia indígena brasileira que habitava o sul da Bahia e o norte do Espírito Santo nos séculos XVI e XVII. Ao contrário da maioria dos povos indígenas que habitavam o litoral brasileiro no século XVI, não falavam a língua tupi. Nômades se abrigavam em cabanas temporárias cobertas com folhas de palmeiras. Sobreviviam principalmente da caça. Descrição feita por: GÂNDAVO, Pero de Magalhães Tratado da terra do Brasil- História da Província de Santa Cruz. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980, p.4. Disponível em: https://pib.socioambiental.org. Acesso em 25 de janeiro 2022.

[12] Fonte: Acervo da autora.

Segundo Cardoso (2019, p.159) o Rio João de Tiba na atualidade foi chamado pelo príncipe Maximilian zu Wied-Neuwied de Rio de Cabrália. Este rio é um cenário de memórias históricas dos indígenas que o atravessavam para realizar a compra de madeira para fazer seus artesanatos. Ainda segundo Cardoso: "durante sua viagem pela Mata Atlântica entre 1815 e 1817, acompanhando a frente de expansão colonial, registrou animais e plantas e os homens de vilas e habitantes da floresta, obteve alguns relatos sobre indígenas entre o Rio Mucuri e o Rio de Cabrália" (IDEM).

Figura 07: Travessia de balsa pelo Rio João de Tiba que liga Cabrália a Santo André[13].

Na atualidade, no que tange ao transporte dos moradores é de suma relevância falar sobre o uso deles, pois geralmente esses moradores transportam nas balsas mercadorias como artesanatos que são em sua maioria feitos pelos povos indígenas da aldeia Pataxó Coroa Vermelha entre outros produtos industrializados que são utilizados para a venda, o que garante o sustento de várias famílias indígenas.

O fluxo de embarcações no porto, voltado para atender o comércio local e regional sempre foi muito significativo e de acordo com Cardoso (2019, p.162) quando cita o relato do príncipe Wied-Neuwied (1989, p.208) ao mencionar que: "é possível crer que os Pataxó tinham preferência por habitar áreas às margens dos rios e realizar movimentos entre o interior, a costa e por entre os interflúvios nas áreas de floresta". Por esta razão que os barcos transportam passageiros e produtos locais, como madeira, pescado e piaçava, que são matérias primas para o artesanato do Pataxó.

Novamente o Sr. Benedito da Conceição Braz nos contou da distância que enfrentava pela praia para conseguir comprar e/ou trocar seus artesanatos por madeira e farinha pra trazer para o sustento da família:

[13] Fonte: Acervo da autora.

Nóis ia pelo rio né, pá comprar madeira e quando saía pá Cabrália né, nois ia pela praia purque era mioó, como era tudin mata, num tinha casa não, então era mais rápido né, pá chegar e lá nóis vendia as machadinha de madeira trocavo pelas coisas, né que fartava pá nóis. Nóis trocava pur farinha né e ia buscar uns pau lá na serraria ni Cabrálha.
(BENEDITO DA CONCEIÇÃO BRAZ, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, 03 agosto de 2020).

Figura 08: Oca Pataxó[14].

Figura 09: Moradias indígenas[15].

[14] Fonte: Acervo da autora.
[15] Fonte: Acervo da autora.

A ALDEIA PATAXÓ COROA VERMELHA

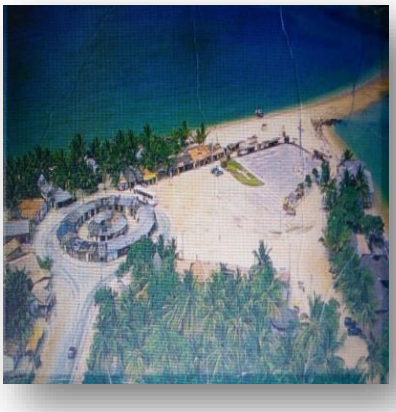


Figura: 10. Aldeia Pataxó Coroa Vermelha[16].

A aldeia Pataxó Coroa Vermelha localizada a 7 km do centro da cidade Santa Cruz Cabrália na faixa litorânea do Extremo Sul da Bahia, na região Nordeste, possui sua particularidade com a presença do povo indígena Pataxó que habita estas terras, entre as cidades de Prado e Porto Seguro, lugar conhecido como o "Berço da Civilização" brasileira e na atualidade também conhecida como "Costa do Descobrimento".

O território pertencente ao povo indígena é uma das características que reflete a luta e resistência de um povo e de uma aldeia indígena que tem batalhado todos os dias pelo bem estar de todos, com kijẽmes (casas tradicionais) feitas de palha do xandó e taipa, tendo como cobertura de marimbú (tiririca do brejo). A alimentação à base de mariscos do mar, ouriços, caranguejos, conchas, peixes é muito presente nas famílias Pataxó.

Em entrevista com Sr. Valdelito[17] Nascimento dos Santos, ele relata sobre a diáspora dos povos indígenas da Aldeia Barra Velha para Coroa Vermelha e nos explica sobre o artesanato que:

> Quando nós chegamos em Coroa Vermelha, nois teve bastante dificuldade pra trabalhar com artesanato, porque nós trabalhava com a agricultura. No caso, era plantar, colher, era pescar, caçar, essas coisas. Mais eu já tinha uns parente meu aqui que já trabalhava com o artesanato, então nois vêi aprender com eles, trabalhar com artesanato. Aí nós começamos trabalhar com artesanato. Hoje nós sobrivevi disso aqui, nós sobrivevi do artesanato. Aqui hoje tem agricultura, tem a pesca e tem o artesanato. Cada um vevi de um, mas porém, o dinheiro gira em forma de todos porque nós vivemos do artesanato, o turista vem

[16] Fonte: FUNAI.

[17] Valdelito Nascimento dos Santos, também chamado de Oiti Pataxó é natural da Aldeia Barra Velha e depois viveu no Pé do Monte em Monte Pascoal local de seu nascimento. Atualmente vive na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, tem 51 anos de idade, é artesão indígena desde os 06 anos.

até a gente pra que a gente possa tá comprando nas mãos dos agricultores e dos pescadores. (VALDELITO NASCIMENTO DOS SANTOS, 21 de julho 2020, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha)

Figura 11: Kijẽme (Casa tradicional) indígena[18].

Na busca de maiores informações sobre os meios de sobrevivência em especial nesse momento sobre o comércio, tive a oportunidade de realizar uma entrevista com Sr. Marcelo[19] Conceição Santana acerca do assunto e ele nos relata que:

> Então, o forte mesmo do povo indígena Pataxó depois de lá do fogo de 51, nosso povo tornaram a se ajuntar de novo lá em Barra Velha e o forte deles mesmo é a agricultura e a pesca né....é tanto qui o nosso avô .....nosso né ...morreu no mar pescano né..ali no mar...região de Barra Velha, depois dessa guerra de 51. (MARCELO CONCEIÇÃO SANTANA, 10 de março de 2021, Aldeia Pataxó Agricultura).

Diante do exposto, os povos indígenas passaram a ter mais um desafio que traz a memória sua resistência ancestral que era o fato de buscar entender sobre o comércio e o seu funcionamento para permanecer em seu território, pois exercer a profissão de negociante se tratava de uma novidade para o indígena Pataxó acostumado a viver unido a terra e a natureza.

Eles teriam que aprender a lidar com a troca, com a compra e a venda de produtos artesanais e demais produtos e juntamente com tudo isso aprender e entender sobre valores, mercados, enfim, sobre negócios. Deste modo, em todos os percursos o Pataxó está sempre se reinventando, se reestruturando e mantendo viva sua raiz.

---

[18] Fonte: Acervo da autora.

[19]Marcelo Conceição Santana, também chamado de Muntum Pataxó é natural da Aldeia Trevo do Parque no Monte Pascoal, veio para a Aldeia Pataxó Coroa Vermelha com doze anos de idade onde vive atualmente com sua família na Aldeia Pataxó Agricultura, tem 37 anos de idade, artesão indígena e comerciante.

Se tratava de um desafio ao qual o Pataxó se fortaleceu mais ainda para manter a sua raiz viva e deste modo trazer a força de sua cultura. O artesanato era criado nas aldeias, porém não era objeto de venda para a sobrevivência do povo Pataxó. Na atualidade o artesanato é feito pelas mãos indígenas para serem vendidos aos turistas e visitantes, pois, ainda na época da dispersão dos povos indígenas por causa da perseguição na aldeia Barra Velha, não havia tantos turistas por aqui, nem tampouco havia divulgação deste lugar ainda "inóspito" se assim podemos caracterizá-lo outrora.

Sobre o artesanato o nosso parente e amigo Marcelo ainda nos explica que:

> O artesanato em si...vem sê bem....fonte de renda do indígena foi bem depois agora, depois aí de 1995 pra cá né... é...., mas o indígena ele fazia...mais era pouco né... artesanato né, não era pra comércio já assim tanto assim né... O pessoal de Barra Velha vivia mais era da pesca e da agricultura né. Fazia também colar de semente né...assim..., mas não tinha tanto esse como meio de sobrevivência né... é tanto que eles trocava o peixe pela farinha nas outras aldeia e fazia comércio assim né...trocano... entendeu...Nós que não somos dessa geração né... dos mais velhos..somos de uma geração mais nova já alcancemos o comércio também né....além da agricultura que nós planta e pescamos também, mas nós juntamos tudo para sobreviver hoje né. (MARCELO CONCEIÇÃO SANTANA, 10 de março de 2021, Aldeia Pataxó Agricultura).

Percebemos que poucas famílias de brancos moravam nessa área, mas a sua presença no futuro implicaria numa aproximação, integração e grandes relações interétnicas e interpessoais aconteceria de maneira mútua e com isso haveria uma reciprocidade entre os povos. O Sr. Benedito da Conceição Braz, sobre o reconhecimento das terras da aldeia Coroa Vermelha, ele nos explica que:

> Então, a luta dessas terra aqui uns diz pá nóis que foi de muito tempo né, de mais de 24 ano né, outros parente conta que foi maisi de 30 ano e eu só sei qui eu tinha né, uma casa em Barra Velha e compraro, saimo da terra, deixamo tudo lá e nem pagaro pá nóis né e vim pá cá ainda muito novo e tô aqui até hoje [risos]. (BENEDITO DA CONCEIÇÃO BRAZ, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, 03 agosto de 2020).

Durante esta ocasião o povo Pataxó, juntamente com suas lideranças, viajava bastante para procurar apoio das autoridades no sentido de admitir as suas terras como indígenas. Os indígenas sempre tiveram a consciência de que as terras de Coroa Vermelha pertenciam ao seu povo e com este pensamento muitos deles regressaram para buscar mais oportunidades e assim poder criar seus filhos, pois o turismo havia aumentado muito nessa região.

O povo indígena Pataxó de Coroa Vermelha tem em suas memórias uma história de obstinação e peleja assim como muitas outras etnias do Brasil.

Entendendo que o episódio conhecido como "Fogo de 1951" é um fato muito presente

nas memórias dos povos indígenas Pataxó de todas as aldeias aqui da região, na atualidade essas lembranças refletem e mantém viva a força para prosseguir avante. O fogo de 51 foi fruto de um fato que marcou a Aldeia Barra Velha, partindo da chegada de Dr. Barros que esteve na aldeia medindo a terra com argumento de demarcação da mesma para o indígena Pataxó, mas que na verdade se tratava de um projeto de criação de um Parque Florestal impondo a saída dos verdadeiros donos da terra do local, ou seja, um plano para a retirada dos povos indígenas. Sr. Valdelito Nascimento dos Santos, nos explica acerca do seu nascimento e, como foi para sua mãe se livrar da morte quando aconteceu o Fogo de 51 e a diáspora dos povos indígenas da Aldeia Barra Velha para Coroa Vermelha e nos diz que:

> Na época que eu nasci lá é..... [....em silêncio o Sr. Valdelito, baixa a cabeça], a minha mãe teve que sair de lá corrida pra não morrer, o meu avô teve que pegar minha mãe, levar ela lá pro mato, esconder ela numa oca de pedra pra não morrer e de lá eles saíram pra fora e depois voltaram pra o Pé do Monte, foi aonde eu nasci, no Pé do Monte Pascoal. Nessa época lá agente não tinha contato fora da aldeia. Nós sobrevivia dentro da aldeia, nós sobrevivia da mata. Eu fui criado com carne de caça e peixe. Eu fui criado no centro da mata. Depois que nois vêi pra qui, na época o governo chegou e disse que ia fazer do Monte Pascoal uma área florestal, mas assim que agente saiu começaram a derrubar nossas madeiras. Foi na época qui nois vêi aqui pra Coroa Vermelha. (VALDELITO NASCIMENTO DOS SANTOS, 21 de julho 2020, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha)

Para nos trazer mais entendimento do fato, Souza (2012) nos afirma que:

> Foi a partir da visita da comitiva liderada pelo Dr. Barros, que dizia estar apenas cumprindo ordens, que a vida dos Pataxó nunca mais foi a mesma. Anos depois, diante das ameaças sofridas com a criação do Parque Nacional do Monte Pascoal (em 1943), Honório Borges, um velho com mais de oitenta anos, empreende, em 1949, juntamente com outros parentes, uma viagem ao Rio de janeiro, em busca de uma solução para o problema. Segundo Carvalho (2009, p. 511), Honório viajou nas companhias de Manuel Caetitu e Leôncio para o Rio de Janeiro e de lá alguém os teria levado até Niterói, onde teriam feito um pedido ao SPI de não deixarem suas terras serem invadidas, além de pedirem também ferramentas e roupas. Assim começaram as primeiras viagens de Honório, só interrompidas quando recebeu a promessa de que viriam resolver o problema do território (p. 27).

Além disso, é importante salientar que:

> [...] dois homens chegam à aldeia de Barra Velha, dizendo terem vindo do Rio de Janeiro para demarcar a área para os Pataxó. Um dizia ser tenente e, o outro, engenheiro. Estando em Barra Velha, fizeram uma reunião com os chefes de família pataxós, todos tendo sido convocados, mesmos os que moravam mais distante, no entorno do Monte Pascoal. Os dois já chegaram em Barra Velha mandando abater gados dos vizinhos para a alimentação do pessoal e perguntando onde ficava o comércio mais próximo, no qual pretendiam buscar ajuda. Acompanhados e sob as

> ordens dos dois homens, os Pataxó foram até o comércio de Teodomiro Rodrigues, em Corumbau, e assim que chegaram, os dois homens, em vez de pedir ajuda, anunciaram que aquilo era um assalto, ferindo e amarrando Teodomiro, obrigando os Pataxó a pilhar a mercadoria da venda e a cortar a linha telegráfica. Neste momento, os Pataxó perceberam que haviam sido enganados, mas era tarde demais, os dois homens deram ordem para que todos conduzissem a mercadoria para a igreja e que ninguém fugisse. Algumas famílias, contudo, puderam fugir principalmente as mulheres com seus filhos. (SOUZA, 2012, p.27-28).

Após a tentativa de eliminação desta população, é necessário deixar claro a informação que mesmo diante desta situação de afronta contra os povos originários, entendemos que Coroa Vermelha é fruto da dispersão Pataxó, sendo assim é importante saber que:

> Morreram muitos índios nesse massacre e outros se refugiaram em outros locais, assim formando novas aldeias. Os primeiros índios que retornaram a Coroa Vermelha foi a família de Manoel Siriri, em 1973. Após esta data, muitos outros índios foram chegando para esse local, procurando, com isso, melhores condições de vida, com a venda do artesanato, a pesca e o marisco, pois este lugar era um ponto turístico. (ALDEIA PATAXÓ DA JAQUEIRA, 2011, p.23).

De maneira enganosa em relação ao desconhecido, ficou o sentimento de muita luta e resistência de uma aldeia e de um povo que se viu sendo usado por dois homens para um assalto, pois um se apresentou como tenente e o outro como engenheiro, ambos do Rio de Janeiro que estariam na aldeia Barra Velha (Aldeia Mãe) com o argumento de serem ordenados a medir a área territorial do povo Pataxó para serem demarcadas. Diante do argumento os dois homens conseguiram obter a confiança de alguns indígenas, quando na verdade tratava-se de pessoas que já tinham a intenção de trazer o sentimento de culpa para os indígenas que foram aqui enganados, criando um escândalo contra o povo indígena que tinha sua vida sem conflitos dessa dimensão.

Figura: 12. Placa de identificação da Aldeia Indígena Pataxó. Local da Primeira Missa no Brasil. Coroa Vermelha. Santa Cruz Cabrália-Bahia[20].

[20] Acervo da autora.

Assim como sabemos que os povos indígenas fazem parte da nação e a nação se constitui pela existência dos povos indígenas nos mais variados contextos sociais e em cada território, entendemos que cada povo tem se deparado com o seu lugar para agir em respeito com os seus costumes e por esta razão estão em constante organização e manutenção da sua cultura. Da mesma forma existe um grande valor e respeito por cada anciã e ancião dentro da aldeia e comunidade.

Nesse sentido, entendendo que os anciãos precisam ser respeitados e cuidados todo o tempo dentro da aldeia, por serem os mais velhos, procurei cultivar mais e mais a minha aproximação com Dona Edite. Estou falando de uma anciã muito cismada com quem já vinha aperfeiçoando uma relação de amizade e confiança com D. Edite há mais de quatro meses até conseguir estar com ela na aldeia Pataxó Coroa Vermelha.

Dona Edite da Conceição Braz tem 86 anos e vive na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha. Nascida na Aldeia Barra Velha, mãe de cinco filhos, filha da Dona Cecília da Conceição Braz. Chamada carinhosamente de Biza na sua família, dona Edite narrou o pavor que foi proteger a vida dos seus filhos estando grávida e tendo que correr do local que no momento trazia muito medo e que no desespero de levar os filhos para um lugar seguro se refugiou na mata por muitos dias. Dona Edite nos relata muito emocionada a sua memória do Fogo de 51:

> Num converso muito disso não, não gosto...[silêncio] Foi um tempo difici né, eu era muito nova, maisi já tinha meus fii e tava prenha de outo. Nois que era mãe tinha qui cuida dos kitok purque num intendia muito tudo aquilo.
> Nois sabia que tinha que correr e ajeitá né pra sair dali né. Nóis ouvia os tiro, mas ninguém ia lá né.... Num sei pá quê tanta mardade com nóis...
> (EDITE DA CONCEIÇÃO BRAZ, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, 11 de agosto de 2020).

Os povos indígenas lutam a 522 anos pelo reconhecimento e pelo respeito a diversidade existente. Dona Edite se emocionou muito durante esse relato e juntamente com ela me emocionei também, pois em determinados momentos acredito que as lembranças trouxeram medo de reviver momentos terríveis e seus olhos se encheram de lágrimas. Num dado momento ela abaixou a cabeça sinalizando que até hoje não entende o motivo de tanta violência. Diante do acontecimento foi necessário que se unisse a família e buscasse segurança e depois desse ataque violento à Aldeia Barra Velha, os indígenas se dispersaram pela região.

Em se tratando da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, segundo Carvalho, “costuma-se fazer referência aos Braz como estabelecidos nos arredores de Barra Velha” (2009, p. 515).

Faz-se relevante apresentar relatos de tudo que foi vivido pelos indígenas que se viram diante da morte de seus entes queridos, queima de ocas, estupro de mulheres e tortura de crianças. Muitos foram obrigados a abandonar suas terras e migrar para outros lugares em busca de segurança. Mais uma vez Dona Edite nos traz essa memória, ela nos conta como fez para cuidar dos seus filhos sozinhos na mata diante da situação que a aldeia Barra Velha estava passando:

> Pá proteger os meninu sozinha, porque nesse tempo eu já não tinha mais meu guerreiro Kakusú [esposo] comigo, ele era pescador e morreu pescando mukusui e eu tive que correr levano todos os fii e durante o dia já mandava os maió pegar madeira porque quando anoitecia precisava juntar madeira, muita madeira e fazê uma fogueira pra aquecer os fii durante o sono deles e usar o calor da fogueira pá se proteger também né, pá espantar os bichos da mata pu mó de num picá eles... né. Daí eu fazia as kairana pra eles deitar perto do jompek pra ficá quente, por mó de... de não ter os tupsay pra cubri os kitok.
> (EDITE DA CONCEIÇÃO BRAZ, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, 12 de agosto de 2020).

Nas memórias dos povos indígenas que vivenciaram tal episódio é muito presente a lembrança da dor, o choro e o sofrimento pelas perdas de seus familiares, lutas e, sobretudo para cuidar dos seus filhos nas condições que muitas famílias se encontravam no momento, sem falar da sua identidade que no momento não podia ser revelada para ninguém, tudo isso com a intenção de se manter vivo e sobrevivendo com a família e os parentes. Durante uma semana fui regularmente à casa de D. Edite para fazer visitas e continuar com nossa conversa porque ela não gostava de se lembrar dos dias tão difíceis que viveu e discorrer sobre isso. Segundo Dona Edite:

> Demorô demais aquela situação na aldeia, os parente num sabia o qui fazê, tinha que fugir pela mata e fugi dos guarda, daí andei com meus meninu por muitos dias e noites até chegar na Aldeia Pé do Monte onde fiquei um tempo lá com meus parente que encontrei lá.
> (EDITE DA CONCEIÇÃO BRAZ, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, 12 de agosto de 2020).

Partindo desta diáspora que diversas famílias tiveram que buscar novos espaços territoriais para viver e assim (re)construir uma vida que outrora viviam. Houve a urgência e necessidade na estruturação e formação de novas aldeias e assim ocorreu com o grupo Pataxó. Diante da situação vivida pelos indígenas Pataxó durante a grande migração, temos na atualidade trinta e seis aldeias, estando localizadas trinta no Estado da Bahia e seis no Estado de Minas Gerais que são as aldeias Pataxó localizadas nos municípios de Carmésia onde está a fazenda Guarani: Imbiruçu, Retirinho e Sede, em Itapecerica está localizada a Aldeia Moãmimati e Arassuaí onde está localizada a Aldeia Cinta Vermelha Jundiba e em Açucena

onde está localizada a Aldeia Jeru Tukumã.

Diante de um novo contexto de grandes interesses políticos e por causa do medo de repressão e da violência já vivida outrora, os indígenas passaram a omitir a sua identidade, sua língua, guardando e preservando suas particularidades somente entre os parentes indígenas. Sendo assim, houve um período que o indígena precisou chegar ao ponto até de deixar de falar o Patxohã que é como língua, um símbolo forte do povo Pataxó, se vendo praticamente obrigado a manter a sua própria identidade negada para poder sobreviver.

Perante esse fato, Baniwa (2006, p.32) nos diz que:

> É importante destacar que essa mudança de superação da autonegação identitária imposta trouxe outros constrangimentos para os povos indígenas, ainda hoje presentes no dia-a-dia de muitos índios. [...] Com a emergência do movimento indígena no início da década de 1980, essa realidade sociocultural mudou completamente. O valor sociocultural passou a ter outra referência. Começaram a ser valorizados os povos que falavam suas línguas originárias e praticavam suas tradições. (BANIWA, 2006, p.32).

Para além desse momento vivido pelos indígenas Pataxó perante uma sociedade que não reconhecia seus valores culturais ainda, eles enfrentaram o desafio de se adequar ao sistema social mais uma vez imposto pelo não indígena, tendo que aprender a falar a língua portuguesa que além de não ter nada a ver com suas raízes desvaloriza toda a nação indígena por ser uma língua estrangeira. Deste modo, houve uma necessidade de adaptação e de fortalecimento do povo Pataxó e sua cultura para proporcionar uma superação cultural de tudo que estavam passando. Até porque aprender a falar outra língua que não fosse o Patxohã passou a ser um avanço dentro do contexto social, porém de alguma maneira esse suposto "avanço" era visto como uma grande ameaça às raízes culturais do povo indígena Pataxó.

Em entrevista com Sr. Valdelito Nascimento dos Santos, ele nos explica sobre o que aconteceu com a língua Patxohã em meio à violência do Fogo de 51 e afirma que:

> No massacre de 51, nós perdemos toda a nossa cultura, nós perdemos nossa língua que é o Patxohã, então começou resgatar do ano de 2000 pra cá. Então começamos a resgatar o Patxohã e assim começamos a resgatar a nossa cultura original. (VALDELITO NASCIMENTO DOS SANTOS, 21 de julho 2020, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha).

Deste modo, a retomada do uso da língua Patxohã, que é sua língua materna precisa ser valorizada por cada parente como maneira de fortalecimento da cultura e da identidade indígena. Segundo Anari Bomfim[21]:

[21] Anari Braz Bomfim é mestre em estudos étnicos e africanos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Sua dissertação foi a primeira a abordar o trabalho empreendido pelo povo Pataxó em torno da retomada de sua língua.

> No cotidiano, o povo Pataxó usa o português para comunicar-se, no entanto, identificam-se, também, o uso de vocábulos que são oriundos da língua Pataxó e através do processo de retomada da língua que se desencadeia em 98, os Pataxó reaprendem a língua novamente, como movimento coletivo, isso não quer dizer que todos os indivíduos pataxó estejam mobilizados do mesmo modo (BOMFIM, 2012, p.23).

Segundo Bomfim (2012, p.25), se falar a língua indígena era motivo de chacota, também ser indígena e não saber mais falar a língua indígena era e ainda é motivo de preconceito. Também a reafirmação desses povos como indígena, segundo Baniwa, demonstra uma decisão qualificada quanto à "valorização positiva da denominação genérica de índio ou indígena, expressa por meio do termo parente, simboliza a superação do sentimento de inferioridade imposto a eles pelos colonizadores durante todo o processo de colonização" (BANIWA, 2006, p.31). Com tudo isso acontecendo, deixar um ensinamento para as gerações futuras é muito forte, pois quem tem suas raízes como parte plantada na terra e toda a sua natureza possuem a resistência para prosseguir sem esquecer sua essência identitária.

Diante desse fato relacionado à língua é importante salientar que tanto na época, quanto é na atualidade, não foi, nem é fácil superar a autonegação da sua própria língua, nem é fácil viver longe da sua terra, distante de parentes e ter que buscar novos espaços para viver com suas famílias. Estando em outra terra, as lutas perduraram muito e para poder subsistir vieram os desafios como a tarefa difícil que foi o de precisar enfrentar uma visão da sociedade totalmente diferente da cultura indígena. Diante do exposto, busquei realizar uma entrevista na autoria indígena para entender com clareza através de uma explanação acerca da minha inquietação sobre a língua Patxohã e conversando com a Adriana Pataxó em março de 2021, ela nos informa que:

> O Patxohã, considerada pelo Povo Pataxó como Língua de Guerreiro, faz parte de um processo de "revitalização". Consideramos como língua materna por ser a língua tradicional do nosso povo, mas sabemos que linguistica mente, nossa primeira língua falada é a língua portuguesa, é também por meio dela que acontece a maior parte de nossa comunicação cotidiana. É possível afirmar que entre os parentes Pataxó, nem todos dominamos o idioma Patxôhã, uma vez que ele continua em processo de estudo, pesquisa, construção. Existe um grande vocabulário que através dos Atxôhã, grupo de pesquisadores Pataxó, vem sendo ampliado com regularidade, professores de língua possuem maior domínio de nossa língua, no entanto, acredito que ainda não seja possível afirmar que todos os sujeitos indígenas falem a língua com fluência. A língua também é um demarcador da colonização e hoje, possivelmente, se encontre afirmações entre os pares sobre quem fala a língua e domina o idioma Pataxó tem mais legitimação. No entanto, essa é uma problemática que deve ser refletida com bastante cuidado, pois, só reforçaria preconceitos e estigmas deixados pela colonização, visto que, a língua é apenas mais uma de nossas características identitárias, mas ela não define a

> nossa identidade étnica que é múltipla, e ao pensarmos nas identidades que carregamos enquanto sujeitos indígenas, temos aí muitas outras características que fazem parte de nós. Assim, embora situações como essa possam ocorrer, elas não devem ser consideradas a partir do todo e nem podem representar um demarcador de legitimidade, numa sociedade em que os sujeitos indígenas se encontram em espaços híbridos e múltiplos. O fortalecimento da língua Pataxó precisa ser para fortalecimento da cultura e de nossa história, mas não pode ser usada para estabelecer marcadores, estereótipos (só é indígena, quem fala a língua) e nem segregação. (ADRIANA PESCA[22], 25 de março 2021, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha).

Hoje, sabemos que numa tentativa de eliminar seus modos de vida, o processo apresentado como histórico foi e é degradante. A existência e a ressignificação cultural, identitária, social e histórica do Pataxó tem se fortalecido no seu cotidiano.

Quando se tem conhecimento da desempenhada quantidade de atitudes desenfreadas de destruição para satisfazer uma homogeneização vinda da Europa, que contribuiu e na atualidade contribui para que seja inviável a existência e sobrevivência dos povos indígenas, é que percebemos a gravidade da violência externa que levou até a autonegação identitária de cada indígena para se manter vivo enquanto povo Pataxó. Assim sendo, o processo de mudança cultural movido por questões de âmbito político, econômico e religioso contribuiu e contribui para que o modo de vida dos povos indígenas passe por mudanças e seja revitalizado. Diante disso, Baniwa (2006, p.29) nos diz que:

> A consolidação do movimento indígena, a oferta de políticas públicas específicas e a recente e crescente revalorização das culturas indígenas estão possibilitando a recuperação do orgulho étnico e a reafirmação da identidade indígena. (BANIWA, 2006, p.29).

Nesse sentido, a reafirmação identitária do Pataxó na atualidade está também na sua participação ativa da vida política da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha.

Assim sendo, a aldeia já tem indígenas que são vereadores na cidade de Santa Cruz Cabrália e outros indígenas já estão concorrendo às eleições de 2020 como candidatos à câmara de vereadores e no futuro teremos candidatos para as eleições de deputado estadual para estarem na bancada lutando pelo povo indígena brasileiro e do Estado da Bahia. Deste modo, estão atuantes na economia, vendem e compram matéria prima para a produção de seus artesanatos e acessórios, no âmbito religioso na maioria das aldeias encontramos igrejas de várias denominações e muitos indígenas convertidos como evangélicos.

[22]Adriana Barbosa Pesca é professora Indígena das redes municipal e estadual de ensino, atuante na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha e Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha, nas áreas de Linguagens e Humanidades. Graduada em Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena, na áreas de Artes e Linguagens. Mestre do Programa de Pós-graduação em Ensino e Relações Étnico-raciais - PPGER - Universidade Federal do Sul da Bahia.

Segundo Cardoso (2019):

> [...] os Pataxó viviam livres, podiam andar por todo um vasto território, pelas matas e rios que estavam sempre limpos e ricos em animais e peixes, a floresta era sua casa numa terra onde cercas e divisões não compunham a paisagem. Um tempo de abundância e liberdade, algo marcante na discursividade Pataxó e que começou a erodir no momento do contato (2019, p. 174).

Dentro deste modo de viver do Pataxó é importante que haja para além do respeito, o reconhecimento à diversidade étnica, de toda a população indígena de todas as etnias, povos originários, enquanto povo guerreiro, enquanto povo valente e habilidoso que até os dias atuais lutam e resistem todos os dias para manter viva sua vida, liberdade, existência, cultura, língua, não só onde estão localizados na atualidade, mas também para todo o povo brasileiro enquanto nação que possui seus valores culturais alicerçados na história e na memória dos seus ancestrais.

POPULAÇÃO INDÍGENA PATAXÓ DO EXTREMO SUL DA BAHIA

Figura 13: Monte Pascoal.[23]

Através do Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (FUNASA-SIASI, 2010) obtive dados concernentes ao conjunto da população Pataxó. O fato de não dispormos de informações sobre a metodologia utilizada pelo SIASI para a coleta desses dados dificulta a realização de uma análise detalhada do comportamento demográfico apresentado pelos Pataxó.

[23]Acervo da autora.

No entanto, tratando-se de dados populacionais disponíveis não seria possível negligenciá-los, em face do que adotamos a estratégia de imputar-lhes uma confiabilidade, de modo a tomá-los como representativos do montante de Índios Pataxó que vive na zona rural dos municípios de Itamaraju, Porto Seguro, Prado e Santa Cruz Cabrália. Levando em consideração que muitos indígenas vivem hoje em contextos urbanos com suas famílias.

Os dados do SIASI/SESAI registram, para 2014, 12.326 habitantes (sendo 6.729 homens e 5.597 mulheres) distribuídos pelas aldeias Barra Velha, Aldeia Velha, Boca da Mata, Meio da Mata, Imbiriba, localizadas em Porto Seguro; Pé do Monte, Trevo do Parque, Guaxuma, Corumbauzinho e Aldeia Nova, estabelecidas em Itamaraju; Coroa Vermelha e Mata Medonha, em Santa Cruz Cabrália; e, por fim, Águas Belas, Craveiro, Tauá, Tibá, Córrego do Ouro, Cahy e Alegria Nova no Prado, totalizando 19 aldeias.

Se compararmos os dados totais da população rural destes quatro municípios que, segundo o Censo de 2010, perfaz aproximadamente 50.000 hab., chegamos à proporção de cerca de (1) um Pataxó para cada 05 habitantes da zona rural destes municípios, aproximadamente a mesma proporção de Índios/população rural do estado do Amazonas, que possui a maior população indígena rural dentre as unidades da Federação pesquisadas pelo Censo 2010. No Estado de Minas Gerais, por outro lado, nos municípios de Carmésia, Itapecerica e Araçauaí viviam, segundo o SIASI/SESAI (2014), 349 pataxós (178 homens e 171 mulheres), que então representam 1,9% da população rural estabelecida nestes municípios.

No Censo Demográfico 2010, o povo Pataxó compõe - *pessoas indígenas, por sexo, segundo o tronco linguístico, a família linguística e a etnia ou povo* - com um total de 13.588 hab., sendo 6.982 homens e 6.606 mulheres. Conforme as *pessoas residentes em terras indígenas, por condição de indígena, segundo as unidades da federação e as terras indígenas*- constam, na Bahia, apenas as aldeias Águas Belas (232 hab.), Aldeia Velha (928), Barra Velha (3.064), Coroa Vermelha (3.541), Imbiriba (397) e Mata Medonha (874). Em Minas Gerais, há referência apenas à Fazenda Guarani (246 hab.) (IBGE, 2012).

Reconhecemos que a Aldeia Pataxó Coroa Vermelha é bastante heterogênea e diante das relações étnico-raciais existente, percebemos que essas relações fazem dessa aldeia um território que possui vários povos indígenas que são protagonistas de toda a riqueza cultural de um povo. Assim sendo, compreendemos segundo Baniwa (2006, p.28), uma etnogênese muito forte e presente pelas suas *extensões* na atualidade, de forma que o povo indígena vem se ressignificando e se fortalecendo como os verdadeiros sujeitos sociais da história que sempre foram e são. Conforme Gersem dos Santos Luciano, antropólogo Baniwa,

> (...)desde a última década do século passado vem ocorrendo no Brasil um fenômeno conhecido como "etnogênese" ou "reetinização". Nele, povos indígenas que, por pressões políticas, econômicas e religiosas ou por terem sido despojados de suas terras e estigmatizados em função dos seus costumes tradicionais, foram forçados a esconder e a negar suas identidades tribais como estratégia de sobrevivência – assim amenizando as agruras do preconceito e da discriminação – estão reassumindo e recriando as suas tradições indígenas. (BANIWA, 2006, p.28).

Deste modo, segue abaixo a distribuição da população da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha e suas extensões na atualidade.

Faz parte da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha mais oito aldeias também chamadas de extensões. Em cada uma dessas aldeias e/ou extensões temos a presença marcante de suas lideranças administrativas, políticas e espirituais.

Segue uma tabela com os nomes de cada aldeia e a quantidade de habitantes indígenas.

Aldeia Pataxó Coroa Vermelha							
Agricultura	Arueira	Carajá	Mirapé	Nova Coroa	Novos Guerreiros	Pororoca	Txihi Haywrá
397	411	3.241	389	867	276	400	560
Total: 6.541							

Tabela 01: Nomes das aldeias/extensões que constitui a Aldeia Pataxó Coroa Vermelha[24].

[24] Nomes das aldeias/extensões que constitui a Aldeia Pataxó Coroa Vermelha – Santa Cruz Cabrália - Bahia.

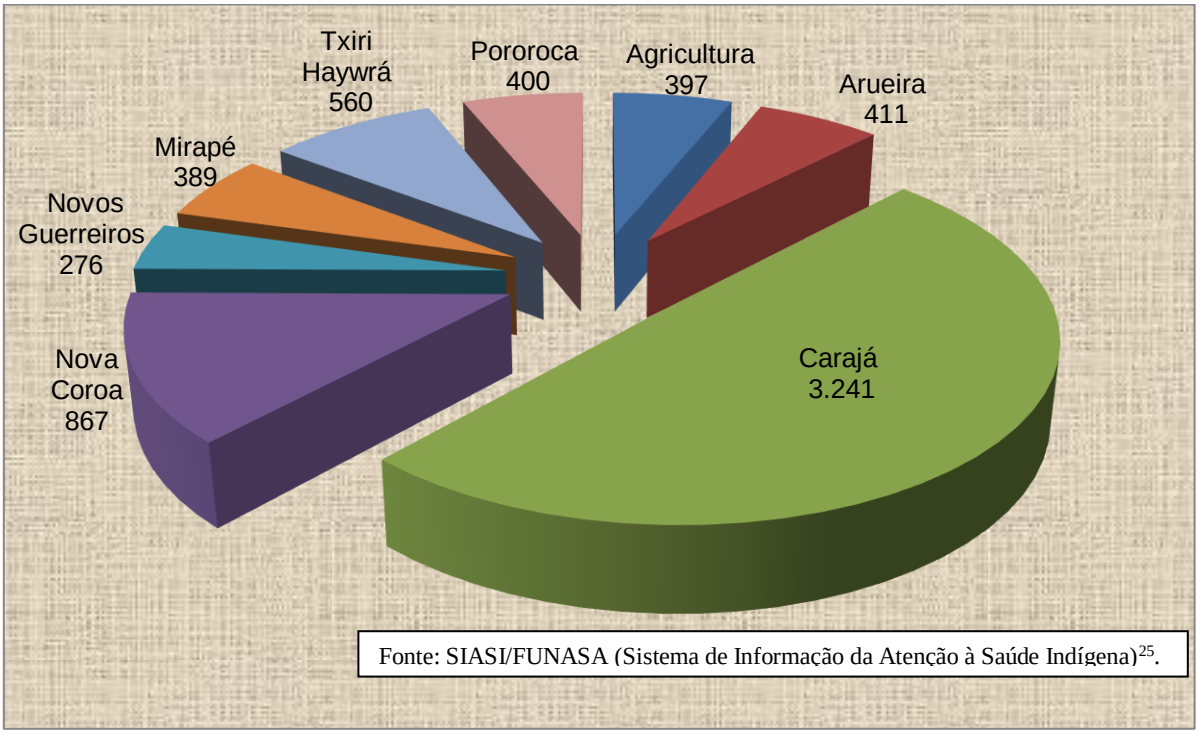


Figura 14: Aldeia Pataxó Coroa Vermelha e suas extensões.

O gráfico acima traz as subdivisões e/ou extensões da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha na atualidade. Pelo Censo realizado em 2012 pelo Intituto Brasileiro de Geografia e Estatística –IBGE, tínhamos o quantitativo de 3.541 habitantes indígenas vivendo nesse território.

Segundo o sistema da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) do Ministério da Saúde, representado através da SESAI, na pessoa do Srº Fernando Ferreira, responsável como técnico pelo Sistema de Informação local nesta comunidade, temos na atualidade aproximadamente o quantitativo de mais de 6.500 (Seis mil e quinhentos) habitantes indígenas. Este dado fornecido pela secretaria local de saúde só teve a possibilidade de chegar até nós pelo grande trabalho realizado por uma grande equipe de profissionais indígenas que atuam na área da saúde e atendem a todos dentro da aldeia.

Fazendo o levantamento total do gráfico acima, temos o quantitativo de exatamente 6.541 (seis mil, quinhentos e quarenta e um) habitante indígena na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha. Cada aldeia dentro da Coroa Vermelha possui uma grande participação social e político-administrativo em sua totalidade pelo fato de estarem unidas pelo Conselho de Caciques e demais lideranças.

---

[25] Gerenciado pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) do Ministério da Saúde, representado através da SESAI, na pessoa do Srº Fernando Ferreira, responsável como técnico pelo Sistema de Informação local nesta comunidade.

Segue abaixo o gráfico mostrando essa totalidade na união das aldeias dentro da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha.

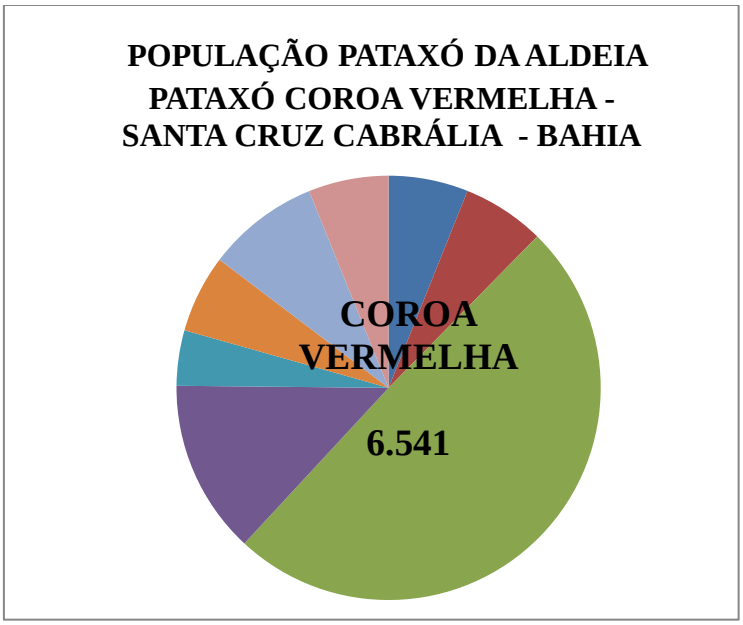


Figura 15: Aldeia Pataxó Coroa Vermelha.[26]

Para a população indígena se manter no seu território não é nada fácil. Os povos indígenas lutam diariamente por tudo. Acordam muito cedo para buscar seu sustento, resolver seus problemas, trabalhar, cuidar dos afazeres domésticos, fazer artesanatos, vender os seus artesanatos, cuidar dos seus kitok, cuidar do comércio, enfim, estão todo o tempo ocupados com alguma tarefa. Mesmo diante da pandemia a população indígena não pára de lutar e crescer. Este crescimento é essencial para os povos originários, uma vez que os troncos indígenas resistem na busca pela demarcação territorial já. Por causa da pandemia do COVID-19 não aconteceu o Censo Demográfico no ano de 2020 e o Censo de 2021 que seria realizado em função do adiamento do ano de 2020 também não aconteceu. Diante da situação, sabemos que houve nascimentos, mas sem a coleta dos dados junto à população realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, fica inviável deduzir o quantitativo de crescimento populacional a nível nacional, considerando que a pesquisa do censo é realizada de dez em dez anos. Sabemos que dentro da aldeia existe o Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (FUNASA-SIASI), mas diante da pandemia do COVID-19 e o surgimento de novas variantes o cuidado pela saúde e vida dos povos indígenas precisou e precisa de mais atenção para garantir que vidas indígenas não se perca pelo descuidado. Deste modo, as informações que seriam coletadas foram interrompidas até que este momento passe e o acesso seja melhor para todos.

[26] Gráfico com a distribuição total de habitantes indígenas na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha.

Figura: 16. Mapa das Aldeias Pataxó Sul da Bahia 2012[27].

1.3. OS PATAXÓ NA ÓTICA PATAXÓ

Uma das lideranças da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha é o Cacique Aruã Pataxó, que atua como Cacique a dezesseis anos. Com relação à aldeia ele nos informa em entrevista que: "houve um aumento significativo e importante da população indígena Pataxó na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha que possui aproximadamente seis mil famílias indígenas". (Cacique Aruã da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, agosto de 2020). Diante de quase uma década foi necessário a obtenção de dados atualizados quanto ao crescimento populacional dos povos indígenas na região do extremo sul da Bahia.

De acordo com a SESAI a população indígena regional na atualidade corresponde a 5.239 famílias, sendo 24.347 indígenas que sobrevivem do trabalho formal e em sua maioria pelo trabalho informal que está representado pela criação, produção e venda de artesanatos. Esta totalidade se distribui em 50 comunidades, sendo 43 Pataxós, 01 Pataxó Hã Hã Hãe e 06 Tupinambá que vive nos municípios de Itamaraju, Porto Seguro, Prado e Santa Cruz Cabrália.

É no segredo e na arte do saber ouvir o povo Pataxó que é inserido esta pequena contribuição que busca prestar uma homenagem através da memória, fazendo uso da história oral como uma metodologia muito importante onde se busca ouvir cada palavra dita pelo povo Pataxó enquanto protagonista da sua própria história.

[27] Fonte: FUNAI.

Para se ouvir a voz de um povo é preciso entender o silêncio, os olhares, os momentos em que sua respiração trava por ter tido uma lembrança que nem sempre traz à tona alegria, mas às vezes traz dor, lágrimas que foram e são derramadas até a atualidade por causa de um longo caminho que precisa permanecer sendo percorrido juntamente com todo o processo de desenvolvimento dentro da aldeia. Nesse intuito, desvendar a dinâmica deixando o registro da existência dos povos indígenas Pataxó da Costa do Descobrimento, em Coroa Vermelha, na cidade de Santa Cruz Cabrália e alcançar muitas informações, fortalece a sua narrativa e poderão ser utilizadas pelas gerações futuras que é uma das preocupações que justifica a criação deste ambiente de memórias que se destaca dos outros pelo seu protagonismo enquanto sujeitos da História do nosso país.

É através de um registro fazendo uso da escrita como ferramenta que materializa a história oral contada e revelada pelos povos indígenas Pataxó, que pretendemos mostrar que a história não possui uma única via, a história de um povo não é um beco sem saída, mas sim um percurso infinito que perpassa gerações. Ainda que aconteçam versões que possam causar algum embate ou até se contestar é com base nessas compreensões que de maneira coletiva vamos construir e permanecer escrevendo a história dos povos indígenas como marco da sua existência e resistência por várias épocas.

Dando visibilidade à história dos povos originários, sua ancestralidade, respeitando e valorizando todo o caminho percorrido até a atualidade e que percebemos um caminho de muita luta e superações. Assim sendo, é fundamental compreender primeiro, para sentir todo este legado de resistência de um povo. Entendendo que não se podem mensurar tudo o que foi vivido pelos ancestrais dos povos indígenas Pataxó. Assim sendo, trazemos as vozes representadas através das falas e do silêncio, no gesto de olhar e no olhar, na atitude de ocupar o seu espaço enquanto sujeitos da história.

Figura 17. Foto do Cacique Aruã Pataxó, Cacique da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha[28].

O Cacique Aruã Pataxó, chamado de Gerdion Santos do Nascimento nasceu no dia oito de agosto de mil novecentos e setenta e quatro (08/08/74), tem 46 anos de idade, é natural da cidade de Prado no Extremo Sul do Estado da Bahia, Território Indígena Barra Velha, seu pai se chama Benedito Nascimento de Jesus Filho e sua mãe Maria do Rosário Santos, seus avós paternos atendem pelo nome de Benedito Nascimento de Jesus e Emília Maria Braz da Conceição, seus avós maternos se chama João Guedes dos Santos e Valmira Laurinda da Purificação e seus bisavós paterno são Benvindo Braz dos Santos e Maria Braz dos Santos. Em sua caminhada enquanto liderança da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, o Cacique Aruã Pataxó tem buscado para além dos seus saberes culturais indígenas, manter-se atualizado.

Ele fez curso Profissionalizante em Administração, Bacharelado em Administração e é Pós-graduado em Gestão Pública. Além de conclusão e participação em vinte e oito cursos e oficinas de capacitação e formação profissional[29].

[28] Fonte: Acervo da autora.

[29]O Cacique Aruã nos relata toda a sua experiência profissional e comunitária e descreve que participou da: diretoria Executiva da Associação Pataxó da Reserva da Jaqueira em Porto Seguro/BA, cargo de vice-presidente e presidente, 1999 a 2004; professor da Escola Municipal Indígena Pataxó Coroa Vermelha, 2002 a 2004; Cacique da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, com início de gestão de 10/08/2004 e vigência em 2020; Coordenador Regional de Articulação Institucional das Comunidades e Instituições Indígenas, período de janeiro de 2009 a junho de 2010; Diretor Presidente da Federação Indígena das Nações Pataxó e Tupinambá do Extremo Sul da Bahia, mandatos de julho de 2010 a julho de 2023; Vereador e Vice -presidente da Câmara de Vereadores de Santa Cruz Cabrália/BA, 2013 a 2016; Vereador Primeiro Suplente de Santa Cruz Cabrália/BA, 2017 a 2020 e Coordenador de Projetos Especiais na Secretaria Estadual do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte do Estado da Bahia – SETRE/SESOL/BA, 2017 a 2020.

Em conversa com o Cacique Aruã Pataxó na oca comunitária em Coroa Vermelha, ele afirma que ser índio é:

> Sinônimo de Resistência e Esperança, lutar pela preservação da sua cultura, língua, crenças e tradições. Lutar pela sobrevivência, prosperidade, justiça social e PAZ. Ser índio, não é fácil, requer responsabilidades, direitos e deveres, contribuir e participar ativamente na vida e luta por direitos da sua comunidade. Ser índio é enfrentar todos os dias o preconceito e discriminação racial e sofrer violação dos direitos indígenas constitucionais. Ser índio, não é apenas nascer índio, mas também, viver em comunidade, promover a paz e união, preocupar-se com a vida e segurança dos parentes. Cada guerreiro e cada guerreira fazem parte de um conjunto e todos são importantes na Luta. (Cacique Aruã Pataxó, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, agosto de 2020).

Posso descrever que ir a campo foi um grande e desejado desafio. O trabalho realizado no campo de pesquisa antes da Pandemia foi de grande valor. Ter a oportunidade de estar perto, sorrir junto, sentir cada momento foi único e singular.

Tive a oportunidade de rever, conhecer e ouvir vários guerreiros e guerreiras, bem como alguns anciãos e anciãs da aldeia Pataxó Coroa Vermelha.

Estes momentos me fortaleceram bastante enquanto esposa de indígena e pertencente ao povo Pataxó, como também enriqueceram demais a escrita trazendo uma riqueza única de informações contidas nesta pesquisa e uma compreensão maior das mudanças ocorridas sobre o casamento indígena Pataxó.

Figura 18: Foto do Indígena e artesão Oiti Pataxó.[30]
Fonte: Cedida do acervo pessoal do Oiti Pataxó, 2020.

[30]Oiti Pataxó. Fernando Santana Carvalho. Possui graduação em Licenciatura Intercultural Indígena pelo Instituto Federal da Bahia (2018). Mestrando pela Universidade Federal do Sul da Bahia – PPGER - Programa em Relações Étnico – Raciais 2019.

Em entrevista com Oiti Pataxó, morador da Reserva da Jaqueira desde 2006, artista ceramista, pintor e escultor, busquei saber mais sobre como os Pataxó se vêem:

> **Oiti, quem são os Pataxó?**
> Nós éramos um dos grupos étnicos maiores e circulávamos toda essa área territorial do Espírito Santo ao Extremo Sul da Bahia, por ser povo nômade e sem ter nosso território dividido, tinha como essa área o nosso meio de sobrevivência. Povo livre que sobrevivíamos das florestas, caçava, colhia frutos, pescava e guerreávamos de forma a nos manter guerreiros. Construíam as choças (xôxas) feitas de varões e troncos de árvores cobertas de palha de palmeiras, tiriricas, sapé ou mesmo marimbu. Praticávamos nossos rituais de forma espiritual. Fazíamos nossas pinturas sagradas.

Notamos com muita clareza na fala do indígena e artesão Oiti Pataxó as verdadeiras raízes do povo indígena. E como sabemos o território não era dividido, todos os povos eram livres, viviam bem com suas famílias em suas terras. Assim sendo, a natureza, as matas e florestas que antes eram cheias de tantas espécies de animais e plantas tanto da terra quanto do ar, na atualidade está desaparecendo aos poucos, pois a cidade e todo o seu sistema destrutivo capitalista tem se achegado com grande velocidade nas terras e nos territórios dos povos indígenas em todo o Brasil.

Diante da autoafirmação feita por Oiti Pataxó, Baniwa (2006, p. 42) diz que:

> A reafirmação da identidade não é apenas um detalhe na vida dos povos indígenas, mas sim um momento profundo em suas histórias milenares e um momento de conquista e vitória que se introduz e marca a reviravolta na história traçada pelos colonizadores europeus, isto é, uma revolução de fato na própria história do Brasil. (BANIWA, 2006, p. 42)

Oiti Pataxó expressa com satisfação suas raízes afirmando o que é ser Pataxó:

> **O que é ser Pataxó?**
> É não perder a nossa raiz, de fato e tá cultuando nossa cultura de forma que nós se fortalecemos sempre a luta. É viver o nosso passado de forma respeitosa de nós representa Pataxó, no Awê, nas brincadeiras, nas atividades das comunidades e participar junto com seu povo, seu ancião a sua história. É vivenciar ela!
> (OITI PATAXÓ, 10 de maio de 2020).

Oiti Pataxó continuou fazendo uma explanação sobre a convivência e as formas que o Pataxó está envolvido na aldeia, e fortalece a história dos povos indígenas através da ancestralidade viva nas memórias dos anciãos e anciãs que se mantêm dentro da aldeia, e deste modo também identificando e dando visibilidade a outras características do povo Pataxó quando ele nos responde:

> **O que caracteriza um/o Pataxó?**
> Pelo respeito que convive um Pataxó de suas raízes e pelo fato da origem de sua aldeia mostra que essa é uma forma de se caracterizar

um Pataxó senão só da pintura, traços físicos e sim seu linguajá. O Pataxó em si tem sua marca registrada como Pataxó aonde ele chegar.

Como você se define enquanto Pataxó?
Um guerreiro que luta juntamente com o meu povo Pataxó, pela luta, pelo respeito dos direitos dos povos indígenas no Brasil. Quanto em prol do seu território e sempre na luta dos espaços que cabe nós pra garantir a nossa dignidade.

Como é viver como indígena Pataxó na atualidade?
É viver em dois mundos, o seu indígena e o não indígena, trabalhando de forma que o seu mundo indígena se complete com a atualidade que temos hoje para a nossa luta. Ser indígena na atualidade é pedir pra ser um guerreiro forte, na luta dos movimentos e ta buscando a se alinhar no atual ou intelectual de ser indígena no meio contemporâneo da vida das aldeias que cada dia mais se aproxima da realidade das cidades próxima. Isso mostra que pra ser indígena na atualidade é ser forte na sua convivência e abraçar algo que você imagina ser pra que você seja visto na sua comunidade e fora dela.
(OITI PATAXÓ, 10 de maio de 2020).

Oiti Pataxó sinaliza em sua fala que em meio a natureza também existe um ambiente de hostilidades onde infelizmente a violência, a rivalidade está sempre por perto.

Diante do exposto Arissana Souza (2012, p.44) nos explica que:

> Hoje, no Brasil, é comum ouvirmos questionamentos que colocam em dúvida a autenticidade e identidade de muitos povos indígenas que convivem, há algum tempo, com não indígenas e têm experimentado mudanças. Antes, esse preconceito era mais direcionado aos povos indígenas que vivem na região nordeste, mas mediante os diálogos que temos tido com outros povos e através da própria mídia, que tem escancarado esse olhar, vemos que essa concepção equivocada se estende a todos os povos indígenas que já introduziram na sua cultura elementos exógenos, tais como roupas, língua, dentre outros (2012, p.44).

Entendendo que é muito importante manter a cultura Pataxó ativa em seus rituais e sabendo que os rituais são afirmações que sustenta o espírito de guerreiro do indígena, perguntei para o Oiti Pataxó sobre os rituais:

Ainda ocorrem rituais?
Sim, porque temos nossa ancestralidade e temos como o forte da nossa espiritualidade de guerreiros, espiritualidade de aprendizagem dos anciãos e das nossas gerações que se foram, mas deixaram o significado dos rituais pra nós das comunidades. (OITI PATAXÓ, 10 de maio de 2020).

Quais são os rituais que ocorrem?
Em meio às comunidades Pataxó existentes, vai da comunidade o formato e a forma de se fazer e de praticar: casamento, nascimento, batizados, luto e outros como o plantio, colheita e fartura. (OITI PATAXÓ, 10 de maio de 2020).

Quando ocorre? Existe data definida para acontecerem?
Dentro das comunidades Pataxó, em meio aos seus membros da comunidade e pajé. (OITI PATAXÓ, 10 de maio de 2020).

Na História Pataxó, quais pessoas você destaca que foram importantes [caso tenha alguma, in memória] e as que são importantes hoje pra você e para o povo Pataxó?
De preferência nossos velhos, nossos anciãos que lutaram pra que nossas histórias fossem contadas hoje e são pessoas importantes até hoje no nosso meio. Hoje temos os filhos e netos dos nossos velhos que aqui fazem sua história na luta e em defesa do povo.
(OITI PATAXÓ, 10 de maio de 2020).

Figura 19: Arte do Artesão Indígena Oiti Pataxó.[31]

Figura 20: Índio Pataxó. Arte do Artesão Indígena Oiti Pataxó[32].

O artesão Oiti Pataxó retrata através das suas esculturas e obra de arte todo o processo histórico e social vivido pelo povo Pataxó desde o período colonial até a atualidade. Cada escultura transmite a ancestralidade, memória, a cultura e a resistência do Pataxó nos seus períodos históricos. Deste modo, reconhecemos as mudanças e permanências presentes no cotidiano Pataxó em suas manifestações culturais que evidencia sua identidade e seu protagonismo enquanto sujeito histórico desta nação.

[31]Fonte: Acervo do Museu Indígena da Reserva da Jaqueira.
[32]Fonte: Acervo do Museu Indígena da Reserva da Jaqueira.

Em entrevista no dia 15 de junho de 2020 com a professora Diana da Conceição Bomfim, que atua como professora da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha desde 1999, e que tem suas raízes na Aldeia Barra Velha e nos prestigia participando dessa entrevista onde nos relata através da história oral suas memórias e experiências:

Figura 21: Indígena Diana da Conceição Bomfim[33].

Diana, quem são os Pataxó?
O Pataxó é um povo guerreiro que desde a invasão de nossos territórios pelos colonizadores, não se cansa de lutar para se apropriar e retomar nossas terras para a continuação do nosso povo com as futuras gerações. (Diana Bomfim, 15 de junho 2020, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha).

O que é ser Pataxó?
Ser Pataxó é reconhecer como um povo, valorizando nossa cultura, praticar nossos costumes e tradições, resistir sempre e não desistir de lutar pela liberdade com a conquista do nosso território. (Diana Bomfim, 15 de junho 2020, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha).

Desta maneira Arissana (2012, p.45) nos esclarece que:

> Não cabe mais dividir o Brasil indígena territorialmente para distinguir "os índios de verdade" e os "índios misturados" ou, como a antropologia queira classificar, os "índios do nordeste" em contrapartida a outros povos indígenas, principalmente da região norte. (SOUZA, 2012, p.45).

[33] Fonte: Foto cedida do acervo pessoal da Diana da Conceição Bomfim. Diana da Conceição Bomfim é graduada em Ciências da Natureza pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB (2018), Licenciada em Letras Português e Literatura da língua Portuguesa pela Universidade Luterana do Brasil - ULBRA (2011). Pós-graduada em Gestão Escolar – Vale do Cricaré. Pós-graduada em Estudos Linguísticos e Literários – UCAM. Mestranda pela Universidade Federal do Sul da Bahia – PPGER - Programa em Relações Étnico – Raciais 2019.

Continuando a entrevista com Diana perguntando:

> **Diana, o que caracteriza um/o Pataxó?**
> Pataxó se caracteriza pela sua resistência de guerreiro, não desiste nunca dos seus objetivos, estar sempre em busca do melhor para o seu próximo.
>
> **Como você se define enquanto Pataxó?**
> Venho de uma nação, que mesmo com todas as dificuldades conseguir preservar minha cultura, costume e tradições, com isso tenho orgulho do povo que somos.
> (Diana Bomfim, 15 de junho 2020, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha).

Não podemos esquecer que os povos indígenas diante de um novo cenário, lutam todos os dias para superar e manter a cultura, seus valores, tradição e nem tampouco esquecer a sua importância enquanto povo que constitui nosso país. Diante disso, Baniwa vem afirmar que:

> [...] os povos indígenas constituem parte importante da própria construção da nação brasileira e por isso carregam sentimentos de brasilidade iguais aos de quaisquer outras sociedades, segmentos e indivíduos que constituem o Estado, independente de culturas, valores, símbolos e línguas que abraçam. (2006, p.88).

Ainda segundo Diana:

> **Enquanto indígena Pataxó, quem são as pessoas que foram e/ou é importante pra você? Por quê?**
> Eu tenho como referência a minha família na pessoa do meu avô João do Carmo Braz e dona Benedita da Conceição, que mesmo com todos os massacres imposto pelos colonizadores tem resistido e que durante e após o Fogo de 51 continuaram firmes até o dia que Deus os levou.
>
> **Na História Pataxó, quais pessoas você destaca que foram importantes [caso tenha alguma, in memória] e as que são importantes hoje pra você e para o povo Pataxó?**
> Além dos meus bisavós e avós, destaco aqui alguns líderes que deram suas vidas para libertar o nosso povo e conquistar nosso território como por exemplo o senhor Alfredo Braz, Manuel de Suia, Rufino (Tururim),dona Zabelê, Patrício e Luiz Capitão.
>
> **Ainda ocorrem rituais? Quais são os rituais que ocorrem? Quando ocorre? Existe data definida para acontecerem?**
> Os rituais acontecem sempre que é necessário, não só nos momentos de alegrias com uma cerimônia de casamento, mas também durante uma retomada, fechamento de uma BR, reivindicação por um direito etc.
>
> **Como é viver como indígena Pataxó na atualidade?**
> Depende muito do Pataxó, pra alguns é visto como dificuldade devido a todo o processo de mudança que a humanidade vem enfrentando e vivenciando, pois não estava acostumado com essa realidade, para outros, é a realização de algo que tem procurado conquistar a muito tempo como, por exemplo, educação e saúde diferenciada um direito

conquistado.

Figura 22: Sr. Valdelito Pataxó.[34]

> **Sr. Valdelito, quem são os Pataxó?**
> Somos dono dessa terra.
> (VALDELITO NASCIMENTO DOS SANTOS, 21 de julho 2020, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha).

O indígena Sr. Valdelito reconhece que é dono dessa terra, que seu pensamento é para que todos possam também perceber esse sentimento de propriedade exposto na fala dele. Deste modo notamos que a luta pela terra é ainda para o povo indígena Pataxó uma questão de reconhecimento e honra.

> **O que é ser Pataxó?**
> Ser Pataxó pra mim é um motivo de muito orgulho porque da onde eu vim, das minhas raízes tem muitas pessoas que tem muitos preconceitos com os indígenas e que muitas das vezes julga as pessoas pela aparência e mesmo diante de tudo eu tenho orgulho de ser indígena e ser Pataxó, eu tenho orgulho de ter as raízes Pataxó, eu tenho orgulho de ser de Barra Velha, eu tenho orgulho de ser de Pé do Monte, eu tenho orgulho de ser de dentro da mata, por que foi lá a minha faculdade foi dentro da mata. O meu aprendizado foi lá, então eu tenho muito orgulho de hoje eu falar que eu sou índio, que eu sou Pataxó, eu sou dono dessa terra. (VALDELITO NASCIMENTO DOS SANTOS, 21 de julho 2020, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha).

[34]Fonte: Acervo da autora. Valdelito Nascimento dos Santos, também chamado de Oiti Pataxó é natural da Aldeia Barra Velha. Viveu no Pé do Monte em Monte Pascoal. Atualmente vive na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, tem 52 anos de idade, é artesão indígena desde os 06 anos.

Mesmo diante de uma trajetória secular na luta pela terra o Sr. Valdelito demonstra com muita satisfação suas raízes e expõe o orgulho de ser um indígena e de ser Pataxó.

Diante do exposto, Baniwa (2006, p.33), nos diz que:

> O índio de hoje é um índio que se orgulha de ser nativo, de ser originário, de ser portador de civilização própria e de pertencer a uma ancestralidade particular. Este sentimento e esta atitude positiva estão provocando o chamado fenômeno da etnogênese, principalmente no Nordeste. Os povos indígenas, que por força de séculos de repressão colonial escondiam e negavam suas identidades étnicas, agora reivindicam o reconhecimento de suas etnicidades e de suas territorialidades nos marcos do Estado brasileiro. (BANIWA, 2006, p.33).

Continuando a entrevista com Sr. Valdelito perguntando:

> **Sr. Valdelito, o que caracteriza um/o Pataxó?**
> O que me caracteriza como indígena é eu ser hoje um cidadão reconhecido em todos os lugares do Brasil, é eu ser hoje uma liderança pra estar liderando o meu povo. Isso me traz muito orgulho porque sou um Pataxó, estou na minha aldeia em Coroa Vermelha. Hoje, através de todos os altos e baixos que ocorrem com os indígenas, eu posso bater no peito e falar que eu sou um Pataxó e que eu tenho raízes. (VALDELITO NASCIMENTO DOS SANTOS, 21 de julho 2020, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha).
>
> **Como o senhor se define enquanto Pataxó?**
> O que me define enquanto Pataxó, além das minhas raízes tem o COCAR, que é um símbolo. Essa pena grande significa Aldeia Mãe, essas penas menores significa as aldeias que tem em volta dela. Essa Aldeia Mãe foi onde houve o massacre do fogo de 51 e essas penas em volta representa essas aldeias que tem em volta daqui. Esse aqui é o MARACÁ, esse é um instrumento sagrado pro povo Pataxó. Todos os rituais tem que ter o Maracá, porque esse pra nós nos rituais não pode faltar o instrumento sagrado. (VALDELITO NASCIMENTO DOS SANTOS, 21 de julho 2020, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha).

Ainda segundo Sr. Valdelito:

> **Enquanto indígena Pataxó, quem são as pessoas que foram e/ou é importante pra o senhor? Por quê?**
> Olha, as pessoas que são e foi muito importante pra mim, que já se foi, meus antepassados, tem Tururim de Barra Velha, tem Liberato que é daqui da Aldeia Coroa Vermelha, tem também o finado Crispim que era liderança de pulso e de peso. As lideranças aqui lutavam pela nossa causa. Hoje eu tenho muito ainda como exemplo, até meus pais que são vivos e que tenho muito como exemplo, o meu pai chama João Francisco dos Santos e minha mãe Maria de Jesus Nascimento Rocha que são um exemplo pra mim, tem um exemplo muito vivo é o Cacique Aruã que é quem procura trazer pra nós os objetivos pra a aldeia, é ele quem vai buscar fora, é ele quem traz pra nós, então eu tenho como exemplo essas pessoas.
> (VALDELITO NASCIMENTO DOS SANTOS, 21 de julho 2020, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha).

Como é viver como indígena Pataxó na atualidade?

Viver como um Pataxó, na atualidade, nós temos muitos exemplos que ocorreu que a nossa vida, a nossa luta, começou de nossos antepassados e não pára, sempre continua e não vai parar agora, porque o nosso motivo, a nossa luta é pelas nossas terras. Muita gente fala que o índio toma a terra dos outros, mas se for olhar o passado, nós só quer o que é nosso. Além de nós querer o que é nosso, nós quer que o governo paga pra quem ta lá porque hoje quem tá lá comprou a terra, mas quem deu o título da terra foi o governo. Então ele tem que pagar a terra pra devolver pra nós. Nós não queremos nada de graça de ninguém, nós quer o que é nosso, que o governo devolva nossas terras. Então, hoje agente luta pelas terras, nós hoje tem nossos objetivos de nós estar correndo atrás lutando pela nossa comunidade. Nosso povo tá crescendo, nossa terra é pouca, não cabe pra tanta gente que tá crescendo hoje. As nossas famílias tá aumentando. Nós tem neto, nós tem filho, nós tem bisneto. Então cada dia mais esse pessoal vai construir família e não vai ter lugar de morar. Então por isso que a nossa briga pela nossa terra é isso. Antigamente nosso povo era pouco, essas terra toda era indígena. Na costa daqui até Prado era tudo indígena, mas quando Cabral chegou que começou tirando a nossa madeira o pau-brasil, começou é...transportar a nossa madeira, assim que ele começou transportar, veio pessoas de outros países também e ajudou carregar o nosso material. Então, muita gente hoje culpa Cabral. Ele foi culpado? Foi. Mais teve outros também que vei carregar junto com a gente. Hoje nós fala. Ah! Cabral descobriu o Brasil! Não foi. Cabral invadiu o Brasil porque quando ele chegou aqui já tinha habitante aqui nesse local e era os Pataxó que morava aqui. Então não adianta as pessoas ir por livro, porque o livro muitas vez não fala a verdade, procura alguém que tem conhecimento pra te explicar a verdade, porque só assim você vai saber o que aconteceu e o que está acontecendo, pra não tá chamando o índio de ladrão que tá roubando terra dos outros. Nós queremos o que é nosso, que já foi roubado de nós. Então hoje eu deixo os meus agradecimentos por essa entrevista e esse vídeo que estou fazendo aqui pra mim é uma honra muito grande tá falando do meu povo, tá explicando pra todos que não tem o conhecimento do que é o indígena, que tem muitos preconceitos ainda com indígena. Não faça isso! Nós todos samos iguais! Nós todos samos da mesma cor! Nós todos samos ser humano. Samos diferente a nossa cultura, mas nós samos iguais em matéria. Jesus ama nós todos! Então não faça isso. Deixa preconceito de lado e vamos viver, amar um ao outro, porque nós tamos aqui, nós samo indígena, nós samos donos destas terras. Não por isso, nós quer desfazer de ninguém. Nós quer viver todos em harmonia.Tudo em paz e ter aonde criar nossos filhos e netos.

(VALDELITO NASCIMENTO DOS SANTOS, 21 de julho 2020, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha).

Figura 23: Adriana Pesca. Hitxá Pataxó[35].

Adriana, quem são os Pataxó?
O Pataxó são conhecidos, eu costumo dizer como um povo da diáspora, porque o ponto chave de identificação desses povos é justamente o momento da dispersão. Embora, anterior a isso, tem aí desde a colonização todo o processo histórico que está em torno da colonização, a ideia que a gente tem de enfrentamento né, quando muitos consideram que é descoberta no período da colonização, mas o ponto chave pra gente identificar o povo Pataxó atualmente, eu penso que seja justamente essa diáspora, porque temos ali Barra Velha que é a Aldeia Mãe, o Fogo de 51 que foi um marco histórico que não consta em muitos livros didáticos a não ser quando são específicos, produzidos pelos indígenas. Eles não constam, mas que é um marco histórico importante que define um momento que essa dispersão dos povos indígenas Pataxó acontece e eles vão se aldear em outros espaços, como na Costa do Descobrimento, a região do Prado, Cumuruxatiba, aqui em Porto Seguro, Santa Cruz Cabrália. Então é um momento histórico importante, que é o momento dessa diáspora.
(ADRIANA PESCA, 10 de dezembro 2020, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha).

[35] Fonte: Foto cedida do acervo pessoal da Adriana Barbosa Pesca. Adriana Barbosa Pesca é professora Indígena das redes municipal e estadual de ensino, atuante na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha e Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha, nas áreas de Linguagens e Humanidades; Licenciada em História, pela Faculdade Santo Agostinho, 2011. Graduada em Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena, na áreas de Artes e Linguagens; Concluiu a participação como bolsista de supervisão, do Programa Institucional de bolsa de Iniciação à docência - PIBID, no subprojeto PIBID DIVERSIDADE - UNEB/Intercultural Indígena - Linguagens e códigos/campus X - Teixeira de Freitas. Especialista em História e Cultura afro-brasileira e africana. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino e Relações Étnico-raciais - PPGER - Universidade Federal do Sul da Bahia, participante do Grupo de Pesquisa em Linguagem, poder e contemporaneidade – GELPOC.

> **O que é ser Pataxó?**
> Ser Pataxó, eu acredito que tem a ver com uma questão de ancestralidade, eu acho que não tem características que possam definir o que é ser um Pataxó, mas aquilo que a gente carrega conosco em relação a nossa ancestralidade. Como que a gente se identifica como um Pataxó? Como que a gente se reconhece como Pataxó? É esse sentimento ancestral que carregamos é, embora exista uma questão histórica que defina né, a passagem desses povos indígenas de diferentes etnias, mas eu acho que o Ser Pataxó, o Ser Indígena, ele tem a ver com uma questão de ancestralidade. É que você se reconhece como tal, você se percebe nas vivências, que você se sensibiliza com a causa, com o movimento e para além disso tudo aquilo que é contrução histórica também né, porque a gente não pode fugir dessa construção histórica. Então, esse ponto da ancestralidade, ele demarca um Ser Pataxó que vai perpassar todos os outros âmbitos e elementos que vão também nos caracterizar. Então, a luta, o movimento, a construção de parentesco, a construção familiar. Então, são vários elementos que definem e que podem é, nos dizer quem somos, é porque mais do que dizer ao outro quem é esse Pataxó, é você reconhecer-se, o que que diz a você mesmo que você é um Pataxó? Pra que você possa se apropriar dessa luta, se apropriar dessa identidade, desse ser que você carrega, então é algo que transita muito mais por uma questão de ancestralidade, uma questão de sentimento, de espiritualidade e que vai caminhando aí também por esses outros espaços quando você se reconhece como tal, que você abraça esses outros elementos que o Pataxó carrega consigo.
> (ADRIANA PESCA, 10 de dezembro 2020, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha).

Segundo a autora Adriana Pesca, em sua fala podemos perceber que ela traz a existência também do sentimento de pertença, que é esse sentimento de pertencimento, de se sentir parte de um povo e de todo um processo fundamentado na compreensão de se lutar pelas suas causas e de trazer a tona seus valores singulares e particularidades.

É trilhando este caminho que me sinto parte do povo indígena Pataxó, pois é justamente as ações já praticadas, movimentos onde pude participar em defesa de uma causa pelo bem estar coletivo da comunidade onde vivo a mais de três décadas, que dentro de mim existe um sentimento muito forte de pertencimento, de luta que busca ainda contribuir muito para vivenciar os direitos do nosso povo, como por exemplo, o direito e luta pela terra que o governo tem o conhecimento de quem são os verdadeiros donos, mas que não foi cumprida a lei sobre a demarcação das terras para a população nacional indígena.

É necessário e apropriado dar ênfase ao artigo 231 da Constituição Federal de 1988, que determina os direitos originários:

> Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

> **§ 1º** São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.
>
> **§ 2º** As terras tradicionalmente ocupadas pelos índios destinam-se a sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes.
>
> **§ 3º** O aproveitamento dos recursos hídricos, incluídos os potenciais energéticos, a pesquisa e a lavra das riquezas minerais em terras indígenas só podem ser efetivados com autorização do Congresso Nacional, ouvidas as comunidades afetadas, ficando-lhes assegurada participação nos resultados da lavra, na forma da lei.
>
> **§ 4º** As terras de que trata este artigo são inalienáveis e indisponíveis, e os direitos sobre elas, imprescritíveis.
>
> **§ 5º** É vedada a remoção dos grupos indígenas de suas terras, salvo, ad referendum do Congresso Nacional, em caso de catástrofe ou epidemia que ponha em risco sua população, ou no interesse da soberania do País, após deliberação do Congresso Nacional, garantido, em qualquer hipótese, o retorno imediato logo que cesse o risco. (Constituição Federal de 1988).

Entendendo o sentimento de pertencimento e tendo como referência a ancestralidade que para Baniwa (2006, p.18):

> Viver a memória dos ancestrais significa projetar o futuro a partir das riquezas, dos valores, dos conhecimentos e das experiências do passado e do presente, para garantir uma vida melhor e mais abundante para todos os povos. Mas essa abundância de vida, buscada por todos os povos do mundo, para os povos indígenas passa necessariamente pela manutenção dos seus modos próprios de viver, o que significa formas de organizar trabalhos, de dividir bens, de educar filhos, de contar histórias de vida, de praticar rituais e de tomar decisões sobre a vida coletiva. (BANIWA, 2006, p.18).

Continuando a entrevista com Adriana perguntando:

> **Adriana, o que caracteriza um/o Pataxó?**
> Eu acho que a característica não é algo específico, ela vai ser muito relativa. Se me perguntarem o que caracteriza um Pataxó eu posso dizer uma coisa, se perguntar a um outro Pataxó ele pode dizer outra, mas como eu falei anteriormente, pra mim tem a ver com a questão de ancestralidade, para além dos traços físicos, do estereótipo, tem a ver com vivências, tem a ver com a construção histórica, tem a ver com movimento, tem a ver com tudo isso, mas tem a ver também com esse sentimento de pertencimento né, essa apropriação desse pertencimento que vem de dentro pra fora e não de fora pra dentro né, que é algo que você, ao longo de sua vida você vai se percebendo como esse ser que traz consigo essa ancestralidade e por isso te conduz a esses caminhos de luta, de resistência né, de manter-se em espaços onde você vai defender quem você é, aquilo que você representa. Aquilo que você representa não é algo individual, é algo coletivo porque você traz consigo as marcas de um povo. Então, quando se está num espaço e que só existe você ou um pequeno grupo, você tem que entender que

você está representando um grupo maior, que ali você traz consigo as marcas da sua ancestralidade. (ADRIANA PESCA, 10 de dezembro 2020, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha).

Adriana, como você se define enquanto Pataxó?
Eu me defino enquanto Pataxó justamente pelo sentimento de pertencimento que eu tenho a esse grupo étnico né, não somente pela minha história que pode ser diferente de vários outros Pataxó, mas pelo meu sentimento de pertencimento. Aquilo que eu carrego, a disposição que eu tenho para o enfrentamento e esse enfrentamento, ele vai acontecer também de maneiras diversificadas. Alguns enfrentamentos acontecem no movimento, outros na luta, na militância, outros acontecem ali na educação né, é nesses espaços diversos. Minha luta hoje, é, desses movimentos de resistência, ela é uma luta por meio da educação, uma vez que eu sou professora indígena, eu tenho uma grande responsabilidade, mas também tenho um grande apreço por tudo isso que eu me tornei até então. E isso que eu carrego comigo pra que eu possa dizer algo que me define, tá ligado a essa ancestralidade, tá ligado ao meu sentimento de pertencimento, a eu me reconhecer Pataxó, não somente porque meu avô era indígena, não somente porque minha mãe é indígena, mas é eu me reconhecer como eu, Adriana Pesca pertenço identitariamente a esse povo porque eu me sinto parte disso né, parte dessa construção, não só por laços consanguineos, não só por laços de parentesco, mas por tudo aquilo que eu compreendo ser necessário pra que eu também contribua com essa luta, pra que eu também de alguma maneira faça a minha parte nesse movimento de resistência, nesse movimento de construção de conhecimentos, de saberes. Nos espaços por onde vou, na universidade no mestrado eu possa também estar representando esse grupo maior né, é eu estar fazendo a minha parte pra representar esse grupo maior. (Adriana Pesca, 10 de dezembro 2020, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha).

Ainda segundo Adriana Pesca:

Enquanto indígena Pataxó, quem são as pessoas que foram e/ou é importante pra você? Por quê?
As primeiras pessoas que são as mais importantes pra me dizer quem sou, é... são os meus avós. É porque são, a apartir deles que eu me compreendo essa indígena que sou. Então a minha avó, chamada de Mariazinha, conhecida aqui em Coroa Vermelha por ser parteira e tal e o meu avó é Bié, conhecido como Bié, é Manoel Pesca. Então são eles que primeiro me definem quem sou. São os pais da minha mãe. Posterior a estas pessoas eu tenho a minha mãe, que é a identidade mais forte que me diz quem sou, já que meu pai, ele não era indígena. A minha mãe é indígena, mas meu pai não era indígena. Então quem me diz quem sou são os meus, é aqueles a quem pertenço. Então os meus avós já não estão mais vivos. Eu tive a oportunidade de conviver com eles acredito que até onze, doze anos no máximo porque eles morreram antes mesmo que eu me tornasse adolescente ou adulta, mas eu tenho uma lembrança muito forte, né, do tempo que eu pude conviver com eles. Então tem a lembrança do meu avô que fazia muito leque, muito chocalho, muito artesanato né, inclusive das mudanças ocorridas no espaço físico de Coroa Vermelha que era num período em que eu tinha essa relação com os meus avós. Depois disso eu tenho

a relação com a minha mãe né, mas que, quando eu falo que é uma relação de ancestralidade, é porque tem muito mais a ver com esse sentimento de pertença do que propriamente dito com essa relação por exemplo das vivências, é...que também tem a ver logicamente porque eu acredito que uma coisa ela vai conduzindo a outra né, não tem como dissociar uma coisa da outra, as coisas estão todas entrelaçadas, umas com as outras, então não tem como relacionar uma coisa sem tirar a relação com uma outra coisa, então assim, é um movimento como no próprio AWÊ né, um movimento circular, um movimento de circularidade que começa na nossa ancestralidade e vai nos conduzindo a outros espaços, a outras ações, a outros momentos. (ADRIANA PESCA, 10 de dezembro 2020, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha).

Na História Pataxó, quais pessoas você destaca que foram importantes [caso tenha alguma, in memória] e as que são importantes hoje pra você e para o povo Pataxó?
Então, muitas pessoas eu considero importantes, como eu citei inicialmente. As pessoas que eu tenho como as minhas primeiras referências são os meus avós, a minha mãe né, que são ligadas a essa questão de parentesco e as pessoas que posterior a isso no momento né, já que eu faço parte de uma outra geração né, não faço parte, de uma geração mais atual, digamos assim, mais jovem, então tem muitas pessoas da comunidade que eu admiro, que eu reconheço que tem um papel importantíssimo em tudo que a gente possui hoje nessa construção histórica, cultural, então eu poderia falar vários nomes né, poderia citar vários nomes dessas pessoas importantes. Não só pessoas mais velhas, como pessoas mais jovens também. Então eu tenho ali na família de Dona Mirinha por exemplo, eu tenho um grupo de pessoas que eu considero muito importantes: Dona Mirinha, por toda sua história de luta; por eu ter conhecido através das filhas dela, também dos filhos né, Vilma e Gilson. A história de enfrentamento, de como eles persistiram mesmo quando muitos saíram daquele espaço e eles se mantiveram. Aí eu tenho Gilson que é de uma geração mais jovem, mas é uma pessoa que é de garra. Quando a gente vai falar de.... Educação, de...Universidade, a gente tem é... toda luta de Gilson mesmo sendo jovem, mesmo sendo de uma outra geração, ele produziu né e ele nos ajuda a compreender de um modo muito sensível como é que é esse sentimento de pertença né. Que não tem a ver com aquilo que a gente adquire dentro de uma educação, mas aquilo que a educação por exemplo nos move a ser né, nessa construção diária, nesse enfrentamento, nessa busca por estar sempre promovendo algo de qualidade, mas algo também que vise a uma afirmação identitária cultural para os nossos alunos. Então assim, tem várias pessoas que poderiam ser citadas dentro desse contexto, tanto pessoas mais velhas, quanto pessoas mais jovens né. Tem aí Dona Rosa Caranguejo que é uma contadora de histórias exímia e que tem também um histórico de vida né, que a gente pode louvar pela existência ainda. Temos infelizmente pessoas que já se foram e que não estão mais entre nós**,** mas assim, eu acho que esses nomes eles representam bem esse grupo que é considerado importante dentro dessa luta, dentro dessa história. (ADRIANA PESCA, 10 de dezembro 2020, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha).

Ainda ocorrem rituais? Quais são os rituais que ocorrem? Quando ocorre? Existe data definida para acontecerem?
Os rituais que ainda ocorrem aqui especificamente em Coroa Vermelha são os rituais do AWÊ. Na época em que eu trabalhava na Aldeia Barra Velha, a forma como eles conduziam o AWÊ era um pouco diferente da forma como o AWÊ é conduzido aqui, porque eu acredito que atualmente isso ainda aconteça, faz tempo que eu não vou em Barra Velha, mas eu acredito que ainda aconteça que era toda noite de lua cheia, a escola mobiliza a comunidade pra poder fazer o ritual do AWÊ. Então aí, durante todo o dia os alunos junto aos professores mobilizam para fazer as comidas típicas, o manguti, pra fazer né, o cauim, trazem os mariscos, vão pro mangue. Fazem todo aquele ritual, à noite fazem a fogueira e aí a comunidade toda se reune num momento pra poder prestigiar e reverenciar né, a lua cheia, então toda a lua cheia de cada mês isso acontece. Aqui em Coroa Vermelha atualmente os rituais eles acontecem, ou nas reservas né, a Reserva da Jaqueira ou acontece na escola né, que faz parte da rotina escolar, que o AWÊ aconteça na abertura de eventos, na abertura das aulas. Então, normalmente os rituais que mais acontecem são esses. Na festa da Jaqueira nós temos outros rituais, como o do batismo no barro, casamento indígena. Então assim, varia muito de momentos, principalmente de momentos de celebrações, mas se a gente for considerar o ritual que mais acontece, ainda é o AWÊ. É o ritual que ainda permanece vivo e mesmo que atualmente seja a juventude que abrace esse ritual né, ele ainda acontece e a escola, ela tem um papel importantíssimo. A educação né, pra tá fazendo com que esse ritual, ele não morra. No colégio, por exemplo, a gente tem no nosso calendário de atividades, toda semana em dias alternados a gente tem o AWÊ com as turmas. Na escola, no municipal, as crianças que são do Fundamental I, Educação Infantil também tem o AWÊ todos os dias com os professores de Patxohã. No Fudamental II, infelizmente, eles vão crescendo e vão tendo um pouquinho de resistência pra isso, mas também participam né, quando tem os jogos indígenas na escola que acontece né, além do que acontece na comunidade, a gente tem as nossas atividades na escola e eles também participam. Então, é algo que tá muito forte e muito presente no nosso dia a dia. (ADRIANA PESCA, 10 de dezembro 2020, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha).

Como é viver como indígena Pataxó na atualidade?
Então, acredito que viver na atualidade, assim como em outros momentos né, é ..... é um desafio! Sempre é um desafio, porque, principalmente nos dias atuais em que a gente se depara com mudanças que são, que acontecem de maneiras tão rápida né, mudanças de cenários políticos, mudanças contextuais, mudanças sociais, então a gente percebe que essas mudanças aconteceram de uma maneira muito rápida e é um desafio porque a todo momento que a gente tem que de certa forma é.....estar nesse enfrentamento diário, nesse enfrentamento para afirmar-se como indígena, pra poder combater o preconceito que ainda existe, pra poder ter voz nesses vários espaços sociais em que a gente precisa estar inserido pra poder não ser esmagado, não ser engolido por toda forma de política, de preconceito que existe, então assim, é um desafio porque a gente tá a todo momento tendo que se resguardar por um lado e por outro lado tem que continuar no enfrentamento diário, tem que continuar no movimento, tem que continuar produzindo, pensando, pra que você de

> certa forma prove que esse indígena, ele também é capaz né, tanto quanto as outras pessoas da nossa sociedade e fazer isso em meio a uma sociedade que ainda alimenta uma grande forma de preconceito é sempre um desafio e você também tem aquele desafio de não passar pela negação, que as vezes quando você vao pra outros espaços que não é sua comunidade ou a sua aldeia, a forma como você também de certa forma é esmagado, as vezes é....em muitos momentos te levam a uma certa negação dessa identidade, e é isso que a gente precisa lutar pra não acontecer. A gente precisa estar sempre disposto a mostrar a nossa identidade como ela é de fato. Durante esse processo todo de transformação do mundo moderno a gente tem que se adaptar, se apropriar de outras ferramentas que não fazem parte da nossa cultura e buscar maneiras de sobreviver nesses espaços é...e sobreviver com dignidade. Sobreviver tendo voz, sobreviver também construindo história, também falando da nossa história, escrevendo a nossa história, então assim, eu acho que a maior, a palavra que mais define é desafio mesmo. É sempre um grande desafio. (ADRIANA PESCA, 10 de dezembro 2020, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha).

Figura 24: Pakari Pataxó. José Carlos Conceição Santana.[36]

Registrando a entrevista com José Carlos Conceição Santana, também conhecido como Pakari Pataxó pude compreender o valor que tem a existência e o respeito aos anciãos da aldeia e a oralidade por meio da prática do saber ouvir cada experiência cotidiana da aldeia contada por uma anciã / ancião e a presença de cada um parente. Foi vivenciando este momento de saber ancestral que iniciei a entrevista perguntando para Pakari Pataxó:

[36]Fonte: Acervo da autora. José Carlos Conceição Santana, também conhecido como Pakari Pataxó é natural da Aldeia Barra Velha e atualmente vive na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, tem 29 anos de idade, artesão indígena desde os 05 anos.

Quem são os Pataxó?
É um povo guerreiro, povo sofredor né, que luta até hoje para poder existir né, resistindo a tudo para poder existir. (PAKARI PATAXÓ, 29 de abril, 2021).

O que é ser Pataxó?
Ser Pataxó é lutar pelos seus direitos e pelo seu povo, aprender a defender o seu povo. (PAKARI PATAXÓ, 29 de abril, 2021).

O que caracteriza um/o Pataxó?
A sua raiz, sua origem, a origem do seu povo, de onde veio. O Pataxó é conhecido na sua aldeia. (PAKARI PATAXÓ, 29 de abril, 2021).

Como você se define enquanto Pataxó?
Como um guerreiro, que luto todos os dias, buscando meus objetivos, a melhora do nosso viver dentro da comunidade e cuidando da minha família. (PAKARI PATAXÓ, 29 de abril, 2021).

Enquanto indígena Pataxó, quem são as pessoas que foram e/ou é importante pra você? Por quê?
Meu tio Lourenço (in memória) sempre foi um ponto de apoio pra nós dentro da aldeia e sempre nos ensinou muita coisa boa. Ele foi um parceiro que sempre nos ajudou com muitas coisas, desde a alimentação até os saberes do nosso povo. Hoje quem é muito importante para mim é minha mãe que se chama Taquara Pataxó conhecida na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha como Dona Carminha. Ela é quem sempre lutou e luta até hoje pra que nós pudesse aprender as boas coisas e soubesse guerrear. Depois da minha mãe tem meu Tio Xarru, grande guerreiro e liderança dentro da aldeia e que luta até hoje dentro da comunidade para a melhora e sempre está viajando buscando benefícios e sempre correndo atrás viajando muitas vezes a pé, com fome, mas na luta pelo nosso povo sem desistir. (PAKARI PATAXÓ, 29 de abril, 2021).

Na História Pataxó, quais pessoas você destaca que foram importantes [caso tenha alguma, in memória] e as que são importantes hoje pra você e para o povo Pataxó?
Temos muitas pessoas importantes, mas quero poder falar sobre o Cacique Carajá que foi e é ainda e sempre será uma liderança muito forte, responsável e respeitada dentro da aldeia, pelo seu trabalho enquanto cacique, criando, fazendo e ajudando para ter novas lideranças dentro da aldeia para agir com responsabilidade e sinceridade com o seu povo. (PAKARI PATAXÓ, 29 de abril, 2021).

Ainda ocorre rituais? Quais são os rituais que ocorrem? Quando ocorre? Existe data definida para acontecerem?
Ocorre sim. Ramiar (dançar) o nosso Awê na aldeia, é o que mais acontece e em várias situações, seja de comemoração ou lutas. O ritual da lua cheia, que acontece quando a lua está clara. O ritual do casamento na aldeia com danças e bênçãos do Pajé, acontece quando temos um casal jovem se preparando para se tornar um pai de família e é apresentado as responsabilidades para o guerreiro, nós vamos preparar eles para celebrar numa data especial o seu casamento. (PAKARI PATAXÓ, 29 de abril, 2021).

Como é viver como indígena Pataxó na atualidade?
Agente vivemos com a nossa cultura e nossos costumes dentro da aldeia, apesar de ser uma aldeia urbana, nós nunca vamos deixar de ser Pataxó, não temos como largar ou esquecer nossos troncos familiares. Vivemos na aldeia urbana, onde hoje temos que lidar com pessoas que não são da nossa aldeia, buscando saber viver com eles e continuar lutando pelos nossos direitos. Respeitando eles e eles nos respeitando e respeitando os nossos direitos porque somos os primeiros povos originários da terra. (PAKARI PATAXÓ, 29 de abril, 2021).

Hoje, vemos que a memória perpassa gerações e traz a presença da ancestralidade dentro das aldeias e comunidades indígenas. As falas refletem cada vez mais os valores e saberes dos povos originários através da oralidade na sua essência.

Deste modo, cada expressão legitima a existência do povo Pataxó no extremo sul da Bahia, povo que luta de maneira intensa para garantir seus direitos à demarcação de suas terras, acesso a saúde e educação dentro das aldeias, bem como ter acesso a todos os serviços sociais e às políticas públicas.

1.3. LEI nº. 11.645/2008: A HISTÓRIA INDÍGENA NAS ESCOLAS DO SUL DA BAHIA.

Sabemos que a nação brasileira possui uma das maiores interações sociais entre os povos, grupos sociais e entre os indivíduos. Toda esta prática transmite as visões de mundo, a tradição oral e com isso a própria maneira de pertencer a uma cultura rica e particular em seus saberes. Nesse sentido, as mais distintas culturas revitaliza a interculturalidade pluricultural, multicultural, onde várias singularidades desses povos trazem saberes sócio-histórico-cultural que forma em sua essência o nosso país: o Brasil na contemporaneidade.

> A interculturalidade é uma prática de vida que pressupõe a possibilidade de convivência e coexistência entre culturas e identidades. Sua base é o diálogo entre diferentes, que se faz presente por meio de diversas linguagens e expressões culturais, visando à superação da intolerância e da violência entre indivíduos e grupos sociais culturalmente distintos. (BANIWA, 2006, p.50-51).

Deste modo, quando tornamos o ensino e o processo mais próximo da interação que acontece de forma bem dinâmica na comunidade escolar, estamos produzindo relações culturais e sociais entre os povos. As relações étnico-raciais diante da imensa miscigenação que existe dentro das escolas é um universo ainda não alcançado. Nesse sentido, a escola e todos que fazem parte dessa sociedade plural, precisa motivar o diálogo da convivência gerando entre as multiculturas uma interação que potencialize o respeito e a valorização da cultura. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (2001, p. 19), o tema:

> [...] pluralidade cultural diz respeito ao conhecimento e à valorização das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, às desigualdades socioeconômicas e à crítica às relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira, oferecendo ao aluno a possibilidade de conhecer o Brasil como país complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal. (PCNs, 2001, p. 19).

Uma das maiores riquezas que a nação brasileira possui é a particularidade viva e ativa da história e cultura dos povos indígenas. É respeitando tanta riqueza cultural existente no nosso país, região nordeste, Estado e principalmente o extremo sul baiano, local onde trabalho em uma escola municipal que trazer esta reflexão para poder contribuir com o aprendizado gerado a partir das relações étnico-raciais no ambiente escolar é de suma importância.

Nesse sentido, a cultura e a escola precisam ter e viver uma ligação mais forte, assim como a escola e a cultura, pois a proposta dos PCNs é antiga, porém vivemos ainda num cenário que o preconceito está presente em vários espaços sociais. Partindo do pressuposto de que a História do Brasil contada nos livros didáticos está totalmente desfavorável à verdade

da existência dos povos originários no país e no litoral brasileiro e por entender que este território já tinha seus verdadeiros donos aqui, é que vamos dialogar com os treze anos da criação e a consolidação da Lei 11.645/08 nos currículos das instituições de ensino público e privado.

Deste modo está legitimado no Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. BRASIL a LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008.

> Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". (BRASIL, 2004-2008.)

O Congresso Nacional decreta e o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva sanciona a Lei:

> Art. 1º. O art. 26-A da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:
> "Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.
> § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.
> § 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras."

Diante do exposto, precisamos a primeiro passo entender que o currículo está segundo Brito,(2019, p. 46):

> [...] além de uma estrutura curricular fragmentada, hierarquizada, serializada, a presença do legado iluminista e sua utopia em atribuir à escola a função de formar os educandos para o exercício consciente da cidadania. (BRITO, 2019, p. 46).

Diante disso as trajetórias dos estudantes na educação básica se deparam com vários desafios e entre esses desafios temos a discriminação e o preconceito. Assim sendo:

> As Leis 10.639/03 e 11.645/08 alteram a LDB especificamente no que diz respeito aos conteúdos obrigatórios para este nível de ensino, pois determina a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena na perspectiva de construir uma positiva educação para as relações etnicorraciais. (PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2001-2010).

Não se pode apenas observar e analisar as possíveis possibilidades da inserção da Lei nº 11.645/08 que:

> Em 10 de março de 2008, foi aprovada a Lei nº. 11.645 pelo Congresso Nacional, alterando a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº. 10.639, de janeiro de 2003, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, incluindo no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática história e cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio. (POVOS INDÍGENAS & EDUCAÇÃO, 2012, p.49).

A descolonização dos currículos, projetos e planejamentos precisam tomar forma e de verdade se materializar nos âmbitos escolares. Observar como tem se dado a mediação do ensino e do estudo da história e cultura indígena nas instituições públicas e privadas da nação brasileira através da prática da Lei 11.645/08 como um dos veículos que valoriza e fortalece o desenvolvimento identitário dos povos originários em seu contexto histórico de muita batalha, superação e resistência. Bomfim (2017, p. 26) nos diz que:

> [...] como as sociedades vão se transformando no tempo, as ideias das pessoas também aos poucos vão sendo repensadas. Assim, muitos estudos produzidos nas academias vieram trazer novas contribuições para uma melhor compreensão dos processos de constituição das identidades de vários grupos indígenas aqui no Brasil e em outros contextos. (BOMFIM, 2017, p. 26).

Entendendo que as transformações também se deram no contexto escolar de todas as instâncias e que o currículo transcorre por vários aspectos da vida do indivíduo buscando compreender esses espaços culturais de produção e seus projetos, que aprender com os povos indígenas significa (re)pensar conceitos. Por esta razão é necessário descolonizar o currículo. Brito (2019, p.63) diz que:

> É certo que os currículos são brancos, eurocêntricos, machistas e heteronormativos, mas, no entendimento da diferença, o interesse fica por conta de acompanhar os movimentos de fugas, desterritorializações, criações de novos modos de existência. (BRITO, 2019, p.63).

É neste cenário populacional de grandes riquezas e especificidades culturais dos povos, mas também de olhares preconceituosos, estereotipados que trazer a atual sociedade para uma reflexão acerca da história dos povos indígenas da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha é realmente uma discussão de grande importância e emergente. Nesse sentido, em entrevista com a Professora Diana, no dia 15 de junho 2020, perguntei sobre a questão dos desafios "contemporâneos" acerca do Ensino Escolar Indígena no município e na cidade de Santa Cruz Cabrália dentro e fora da sala de aula e ela faz o relato que:

> Se tratando do ensino, ainda é uma luta grande para colocar em prática aquilo que temos garantido por lei, não tem sido fácil levar

> uma educação específica e diferenciada do jeito que almejamos fazer o outro entender que temos direitos, formas, maneira de viver e ensinar diferente não é fácil. (DIANA BOMFIM, 15 de junho 2020, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha).

Nesse sentido, reconhecendo que temos muito a fazer para avançar em relação à prática das leis que regem os direitos dos povos originários, Baniwa (2006, p.130) esclarece em relação à educação escolar indígena que:

> Ao contrário do que muita gente pensa, os povos indígenas do Brasil continuam mantendo sua alteridade graças a estratégias próprias de vivência sociocultural, sendo a prática pedagógica uma delas. As formas de educação que desenvolvem lhes permitem continuar a ser eles mesmos e transmitir suas culturas através de gerações.(BANIWA, 2006, p. 130).

Apesar de estarmos a treze anos resistindo contra este silêncio e esta invisibilidade, para além dos seis séculos, os povos originários permanecem batalhando contra todo (des)governo e (des)estrutura seja esta no campo social e/ou educacional. Um povo que luta diariamente para manter viva a sua história e existência é um povo guerreiro. Diante do exposto, nos dias atuais se faz necessário uma atenção ao processo de mediação dos conhecimentos transmitidos nas salas de aula quanto ao ensino da historicidade dos povos indígenas e sua cultura dentro das instituições de ensino público e privado. Em entrevista com a Professora Adriana Pesca (Dezembro,2020), quanto ao ensino e os desafios contemporâneos, ela relata que:

> Esses desafios são inúmeros. Desde o nosso diálogo com o município, com gestão, com os problemas que são relacionados com a educação de modo geral, como os problemas também de ensino-aprendizagem que a gente tem dentro da nossa escola, violência, droga. Então assim, a gente tem todos os problemas que as outras escolas não-indígena têm e mais o desafio da gente não perder a nossa cultura, a nossa identidade e lutar pra que se respeite a nossa autonomia, se respeite o nosso modo de se organizar, se respeite o nosso calendário né, então assim, são muitos e por a gente ter um grande número de professores que não são efetivos a gente também enfrenta esse desafio de todos os anos, de manter esses contratos, de poder é...manter o nosso quadro sem que haja nenhuma perda e tentar produzir uma educação de qualidade em meio a todos esses desafios é o maior dos desafios na verdade, porque a gente tentar se adaptar a todas as transformações e mudanças da sociedade externa, fazer com que elas, já que a cobrança sobre nós também é muito grande em relação ao IDEB, em relação a como o aprendizado está acontecendo dentro da nossa escola é...esse desafio agregado aos outros desafios que a gente tem de forma interna é que todo esse desafio que a gente tem de luta, territorial, política, enfim, eu acho que a educação ela, a educação indígena ela tem o duplo, o duplo desafio, a de ser educação porque a educação do Brasil como um todo já sofre com todas essas questões. Ser uma educação específica, diferenciada, que busca a todo momento que esses direitos que né constituído, e que foram adquiridos ao longo desse tempo, possam ser respeitados, que a gente

> consiga então sobreviver a todos estes desafios e mais os desafios de a gente é...continuar mantendo a nossa cultura viva e respeitada e compreendida por essa nova geração com respeito pela luta, com respeito pela identidade é algo que vai ser sempre um grande desafio. Cada vez que o cenário político muda a nossa sociedade também vai sofrendo transformações e os desafios eles só aumentam né, porque a gente sabe que né, não são poucos e que como a gente vive, por exemplo, principalmente no caso de Coroa Vermelha, em zona urbana, tem tudo que está em nosso entorno né. A gente também é... ter como realidade e essa realidade traz sim, grandes desafios a serem vencidos a todo momento. (ADRIANA PESCA, 10 de dezembro 2020, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha).

Assim sendo, percebemos que diante da grande dificuldade em se materializar os direitos de uma educação específica e diferenciada, a inserção da Lei 11.645/2008 e a possibilidade de se observar as formas que está sendo abordada é outro processo que precisa ser realizado e desenvolvido nas instituições de ensino como também nos ambientes escolares. Em entrevista no dia 13 de maio de 2021 com PAKARI PATAXÓ, ele expressa sua opinião sobre a Educação Escolar Indígena Pataxó e diz que:

> A educação escolar na escola indígena é muito boa. É onde a gente aprende e fortalece a nossa língua que é o Patxohã. Nós aprende mais a viver e ouvir a nossa história com a nossa cultura com os nossos professores que são a maioria indígena e que conhece seus parentes que são da aldeia. É um momento muito bom, quando nós sente que nosso povo está sempre ali por perto. (PAKARI PATAXÓ, 13 de maio, 2021).

Deste modo, não basta aprimorar a Lei nº. 10.639/2003 que antecede a Lei nº. 11.645/2008 que adicionou de maneira obrigatória o ensino de História Indígena nas instituições, mas trazer a tona na mente dos professores que se trata de um momento urgente e delicado da comunidade escolar, no qual os estudantes precisam se encontrar em si mesmos nas suas raízes culturais.

É de fundamental importância compreender que a prática dessas leis geram benefícios culturais e sociais, entendendo que as Leis nº. 10.639/2003 e a Lei nº. 11.645/2008 refletem em si mesmas conquistas de um legado de lutas pelos seus direitos. Educação Escolar é feita também pelo exercício do respeito, reconhecimento e a valorização dos povos e culturas. Em minhas aulas procuro sempre demonstrar através de análises de documentos a importância de conhecer a si mesmo, estudando suas raízes. Realizo investigações e pesquisas de objetos antigos e usados pelos estudantes hoje em seu cotidiano, pois tais objetos indicam as diferenças e semelhanças culturais, bem como as particularidades de cada povo no objeto estudado. Por esta razão que Gersem dos Santos Luciano, o indígena Baniwa (2006, p.129), conceitua educação afirmando que:

> Educação se define como o conjunto dos processos envolvidos na socialização dos indivíduos, correspondendo, portanto, a uma parte constitutiva de qualquer sistema cultural de um povo, englobando mecanismos que visam à sua reprodução, perpetuação e/ou mudança. Ao articular instituições, valores e práticas, em integração dinâmica com outros sistemas sociais, como a economia, a política, a religião, a moral, os sistemas educacionais têm como referência básica os projetos sociais (idéias, valores, sentimentos, hábitos etc.) que lhes cabem realizar em espaços e tempos sociais específicos. (BANIWA, 2006, p.129).

Embora haja um reconhecimento superficial da referida Lei nº11.645/2008, é importante salientar que houve uma grande luta social em vários campos e espaços para mais esta conquista dos movimentos sociais indígenas e não-indígenas assim como discussões realizadas nas academias acerca da temática.

Fazendo uma análise da reflexão que estamos buscando alcançar aqui, Edson Kayapó, afirma que:

> As questões acima estão contidas nos propósitos da Lei nº. 11.645/08, que deve abarcar debates de ordens diversas buscando promover a revisão de tudo o que a sociedade e as escolas sabem e ensinam sobre a temática indígena, eliminando preconceitos e equívocos produzidos historicamente nas salas de aula, nos livros didáticos e nos meios de comunicação. Tal iniciativa busca romper o silêncio, dando audibilidade e visibilidade aos povos indígenas, demonstrando que suas histórias e culturas são contemporâneas, vivas e se relacionam com o presente e passado, num movimento de tensão social dinâmico, que pressupõe a perda, manutenção e ressignificação dos modos de vida desses povos em contato com a cultura não-indígena. (KAYAPÓ, 2015, p.54).

Para enriquecer esse exercício sobre a Lei nº. 11.645/2008, os Projetos Políticos Pedagógicos nas instituições de ensino seja público ou privado se faz necessário respeitar e materializar dentro do âmbito legal os dispositivos que já existem como :

- A Constituição Federal de 1988;
- Lei Federal nº 9.394/1996, em seu artigo 26 (Alterado pela Base Nacional Comum Curricular - 12.796/2013 Art. 3º, inciso XII - consideração com a diversidade étnico racial);
- Lei Federal nº 10.639/2003 (Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana);
- Lei nº. 11.645/2008 (que trata da obrigatoriedade da História e cultura africana, afro-brasileira e indígena em todo o currículo escolar);

❖ O Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares de Educação as Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira (2009; 2013).

Nesse sentido, dissolver o senso comum existente no ambiente escolar intrínseco nos currículos, projetos, planejamentos e livros didáticos que não contemplam nem tampouco assistem os povos indígenas e toda sua historicidade é de fato uma grande preocupação, assim como todo o material que reflete o seu dia-a-dia das aldeias e comunidades juntamente registrado nas atividades desenvolvidas não contemplam sua realidade de vida na aldeia porque muitos não têm o convívio mais direto dentro das aldeias da comunidade e mesmo estando de frente dos sujeitos da história Pataxó em sua sala de aula presencial e/ou virtual ainda não exercita o saber ouvir para aprender junto e enriquecer sua aula.

Deste modo, prevendo que professores e estudantes se vejam numa nova era educacional surge a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que significa:

> (...)um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). (...)visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN). (BNCC, 2017, p.7)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi criada desde 2014, mas o documento veio a ter sua publicação na sua terceira versão, em abril do ano de 2017. É um documento que apresenta sem nenhum desvio as suas intenções e os princípios pedagógicos. Visando o desenvolvimento das competências,

> Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (BNCC, 2017, p.8).

Diante do exposto, cabe ser apresentada as competências gerais da educação básica:

> 1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
> 2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

> 3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
> 4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
> 5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
> 6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
> 7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
> 8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
> 9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
> 10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (BNCC, 2017, p.9-10).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), busca estar alinhada com a Constituição Federal:

> Para atender a tais finalidades no âmbito da educação escolar, a Carta Constitucional, no Artigo 210, já reconhece a necessidade de que sejam "fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais" (BRASIL, 1988).

Tendo a preocupação e uma inquietação voltada para a materialização da inserção da Lei nº. 11.645/2008 é que trazemos aqui como uma temática urgente um despertar para conhecer e assim abrir espaços para que haja a valorização dos povos originários e sua cultura. É diante desta inquietação que convido todos para uma reflexão acerca da HISTÓRIA como componente curricular, um conhecimento emergente e fundamental para todos os

estudantes e segmentos dentro das instituições de ensino. Entendendo que as memórias refletidas na atualidade cria possibilidades de diálogos entre os tempos passado e presente.

Nesse sentido, para se constituir enquanto sujeito da sua própria história e obter o ensino-aprendizagem é importante adquirir as competências específicas de história para o ensino fundamental e assim alcançar o entendimento desta relação passado/presente nesse componente curricular.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é necessário que as etapas de conhecimento abaixo sejam apresentadas e adquiridas pelos estudantes nas suas respectivas aulas.

> COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE HISTÓRIA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL
> 1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.
> 2. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.
> 3. Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.
> 4. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
> 5. Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.
> 6. Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica.
> 7. Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais. (BNCC, 2017, p.400).

Com a chegada e estudos realizados sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para as cidades e municípios, foi criado também o “ DOCUMENTO CURRICULAR REFERENCIAL DA BAHIA PARA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL” criado pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia em regime de colaboração com os municípios e aprovado em dezembro de 2019.

> O Currículo Referencial para o Estado da Bahia (Currículo Bahia) foi elaborado em regime de colaboração entre Estado e Municípios, em um movimento desafiador, fraterno, criativo e, acima de tudo, colaborativo.

> A finalidade foi elaborar um documento referencial a partir das orientações normativas da BNCC, que apresentasse as diversidades e singularidades do território baiano, capaz de colaborar com a (re)escrita do Projeto Político Pedagógico (PPP) das unidades escolares. Pretende-se, ainda, que o Currículo Bahia cumpra o dever de garantir que o estudante de qualquer município esteja apto para enfrentar os desafios educacionais em quaisquer que sejam os ambientes que estiverem dentro do território baiano. (CURRÍCULO BAHIA, 2020, p.10).

Diante do exposto, notamos que se trata de mais um documento que agrega uma normatividade a nível estadual com a proposição de orientar os sistemas, as redes e as instituições de ensino voltados para a Educação Básica do Estado, contribuindo para e na elaboração dos seus referenciais curriculares e/ou organização do currículo escolar no intuito de promover o desenvolvimento do cidadão.

Assim sendo, como cidadã, moradora, esposa de indígena, professora do componente curricular de História numa instituição escolar municipal e com forte e grande sentimento de pertencimento ao povo Pataxó e aprendendo sobre a contextualização territorial, percebo uma oportunidade valiosa para a formação identitária dentro do território indígena. Logo que se trata de:

> (...) um currículo que conversa com os aspectos dos 27 (vinte e sete) Territórios de Identidade (TI) do estado da Bahia deve partir de um olhar de curiosidade e de investigação sobre os múltiplos aspectos, contemplando dimensões culturais, geoambientais, político-institucionais e econômicas. (CURRÍCULO BAHIA, 2020, p.15).

Levando em consideração que não temos respostas para todas as inquietações mais podemos elaborar hipóteses e proposições em relação aos documentos criados para serem utilizados no sistema educacional, fui buscar as competências específicas de História para compreender as visões sugeridas e suas relações com a verdadeira realidade dos povos indígenas do extremo sul da Bahia. Segue abaixo o componente curricular de História segundo o Documento Curricular Referencial da Bahia para Educação Infantil e Ensino Fundamental:

> Partindo da compreensão do desenvolvimento integral da pessoa, afinal, esse/a estudante não é a soma de direitos e necessidades, é, antes de tudo, um indivíduo com muitas potencialidades e que precisa encontrar na escola espaço e tempo para desenvolvê-las. São sete as competências gerais para o ensino de História durante os nove anos do ensino fundamental:
> 1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo;
> 2. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das

> estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica; 3. Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito;
> 4. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se, criticamente, com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários;
> 5. Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias, no tempo e no espaço, e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações;
> 6. Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica;
> 7. Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais. (CURRÍCULO BAHIA, 2020, p.393).

Desse modo, toda perspectiva criada para atender a criança em seu processo de ensino-aprendizagem no componente curricular de História na Educação Básica, segundo o Documento Curricular Referencial da Bahia (2020, p.392), para Educação Infantil possui o desafio de:

> (...) estimular as crianças a refletirem e fazerem descobertas relacionadas, primeiramente, à sua História, vivenciando experiências e interagindo com o meio natural e social. Dessa maneira, de forma lúdica, elas se apropriam de conhecimentos de sua própria história, constroem novos significados, adquirem conhecimentos sobre si mesmos, sobre outras pessoas, sobre lugares, formulam hipóteses, e, questionam, construindo entendimento da história local e do mundo. (CURRÍCULO BAHIA, 2020, p.392).

Do mesmo modo que no Ensino Fundamental I e II, segundo o Documento Curricular Referencial da Bahia (2020, p.393) nos diz que:

> No Ensino Fundamental, o ensino de história deve ter caráter transformador, despertando o estudante para a condição de sujeitos que fazem História ao longo do tempo e dos espaços. Os objetos de conhecimento devem estar voltados para a reflexão de conceitos sobre a atividade cotidiana, sobre o tempo e sobre o sujeito histórico. Partindo desse princípio, a História se torna relevante para a construção das identidades sociais e é responsável pela construção de repertórios de atuação e compreensão da realidade. (CURRÍCULO BAHIA, 2020, p.392).

Analisando os documentos podemos notar que muitas das vivências dentro de uma comunidade indígena em sua totalidade ainda não são assistidas nem tão pouco contempladas. O que nos é apresentado se encontra numa perspectiva distante da realidade

indígena Pataxó e dos povos indígenas a nível estadual e nacional.

Estamos referenciando a cultura de um povo que possui de maneira nata em seu ser a questão da oralidade e sua perfomacividade. Assim sendo, estamos contribuimos para uma revitalização, respeito e o reconhecimento de si quanto as suas raízes. Diante disso, fui convidada como professora de História, para participar de estudos e análises sobre a BNCC em paralelo com o Documento Curricular Referencial da Bahia, na cidade de Santa Cruz Cabrália, no extremo sul da Bahia, com o objetivo de contribuir no processo de construção de um currículo municipal.

No cenário sócio-histórico-cultural os grupos étnicos que buscam o fortalecimento de suas lutas defendem e creditam suas experiências de vida e suas vivências na apropriação e aceitação das suas próprias memórias. Desse modo, é necessário que haja o cumprimento das leis citadas anteriormente, uma vez que as mesmas são frutos da condição de desrespeito às diferenças e diferentes etnias, assim como são leis que resultam dos movimentos sociais realizados pelos afrobrasileiros e pelos povos indígenas.

Esta construção se deu em vários momentos e com a presença de professores de todas as áreas educacionais, principalmente professores indígenas que atuam na rede municipal e estadual da cidade. Assim sendo, fica uma perspectiva de que podemos avançar quanto à equidade histórico-sócio-cultural, não somente na nossa aldeia e comunidade, mas também, para as cidades e aldeias vizinhas, ampliando para a instância estadual e nacional.

Apenas para apresentar um pequeno exemplo, como professora, busco me aproximar, conhecer e respeitar cada povo fazendo uso nas aulas ministradas no componente curricular de história objetos, quadros, pinturas, adornos, plantas, artesanatos, objetos antigos e as próprias vivências dos estudantes através de suas memórias cotidianas, no intuito de trabalhar suas habilidades e competências que revitaliza a história do nosso povo.

O livro didático adotado em sua maioria ainda traz uma visão eurocêntrica, os povos originários são colocados como extintos, como se fossem lendas. Esta sempre foi uma preocupação que me intriga com livros que são distribuídos para os estudantes e que cancela uma realidade de lutas, memórias, movimentos sociais, manifestações culturais vivida em nossa aldeia. Trazer a valorização de tudo que existe e que faz parte da vida do povo indígena é revitalizar suas raízes enquanto povo originário e sujeito da sua história e os livros ainda se apresentam distantes dessa diversidade nacional.

Quando solicito que o estudante traga de sua casa (kijẽme) um objeto que simboliza ou representa ele, um dos objetivos é que este estudante conheça a si mesmo e sua história através da análise de construção e produção do objeto trazido. Desta maneira é apresentada

para o estudante suas características ancestrais associadas e relacionadas com a atualidade.

Mesmo fazendo uso do livro didático como suporte para uma leitura, uma das metas que busco alcançar é fazer com que o estudante se perceba como parte da sua história. Deste modo, desenvolvo projetos voltados para identidade, valores, respeito, cultura, e incentivo para que possam rememorar suas experiências para poder criar sua própria história e coletar depoimentos dentro e fora da sua família e realizar entrevistas dentro e fora da aldeia.

Na intenção de poder quebrar o preconceito e qualquer outro tipo de sentimento a princípio faço uso da motivação e incentivo o estudante indígena para poder ouvir a voz de cada um expressando e pontuando a história, a fonte enquanto matéria prima, o processo de criação, se houve sua participação, o movimento e deslocamento do objeto e tentar chamar a atenção do valor que tem sua existência, experiência e das suas raízes dentro da comunidade escolar e fora dela. É um exercício que trabalha a autoestima, respeito, valores, fortalece a identidade e o convívio com todos os não indígenas e ao mesmo tempo minimiza os estereótipos e indiferenças, pois é através dos relatos feitos por cada indígena que a comunidade/sociedade dá o primeiro passo para conhecer a história dos povos originários, contribuindo para minimizar o preconceito, mantendo assim as trocas de conhecimento, produzindo e desenvolvendo aprendizagens que surge nos diálogos e nas relações étnico-raciais um ambiente escolar melhor para estar.

Enriquecer uma aula é criar possibilidades de se conhecer, fazer conexões sociais e históricas entre o passado e a atualidade, é fechar o livro que é chamado de didático, mas que não traz vínculo algum com a realidade de muitos povos e descolonizar pensamentos para assim promover a visibilidade e audibilidade.

Quando a informação não condiz com a dinâmica de vida fica invisível a oportunidade de criar desafios para cada estudante como sujeito da sua história despertar para o interesse que reforce seus direitos e assim abrir portas que possa contribuir para que se aumente a participação tão essencial na aldeia, comunidade e sociedade.

Levando em consideração que em sua maioria, nas salas de aula do nosso Brasil temos estudantes dos povos originários. Como professora pesquisadora, busco fazer uso da história oral elaborando projetos de forma que as tradições orais sejam vivenciadas em sala de aula e fora dela. É preciso avançar para que as paredes e muros que distanciam os professores da história de vida dos estudantes em função de eixos temáticos fora da realidade se quebrem e se inicie o processo de uma descolonização do currículo e do pensamento, tendo como finalidade a possibilidade de minimizar e até se possível for, eliminar os estranhamentos que existem nos espaços de ensino e aprendizagem, que por sua vez tem a presença de estudantes

indígenas que temos no Brasil e em especial no Extremo Sul da Bahia muito presente e forte.

Diante disso, Gomes (2012, p.107,) nos diz que:

> [...] a descolonização do currículo implica conflito, confronto, negociações e produz algo novo. Ela se insere em outros processos de descolonização maiores e mais profundos, ou seja, do poder e do saber. Estamos diante de confrontos entre distintas experiências históricas, econômicas e visões de mundo. Nesse processo, a superação da perspectiva eurocêntrica de conhecimento e do mundo torna-se um desafio para a escola, os educadores e as educadoras, o currículo e a formação docente. (GOMES, 2012, p. 107).

Os livros didáticos do componente curricular de História do Ensino Fundamental II adotado para serem trabalhados nas escolas municipais indígenas e não-indígenas na cidade de Santa Cruz Cabrália no período de quatro anos, ou seja, foram adotados no ano de 2020 e serão usados até 2023 já traz uma abordagem reflexiva advindas com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Analisando os livros didáticos do componente curricular de História do Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º anos, adotado para serem trabalhado na comunidade indígena e não-indígena na cidade de Santa Cruz Cabrália, percebi que nos pressupostos teóricos da coleção se faz uma apresentação de um tópico que tem por título: A história dos povos indígenas e traz a mesma informação em todos os livros e de todos os anos do Ensino Fundamental II.

Indo até a página representada numericamente em algarismo romano XVIII que indica o número cardinal dezoito (18), notei que é feita uma abordagem da Lei nº. 11645/2008, porém quando você segue até o sumário do livro do 6º ano no tópico de número 2 do conteúdo acerca das civilizações está escrito: os primeiros habitantes do Brasil atual. Diante disso quando você abre na página indicada é um absurdo a invisibilidade dada em uma abordagem de apenas cinco parágrafos em todo o livro do 6º ano, na I unidade e sem nenhuma informação sobre os povos originários na atualidade. Iniciando o primeiro e segundo parágrafos do tópico afirmando que:

> De acordo com os estudos mais recentes, as duas populações - de origem mongoloide e não mongoloide – compuseram as primeiras populações do território hoje chamado Brasil. No decorrer dos séculos, os povos indígenas de origem não mongoloide desapareceram e os cientistas ainda não sabem explicar as razões disso. Uma das hipóteses é que eles tenham se extinguido após entrar em contato com os europeus, que chegaram à América a partir do século XVI. (SERIACOPI, 2018, p. 31).

Diante desta realidade, os livros didáticos continuam sendo criados para serem usados em sala de aula como instrumentos de destruição e genocídio cultural quanto aos povos

indígenas. É importante ressaltar que nosso povo indígena vive diariamente na luta pela equidade. Esta bandeira precisa ser levantada por todos os professores que atuam nas instituições de ensino público e/ou privado.

A Constituição Federal de 1988, inspirada pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), no Artigo 205, reconhece a educação como:

> [...] "direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo ao exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho" (BRASIL, 1988).

Mesmo que a Carta Magna que rege nosso país deixe bem claro que a educação é um dever de todos, é lamentável receber nas escolas livros que são escritos sem nenhum reconhecimento aos povos originários a nível nacional e aos povos indígenas que vivem no extremo sul baiano, ocupando todo o litoral e interior do Estado da Bahia.

Desta maneira, é importante que o professor do componente curricular de História seja um pesquisador/investigador crítico para saber extrapolar os conhecimentos que alcançamos através dos estudantes indígenas, que pela sua existência dentro e fora da sala de aula comprova a sua legitimidade.

Os avanços quanto às relações étnico-raciais nas instituições de ensino somente se darão quando houver um verdadeiro progresso estabelecido de dentro pra fora das escolas semeado desde o poder do Estado até todas as instâncias responsáveis por este caminho que precisa ser trilhado juntamente com os professores que realizam este trabalho.

O que estamos propondo aqui é que se compreenda que as relações étnico-raciais acontecem o tempo todo, em todos os espaços e segmentos e que a troca de saberes entre as culturas acontecem no dia a dia dos estudantes dentro e fora do ambiente escolar e que este aprendizado traz consigo princípios e valores imaterias imensuráveis para a vida de cada estudante. Para tanto Daniel Munduruku (2000, p.71):

> Educação para nós se dava no silêncio. Nossos pais nos ensinavam a sonhar com aquilo que desejávamos. Compreendi então que educar é fazer sonhar. Aprendi a ser índio, pois aprendi a sonhar. (...) Percebi que na sociedade indígena educar é arrancar de dentro para fora, fazer brotar os sonhos e, às vezes, rir do mistério da vida. (MUNDURUKU, 2000, p.71).

Participar, ter o sentimento de pertencimento, lutar e conviver cotidianamente com o povo indígena na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, em Santa Cruz Cabrália, no Extremo Sul da Bahia tem sido muito importante, na convivência aprendo a ser uma pessoa melhor e a

batalhar constantemente pelo bem do outro de forma coletiva. Como professora do Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º anos na Escola Municipal Victurino da Purificação Figueirêdo, localizada na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha S/N, tendo como referência a igreja católica que é vizinha da escola, é ter uma grande oportunidade de poder olhar nos rostos de alegria de cada parente, ou seja, estudante indígena que nos ensinam tanto que precisamos prosseguir, sem desistir e resistir sempre para existir. Realizo um trabalho dentro da sala de aula voltado para o desenvolvimento das competências e habilidades dos estudantes. Valorizo as particularidades construindo diálogos entre o passado e presente em conjunto com as realidades. Promovo a possibilidade para o desenvolvimento da alteridade, de maneira que o respeito pelo outro lhe proporcione oportunidades de conhecer a si mesmo dentro do seu lar, família, vizinhança, trabalho, comunidade, enfim em todos os ambientes do seu convívio.

Partindo do pressuposto voltado para a mediação da Lei nº 11.645/2008 em sala de aula, que realizei dentro da escola onde trabalho com o componente de HISTÓRIA nas turmas de 6º a 9º anos do Ensino Fundamental II, uma pesquisa com os próprios estudantes, com a finalidade de ter o quantitativo de estudantes indígenas, afro-brasileiros e brancos e/ou pardos.

Assim sendo, pude constatar que até o ano de 2018 e 2019, a Escola Municipal Victurino da Purificação Figueirêdo possui uma comunidade rica e significativa em culturas. Com base nos levantamentos realizados a partir do sistema de matrícula acerca da identidade dos estudantes de 6º a 9º anos do Ensino Fundamental II no ano de 2018 e 2019, foi possível constatar que os estudantes em sua maioria são indígenas totalizando uma porcentagem de 53% (cinquenta e três por cento), tendo uma demanda de afro-brasileiros que totalizaram 28% (vinte e oito por cento) e 19% (dezenove por cento) de estudantes brancos.

Levando em consideração que existe um contexto de desenvolvimento de uma consciência social, passa-se a existir uma "obrigação" de aprender os apropriados significados conferidos quanto às relações étnico-raciais, complementares dos currículos a partir da Lei nº 10.639/2003 e, em seguida, pela Lei nº 11.645/2008, que altera o Artigo 26 da LDB (Lei nº 9.394/1996) ao alocar de forma imprescindível o Ensino da História da África e da civilização afro-brasileira e autóctone nos currículos da educação fundamental brasileira.

Saliento que este estudo foi possível ser realizado antes deste momento em que todos estamos vivenciando desde o final do mês de fevereiro iniciando o mês de março do ano de 2020 com o COVID-19, que conduziu toda a população ao isolamento social que acabou nos remetendo a uma nova forma de consciência social.

Diante do exposto, o estudo foi realizado através das TICs possíveis juntos à comunidade escolar e extra-escolar com ênfase de quais suportes seriam dados e efetivados

para que o ensino remoto vigente possa continuar sendo co-responsável pela educação, desenvolvimento das competências e habilidades do indivíduo na sociedade seja ela presencial e/ou virtual. Abaixo segue o gráfico criado após a tabulação das informações coletadas na comunidade escolar.

Figura 25: Fonte. Elaborado pela autora a partir dos dados de matrículas de 2018 a 2019 da Escola Municipal Victurino da Purificação Figueirêdo.

No entanto, o trabalho com a Lei nº 11.645/2008 ainda precisa ser desejado por todos os profissionais que fazem parte do âmbito educacional brasileiro, para se tornar plenamente efetiva nas instituições públicas e privadas, dentro e fora das aldeias à abordagem das temáticas voltadas para os povos originários em sala de aula e fora dela. Para tanto, a luta pelo reconhecimento é um desafio diário. É necessário lembrar que a Lei nº 11.645/2008 é resultado de muitas lutas dos povos afrobrasileiros e dos povos indígenas. Essas leis refletem o resutado dos movimentos sociais. Dentro da sala de aula não deve ser uma responsabilidade apenas do professor que atua no componente de História, mas de todos que fazem parte da educação dos estudantes na comunidade escolar.

Trabalhar a temática indígena é ver acesa a chama da vida relacionada à própria existência com a terra, na busca de despertar valores guardados dentro de cada ser. É como plantar, preparar um solo para receber uma semente em uma terra adubada e rica e a cada dia regar e observar seu crescimento até alcançar sua idade adulta. Estamos tratando de um processo de ensino e aprendizagem diária.

[37]BRASIL. Lei n. 10.172, de 9 de Janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação (2001-2010) - PNE e dá outras providencias. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 10 jan. 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm> Acesso em: 04 de março de 2020.

Sentir este pertencimento dentro de você é ter a felicidade de se conhecer mais e se aceitar como verdadeiramente se é. É ter comunhão com todos, construir junto e não se sentir só. Na aldeia somos um e unidos de maneira coletiva avançamos resistindo, confrontando o silenciamento e a invisibilidade ao nosso redor. Trazendo a provocação que a sociedade ignora os valores culturais dos povos que não são hegemônicos, vivemos numa sociedade que ignora a diversidade e os valores culturais de todos os povos, principalmente dos povos indígenas. Nesta inquietação, é importante se discutir aqui que quando se trata de afirmar acordos comerciais voltados para o território dos povos indígenas o tratamento toma direções diferentes das questões das raízes culturais.

É importante salientar que a temática sobre relações étnico-raciais aparece no Plano Nacional de Educação – PNE[37], no ano de 2001. Nesse sentido existe uma meta que traz uma redação que precisa ser discutida por todos que fazem parte de uma instituição de ensino, seja esta instituição pública e / ou privada. Trata-se da meta 11 que diz que é necessário:

> Manter e consolidar o programa de avaliação do livro didático criado pelo Ministério de Educação, estabelecendo entre seus critérios a adequada abordagem das questões de gênero e etnia e a eliminação de textos discriminatórios ou que reproduzam estereótipos acerca do papel da mulher, do negro e do índio. (PNE, 2001).

Mesmo vivendo dias de luta pela afirmação identitária dos povos originários, há uma iniciação discursiva das relações étnico-raciais nas instituições em relação ao bem estar educativo e social dos povos indígenas nas escolas sejam elas de cunho público e/ou particular municipal e estadual.

Ainda que a redação citada anteriormente relate uma preocupação quanto às questões étnico-raciais, ter uma visibilidade da prática da meta onze é de fundamental relevância para que possa estagnar a discriminação, o preconceito, o estereótipo que são micro frutos do racismo estrutural e, sobretudo como tem sido feita esta reprodução dentro e fora da sala de aula e em todos os espaços escolares.

> A Lei nº. 10.639/2003 e, posteriormente, a Lei nº. 11.645/2008, que dá a mesma orientação quanto à temática indígena, não são apenas instrumentos de orientação para o combate à discriminação. São também Leis afirmativas, no sentido de que reconhecem a escola como lugar da formação de cidadãos e afirmam a relevância de a escola promover a necessária valorização das matrizes culturais que fizeram do Brasil o país rico, múltiplo e plural que somos. (PLANO NACIONAL DA EDUCAÇÃO, 2001-2010, p.05).

Deste modo, causa preocupação dentro e principalmente fora das comunidades indígenas quando a existência dos povos originários é ignorada nas escolas. A presença de

um estudante indígena por si só já é a prova da sua existência identitária e resistência e infelizmente esta presença não está sendo contemplada nos textos que compõem o currículo escolar.

Segundo (KAYAPÓ, 2015, p.40):

> A escola e seus currículos têm pactuado com reprodução de lacunas históricas e a propagação de preconceito sobre os povos indígenas, estando alinhada a interesses de grupos hegemônicos de perspectiva colonizadora. A Lei nº. 11.645/2008 abre novos horizontes para o ensino da História e cultura dos povos indígenas, possibilitando o rompimento com o silêncio e com a memória produzida pelos grupos hegemônicos, colocando sob suspeita o currículo que produz e reproduz a invisibilidade e a inaudibilidade destes povos, rejeitando o reducionismo de suas memórias e histórias. A escola e seus currículos têm pactuado com reprodução de lacunas históricas e a propagação de preconceito sobre os povos indígenas, estando alinhada a interesses de grupos hegemônicos de perspectiva colonizadora. (KAYAPÓ, 2015, p.40):

Entendemos que uma das questões principais do currículo é que nele está o que deve ou não ser “ensinado” nas escolas e consequentemente o que irá compor o material didático.

Diante disso, mesmo tendo o currículo escolar como um norte que oferece ao professor direções a serem seguidas e propõe metas para serem alcançadas, percebemos que antes de seguir e alcançar qualquer coisa é preciso apreender, entender, reconhecer e valorizar a existência de identidades e sujeitos históricos que com sua luta e resistência histórica pela sobrevivência até a atualidade, cria sentidos para existir e dá novos sentidos sem negar sua história.

> A Lei nº. 11.645/2008 abre novos horizontes para o ensino da História e cultura dos povos indígenas, possibilitando o rompimento com o silêncio e com a memória produzida pelos grupos hegemônicos, colocando sob suspeita o currículo que produz e reproduz a invisibilidade e a inaudibilidade destes povos, rejeitando o reducionismo de suas memórias e histórias. (KAYAPÓ, 2015, p.40).

Tratando da importância da oralidade, novos sentidos se dão nas explanações em sala de aula, ouvindo e aprendendo junto de maneira que sobrevenha um ciclo de novas relações de aprendizagens entre os povos gerando a inter-relação étnico-racial nas trocas de experiências possibilitando uma inclusão social de maneira muito rica nesses debates:

> Os debates em sala de aula devem deixar claro que para assegurar a igualdade não basta apenas proibir a discriminação mediante legislação repressiva. São essenciais as estratégias promocionais capazes de estimular a inserção e a inclusão de grupos socialmente vulneráveis nos espaços sociais, a exemplo dos povos indígenas. (KAYAPÓ, 2015,p.62).

Através do currículo escolar, livros “didáticos”, falas, explicações de professores, nota-se que as interpretações nas leituras realizadas em sala de aula e a quantidade de visões incorretas criadas e por sua vez construídas no processo de ensino e aprendizagem nas salas de aula ainda demonstram o desconhecimento até da sua própria história. Não podemos ignorar a existência e movimentos dos povos indígenas quando estamos tratando dos sujeitos da história do nosso país.

> Um aspecto que deve ser ressaltado é que frequentemente o estudo da história e cultura dos povos indígenas nas escolas enfatizam apenas as histórias das derrotas e das perdas que culminam no extermínio dos povos indígenas, escondendo as histórias das resistências e estratégias de continuidade e manutenção das tradições. Em outros momentos, privilegia-se o estudo de uma visão romântica e folclórica, em que os indígenas são representados como grupos condenados, não apenas ao passado, mas também à pobreza, à preguiça, ao isolamento e a uma pretensa inferioridade biológica e cultural. Em última instância, os povos indígenas são vistos como inimigos do progresso nacional, entre outros motivos por estarem situados em territórios que guardam grandes riquezas naturais, muito cobiçadas pelos empreendimentos empresariais. Ora, contemplar e respeitar a natureza não pode ser confundido com preguiça! Os povos indígenas, pela sua própria relação de envolvimento com a natureza (em oposição ao DES-envolvimento), manterão os rios limpos e as florestas preservadas, independente do rótulo que a sociedade queira atribuir a isso (KAYAPÓ, 2015, p.54).

Infelizmente existem “SIM” no cenário escolar de todas as esferas municipais, estaduais e federais sejam público e privado, professores que desconhecem a importância e o valor histórico-sócio-cultural da existência e resistência dos povos indígenas em sala de aula e/ou nos demasiados espaços de ensino e aprendizagem:

> Grosso modo, aprendemos nos livros que o índio vive em função do colonizador e é tratado sempre no passado, não lhe restando nenhum papel relevante na sociedade contemporânea (MUNDURUKU, 2000, p. 24).

Lidar com o racismo e a discriminação sendo pertencente ao povo indígena é complicado. Esta realidade não está distante dos nossos olhos. A discussão acerca da valorização e fortalecimento das tradições culturais e sócio-política dos povos originários é de grande importância e tem sinalizado uma emergência desse conhecimento sobre os saberes.

Lamentavelmente, o livro didático em sua maioria ainda fornece muitas informações obsoletas, como por exemplo, dizer que os povos indígenas são selvagens e/ou que deveriam estar e viver nus e nas matas. Os livros didáticos precisam relatar os avanços e conquistas realizadas pelos povos indígenas nos movimentos sociais, a luta pela vida e sua própria existência já é uma oportunidade para apresentar diversas discussões. Segundo Munduruku (2000, p.25):

> [...] apresentam uma visão simplista sobre os habitantes da América, considerando-os povos sem história, sem escrita, negando, portanto, seus traços culturais. Isso induzia o educando a considerar positiva a conquista e o extermínio do índio pelo colonizador. Além disso, nesses livros não se apresentavam a diversidade cultural e lingüística dos povos autóctones, passando a imagem de uma igualdade fictícia (MUNDURUKU, 2000, p.25).

Diante de exposto fica o questionamento: até que ponto está sendo colocado e até imposto os limites das discussões acerca do estudo da História e Cultura Indígena nas instituições e espaços de ensino tendo como um relevante ponto de partida a existência da Lei nº. 11.645/2008? De acordo com o Plano Nacional de Implementação das DCNs da Educação Etnicorracial já está acontecendo ações que dê mais visibilidade a Lei nº. 11.645/2008 não somente em âmbito estadual quanto ao apoio e suporte tecnológico que precisam cooperar para que aconteçam discussões, cursos e planejamentos que possibilite o cumprimento da mesma nos municípios. Deste modo, para nossa informação consta em sua alínea a); e j); que é necessário:

> a) Incluir as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Etnicorraciais e Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e os conteúdos propostos na Lei nº. 11.645/2008 nos programas de formação de funcionários, gestores e outros (programa de formação de conselheiros, de fortalecimento dos conselhos escolares e de formação de gestores);
> j) Promover ações de comunicação sobre as relações etnicorraciais com destaque para realização de campanhas e peças publicitárias de divulgação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 e de combate ao preconceito, racismo e discriminação nos meios de comunicação, em todas as dimensões.
> (PLANO NACIONAL DA EDUCAÇÃO, 2001-2010, p.30)

Admira-se que ainda exista a não mediação da lei que aborda e assiste os direitos dos povos indígenas à exatamente quatorze anos e perceber o quanto é impactante a negação desta lei e a informação quanto à inexistência e invisibilidade da mesma nos Projetos Políticos Pedagógicos, currículos, livros didáticos e nos planejamentos dos professores que atuam em suas áreas nas instituições de ensino é ainda uma grande preocupação. Cada área disciplinar necessita de uma apropriação para inserir as leis assumindo a responsabilidade de materializar a legislação acerca dos povos originários.

Por esta razão Gomes (2012, p. 99) afirma que:

> [...] Quanto mais se amplia o direito à educação, quanto mais se universaliza a educação básica e se democratiza o acesso ao ensino superior, mais entram para o espaço escolar sujeitos antes invisibilizados ou desconsiderados como sujeitos de conhecimento. Eles chegam com os seus conhecimentos, demandas políticas, valores,

> corporeidade, condições de vida, sofrimentos e vitórias.
> (GOMES, 2012, p. 99).

Por isso, percebe-se a necessidade de uma apresentação dos fundamentos históricos e políticos da Lei nº. 11.645/2008. Todos que fazem parte do cenário escolar precisam ter conhecimento das leis para que aconteçam avanços e passos sejam dados adiante das visões existentes acerca dos povos indígenas, deixando a comunidade escolar ciente de que houve uma invasão territorial, cultural, identitária, mas que não impediu que o crescimento e desenvolvimento caminhassem lado a lado com cada indígena que como povo resistente encontra-se ativo em todos os domínios e segmentos sociais na atualidade.

Persistir e resistir em pleno século XXI diante dos desafios encontrados nos segmentos sociais é ser sobremaneira muito forte nos dias atuais, principalmente porque a visão eurocêntrica, colonializadora, escravista e genocida ainda é uma pedra no caminho.

Assim sendo, a emergência que existe de inclusão das leis e a mudança de atitude do indivíduo enquanto cidadão na sociedade sobre os povos indígenas e todas as questões que regem seu viver é imprescindível para fortalecer e manter sua história de vida e suas vidas. Os avanços se darão a partir do momento que as instituições de ensino de todas as instâncias verdadeiramente praticarem nos espaços de ensino e de aprendizagem e em todo interior das escolas as leis que são criadas como instrumento de obrigatoriedade onde o cidadão tem o dever de praticar e cumprir.

Figura 26: Casal Kakai Pataxó e Iandara Pataxó, no dia do seu casamento na Aldeia Pataxó Nova Coroa.[38]

II CAPÍTULO

ANEMÃVÊY TXIHIHÃE PATAXÓ

Muká, Mukaú

o continuar da RESISTÊNCIA

[38]Foto cedida pelo casal Kakai e Iandara Pataxó. Casamento Indígena Pataxó realizado na Aldeia Nova Coroa em Coroa Vermelha-Bahia.

Capítulo 2

CULTURA INDÍGENA PATAXÓ: Muká, Mukaú o continuar da resistência.

2.1. NOS CAMINHOS DA RESISTÊNCIA: AS DINÂMICAS DA CULTURA.

O casamento para nosso povo Pataxó é um cerimonial cultural de passagem muito importante. Quando pensamos em família, quando pensamos em continuidade de existência e cultura pensamos em casamento, numa vida a dois. Instituir um lugar novo, mesmo já tendo seu próprio kijeme[1], isto é, sua casa. Trata-se de um espaço que contemple a presença de mais alguém junto a você, alguém unido a você para poder estar ao seu lado, conviver e unir espaços de vivências e convivências.

Figura 27. Kijẽmi[39]

Figura 28. Kijẽmi

Figura 29. Kijẽmi

Possuir um espaço da terra para construir um kijeme é situar também a cultura do povo Pataxó num espaço de criação e preservação. Buscando o entendimento acerca da tradição Geertz (1978, p.103) nos conduz a perceber a cultura como:

---

[27]Acervo da autora.
[28]Acervo da autora.
[29]Acervo da autora.
[39]Kijẽmi é a moradia do indígena Pataxó. É importante salientar que na palavra kijeme a primeira vogal "e" possui acento til, mas como se trata de uma língua indígena não foi possível colocar o acento, uma vez que os programas e/ou sistemas de computador não aceita este comando quando ele é dado. Na língua portuguesa basta clicar na tecla do acento (til ou agudo) e logo após clicar na letra que se deseja colocar o acento e o processo é realizado, já na língua Patxohã, muitas palavras aqui citadas não serão acentuadas corretamente.

> [...] um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporados em símbolos, um sistema de concepção herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida.'' (GEERTZ, 1978, p. 103).

Cada um de nós quando tomamos a decisão de aceitar se unir como marido e mulher nos lembramos da importância que tem a vida, pois o povo Pataxó se sente como uma das árvores das florestas, unindo as raízes naturais para assim ter a possibilidade de dar continuidade a existência junto a terra e a natureza.

Segundo o professor Gersem José dos Santos Luciano, indígena Baniwa, (2006, p.45), primeiro indígena Mestre em Antropologia Social no Brasil em sua obra O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje, traz ensinamento para toda a relação social entre os povos indígenas e nos fortalece dizendo que:

> As relações sociais mais fortes entre os povos indígenas são as de parentesco e de alianças. Como já vimos, as relações de parentesco estendem-se ao escopo de uma família extensa e são a base de toda a estrutura social de um povo. (BANIWA, 2006, p.45).

Aprender com o outro e entender as diferenças existentes entre os povos indígenas, no seu comportamento, no jeito de colocar as coisas, na maneira de falar, de pensar, enfim, estamos movimentando com as possíveis possibilidades de escolher alguém com a sua cultura, mas também, de outras culturas.

Determinando as escolhas e/ou alianças feitas, para o Pataxó é essencial que seja alguém que compartilhe com você tudo ou pelo menos parte da sua vida numa aldeia, estar unido através do casamento e nesse movimento unir as questões físicas, psicológicas, materiais, origens, entender a história e a genealogia, é viver uma metamorfose.

Para o indígena Baniwa, (2006, p.45):

> Deste modo, as alianças constituem a base de interesses comuns compartilhados e recíprocos, uma espécie de troca. [...] São essas relações de parentesco e as alianças que dinamizam e organizam as festas, as cerimônias, os rituais, as pescas ou as caças coletivas, os trabalhos conjuntos de roça e a produção, o consumo e a distribuição de bens e serviços, principalmente de alimentos. (BANIWA, 2006, p.45).

Partindo das relações sociais a reciprocidade entre os povos é essencial e cria possibilidades para que aconteça o casamento seja pelo parentesco entre primos, não podendo ser entre pai e filha nem tampouco entre mãe e filho, seja pela escolha, seja pela aliança. O jovem que deseja se casar precisa passar por etapas antes da realização do casamento cultural

Pataxó. Uma das etapas é realizar uma caça que alegre e seja aprovada pelo cacique, pajé, lideranças, pais, padrinhos, parentes e amigos da noiva.

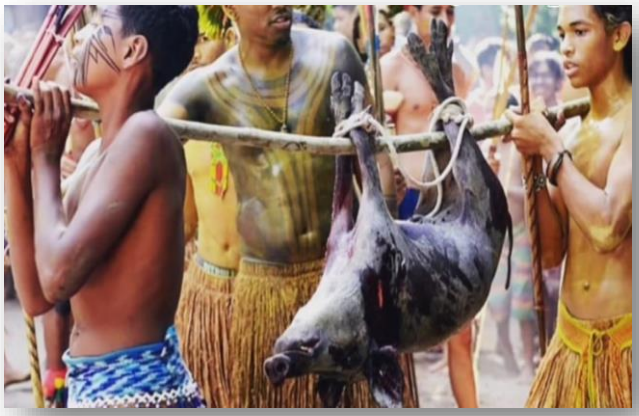


Figura 30. Pataxó carregando a caça.

Outra etapa é carregar uma tora de madeira que corresponda ao peso da noiva, esta tora de madeira fica uma semana antes da cerimônia dentro do rio para adquirir o peso da jokana e no dia do casamento o homem precisa provar que é um guerreiro pegando a tora da madeira encharcada e levar no ombro até o local que a jokana o aguarda com todos, na grande expectativa de provar que o Pataxó é um guerreiro e que através da sua força poderá trazer a segurança e manter sua jokana protegida com seus futuros kitoks (meninos).

Figura 31. Pataxó carregando a tora de madeira.

Quando se casa ocorre uma transformação dentro de si mesmo. Todas as probabilidades religiosas, sociológicas vividas no seu contexto passam a ser levadas muito mais a sério em função da união entre uma mulher e um homem, neste caso aqui entre um kakusú e uma jokana na língua Patxohã, língua falada pelo povo Pataxó.

[30] Acervo da autora.
[31] Acervo da autora.

Depois de gerada em seu espaço social o que chamamos de família com o passar do tempo suscita o que temos hoje: a sociedade. Estando como parte desta sociedade é que fazemos observações sobre tudo que nos cerca e que nos mantém em movimento por causa da curiosidade de perceber, escutar e entender as coisas e por causa da dúvida que nos coloca num universo de inquietações acerca de tantas pessoas diferentes de nós, mas que ocupam o mesmo espaço nesta sociedade estando ou não exercendo funções e/ou papéis diferentes de nós.

> É um argumento no sentido de que remodelar o padrão das relações sociais é reordenar as coordenadas do mundo experimentado. As formas da sociedade são a substância da cultura. [...] A análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa. (GEERTZ, 2008, p. 20)

Entendemos que nos desenvolvemos a partir das relações étnico-raciais que nos transpassa a gerações. Os povos originários já vivem e sentem como se dá este processo de evolução humana e junto com o tempo notamos a importância de estar ativo, ter uma participação em tudo que for possível ao redor e assim ter condições de acompanhar as mudanças sem deixar de ser Pataxó.

Todo esse enriquecimento trouxe estranhamento na comunidade porque o desconhecido ainda era e é um fator intrigante sobre o que devemos fazer para darmos seguimento e de forma espontânea à vida.

Diante disso, tudo que sobrevém chega às aldeias de forma imposta para mudar o que não se muda que é a raiz da natureza humana. Melhoramos enquanto ser humano, mas a essência da raiz diz quem é cada um de nós: somos Pataxó, povo que respira resistência e que almeja coexistir independente da realidade da opressão sócio-histórico, como também político-governamental. Para que a vida tenha continuidade é necessário se unir. Esta união também se dá na aldeia pelo interesse do homem e da mulher quando iniciam uma fase de descobertas e desafios para se conhecerem melhor e tomarem a decisão de seguir em frente juntos, através do casamento.

Para o indígena Baniwa, (2006, p.46):

> De forma sucinta podemos afirmar que a base da complexa organização social indígena está centrada nas relações de parentesco e nas alianças políticas e econômicas que cada povo ou grupo familiar estabelece. Os grupos de parentesco e de aliados formam potencial e concretamente os grupos de organização que se constituem em verdadeiros grupos de produção de bens e serviços. A distribuição e o consumo de bens são orientados a partir de tais grupos. (BANIWA, 2006, p.46).

Nos dias atuais, o casamento nem sempre tem acontecido de maneira interétnica, isto é

entre os parentes dentro da aldeia Pataxó e/ou entre o povo Pataxó de outras aldeias.

Segundo Brito (2020, p.12):

> O casamento como forma *natural* de constituição familiar existia antes do surgimento da Igreja Católica, tendo sido preservado pelas mais diversas religiões e pelas legislações civis nas nações pelo mundo. É um instituto inerente ao ser humano e que transcende as regras culturais delimitadas pelo tempo e o espaço, sempre mantendo a sua essência de constituição familiar. (BRITO, 2020, p.12).

2.2. O "HÃHÚHÊ'XÓ PATAXÓ": o namoro Pataxó.

Figura: 32. Casal de namorados do povo Pataxó.

Todo o processo de namoro se inicia na adolescência entre os jovens. Na comunidade indígena não é diferente. É nesta fase que grupos se aproximam e se constituem pelas afinidades. Dessas relações de amizades a princípio é que os olhares se cruzam e as escolhas acabam sendo feitas após um ritual de enamoramento onde características da jokana[40] passam a atrair a atenção do kakusũ[41].

[32] Acervo da autora.
[40] Jokana, nome dado a mulher indígena Pataxó na língua Patxohã.
[41] Kakusũ, nome dado ao homem indígena Pataxó na língua Patxohã.

O namoro entre os Pataxós acontece a partir de uma pedrinha que é jogada pertinho de quem se deseja namorar, pelo pretendente na estrada que geralmente a jokana passa, como um símbolo que serve para transmitir uma mensagem que demonstra interesse, justamente com a intenção de atrair a sua atenção.

Figura 33. Pedra de praia.

Figura 34. Pedra de praia.

A pedra nesse momento de conquista é o veículo de ligação e de comunicação entre o kakusú e a jokana, logo que nessa fase eles só podiam trocar olhares.

Figura 35. Pedra de rio.

Diante das tentativas o kakusú, que é o jovem da aldeia, fica ansioso e aguardando com muita expectativa que o retorno da jokana seja positivo.

No processo de conquista se a jokana concordar em iniciar o namoro com o jovem, ela irá retribuir o mesmo ato de jogar uma pedrinha também como resposta de aceitação e assim fica um jogando pedras no outro e trocando olhares e daí tudo começa a acontecer às escondidas sem que ninguém de ambas as famílias possa perceber, porém depois que o casal vivencia todas as etapas dessa fase de namoro, as lideranças representadas nas pessoas do pajé e do cacique da aldeia são os primeiros a serem informados do interesse que está existindo entre um casal de jovens enamorados.

---

[33] Acervo da autora.
[34] Acervo da autora.
[35] Acervo da autora.

Ainda na sequencia dos gestos de conquista entre o casal de jovens enamorados surge outra fase considerada muito importante para os dois selarem o compromisso.

Nesta fase do namoro o jovem enfrenta o desafio de encontrar uma flor que além de muito linda possa agradar e chamar a atenção da sua escolhida.

Figura 36. Flor.

Figura 37. Flor.

Diante do exposto, mostramos acima algumas flores que podemos encontrar na aldeia, quando uma flor é entregue a jokana e ela recebe a flor, fica dada a resposta de que o compromisso entre o casal está firmado. Após todos esses momentos vividos entre o casal, eles agora possuem uma responsabilidade de estar na aldeia convivendo de maneira discreta para se conhecerem melhor até que juntos concordem em irem comunicar ao Pajé e ao Cacique da aldeia sobre a intenção de se casarem.

No momento em que o Pajé e o Cacique são informados pelo próprio casal dos seus planos para o futuro, que é se unir em casamento, é que se inicia outro momento super importante para a cultura indígena Pataxó e para as lideranças na aldeia que são as etapas de aconselhamento.

Antes o casal enamorado decidia morar e viver junto e assim seguiam suas vidas, mas os pais através do aconselhamento mostrava o valor da cultura Pataxó para manter viva as origens. Na atualidade ainda acontece assim, mas os pais retomam sempre o processo cultural de orientar o casal para conservar a história Pataxó.

Segundo Srº Valdelito[42] em uma entrevista na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha sobre casamento indígena entre o Pataxó, ele nos afirma que:

> Então, antigamente não existia essa questão do casamento em cartório, no fórum não. O que acontecia depois do tempo de conquista era que o casal se juntava mesmo e iam morar junto e ali eles viviam, tinham seus filhos e seguiam a vida na aldeia. (Sr.VALDELITO, 50 anos, dezembro, 2020).

[36] Acervo da autora.
[37] Acervo da autora.
[42] Procurei manter na escrita transcrita o modo de falar do Pataxó, respeitando todos os traços e detalhes fonéticos e morfossintáticos quanto à sua pronúncia que marcam a língua portuguesa falada pelos Pataxó.

Juntamente com o aconselhamento vêm às principais orientações para o casal, acerca do cumprimento do papel enquanto liderança que é o de comunicar o casamento aos pais de ambos que estão enamorados.

O jovem a partir do seu quatorze anos de idade já era considerado preparado para estabelecer uma família e fornecer o sustento da mesma.

Para manter a sobrevivência da família que o jovem deseja formar é necessário saber e praticar a caça, a pesca, saber esculpir objetos de madeira como gamelas, pazinhas, colheres, fazer objetos de palha, trançar cestos.

Além dessas agilidades era preciso saber andar na mata, conhecer as plantas medicinais e ter a ciência dos benefícios para a saúde, bem como saber sobre o poder curativo de cada planta, precisava saber sobre a sua cultura e dominar a habilidade da construção para poder construir seu próprio kijeme (casa, moradia indígena Pataxó) e, sobretudo ter condições de proteger sua mulher e seus futuros filhos.

Em entrevista com o Pakari Pataxó[43] (maio, 2021) na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, ficamos mais informados sobre a questão da construção de um kijeme e sobre o seu valor para o povo Pataxó. Assim sendo, o Pakari Pataxó diz que:

> Para se construir um kijeme não é fácil porque desde a base da sua construção é tudo diferente. A base de um kijeme possui um formato circular, imita a figura geométrica chamada de hexágono isto é, um polígono de seis lados e/ou também possui medidas de um polígono com oito lados do mesmo tamanho que é a imagem geométrica chamada de octógono. Depois de escolhida a forma do kijeme, vem à escolha acerca dos pilares. Atualmente os pilares que eram de madeira estão sendo em sua maioria substituídos por colunas de ferro para dar mais resistência ao kijeme e ter por encerrada esta etapa. Depois as laterais que eram tapadas com barro após se colocar uma grade feita de madeira, hoje já são feitas paredes com blocos, revestidas com um reboco feito com cimento e somente depois o kijeme pode ser coberto, salientando que o telhado possui um formato de um cone que pode ser coberto com palha de palmeiras, com a piaçava e na atualidade já se faz o uso de telhas de barro conhecida como telha colonial e também com placas de eternit que possui uma instalação rápida para o casal ter acesso a sua nova moradia. Passando por esta prova o kakusú tem a aprovação dos pais da jokana, traz alegria ao cacique, ao pajé e lideranças, bem como para todos os parentes e amigos da aldeia. (PAKARI PATAXÓ, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, 18 de maio, 2021).

[43]José Carlos Conceição Santana, conhecido como Pakari Pataxó é artesão, filho de Maria do Carmo Braz da Conceição e Benedito Gonçalves Santana, ambos nascidos na Aldeia Pataxó Barra Velha (Aldeia Mãe). Tem 30 anos, mora na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha na cidade de Santa Cruz Cabrália - Extremo Sul da Bahia.

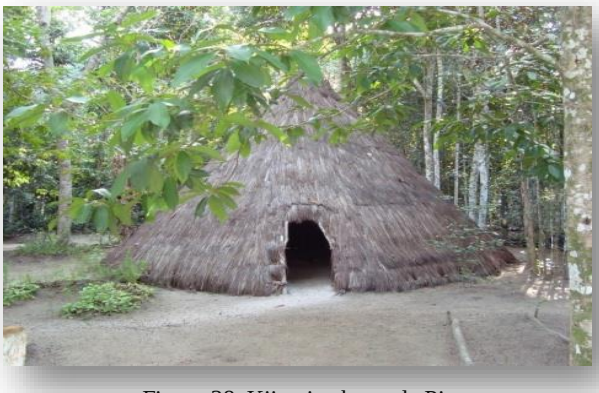


Figura 38. Kijemi coberta de Piaçava.

Figura 39. Kijemi coberta de Eternit.

Figura 40. Kijemi coberta de telha de Madeira.

Figura 41. Kijemi coberta de Eternit.

São as lideranças da aldeia que se direcionam diante das duas famílias envolvidas e representadas pelo casal de jovens para que diante do casal e suas famílias haja o comunicado do interesse pelo possível casamento e tudo isso acontece depois de uma conversa com o pretendente da jokana com as lideranças.

O diálogo que acontece com as lideranças e o jovem que pretende se casar com a jokana é de suma importância na aldeia e para a aldeia, porque se trata das várias etapas que o futuro noivo deverá cumprir para receber a aprovação das lideranças da aldeia e também dos pais de ambos os jovens e/ou casal enamorado.

Levando em consideração que o namoro outrora se dava através do gesto do guerreiro jogar uma pedrinha na jokana. Em entrevista com Iandara[44] Pataxó na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, ela nos coloca que o seu namoro se deu assim:

[38] Acervo da autora.
[39] Acervo da autora.
[40] Acervo da autora.
[41] Acervo da autora.
[44] Zelian Ferreira dos Santos Souza, conhecida como Iandara Pataxó é artesã, moradora da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, tem 38 anos, filha de Amilton Alves dos Santos e dona Zenaide da Conceição Ferreira.

> Aí, no caso da gente foi assim, meu pai ainda liberou a gente namorar, agente namorou sete anos aí teve uma hora que ele falou né, tá na hora de vocês casar, foi quando a gente foi procurar o Cacique né, o Pajé né, pra poder a gente fazer o casamento e dá início à cerimônia né. A diferença a gente já vê aí né, o contato físico que antes não tinha, hoje já tem né. (IANDARA PATAXÓ, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, dezembro, 2020).

Diante do exposto, percebemos que mesmo havendo no decorrer do tempo algumas mudanças, isso não impediu a Iandara de estar fortalecendo a cultura quando ela e seu kakusũ Kakai[45] Pataxó tomaram a decisão de se casarem na cultura e irem à procura do Cacique e do Pajé da aldeia para darem início à cerimônia do casamento cultural indígena Pataxó.

Continuando com a entrevista, perguntei ao Kakai Pataxó:

> Como você vê essa questão Kakai Pataxó? O não casamento dentro da cultura hoje, os jovens que tem se unido sem a realização do casamento, acaba enfraquecendo a cultura do nosso povo?
> A questão é essa né...vai ficando mais fraco né. Porque cada casal que acaba casando na cultura indígena fortalece mais ainda né. O pessoal vai vendo e vai seguindo a cultura e vai fortalecendo, mas eu acho aí, que muitos aí, falta um pouco de incentivo né. Falta incentivo, até mesmo dos pais, que muitas vezes perderam a cultura e vai deixando de lado. No meu caso, eu já vejo diferente, no meu caso. Hoje em dia eu tenho uma filha e daqui prá lá, se o Senhor permitir e aí eu vou dá força a ela pra ela também fazer o mesmo caso, passar pelo mesmo processo que eu passei né.
> (KAKAI PATAXÓ, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, outubro de 2020).

Em seguida perguntei para a Iandara Pataxó:

> Quais as mudanças que vocês conseguem perceber do casamento tradicional na cultura e o casamento cultural na atualidade?
> Iandara Pataxó nos responde:
> Bom, assim, bem antigamente assim que eu sempre ouvia meu pai, minha avó falar, já houve uma mudança né, assim do casamento de antigamente né. Isso até mesmo no namoro né, porque antes né, o namoro era aquele de pedrinha né. Jogava a pedrinha um no outro aí tava namorando já. Já houve uma mudança aí. Que hoje não, o namoro já tem aquele contato físico, já pode namorar e que antes não podia ter esse contato físico. Aí na hora do casamento, quando queria se casar já jogava a flor né, aí a mulher né, que era a jokana pegasse a flor, ela tava aceitando e já ia casar sem nenhum contato físico né, aí já chamava o Cacique ia casar. Hoje agente já não é mais assim. Agente percebe que já namora né e muitas vezes por lá, o pai nem sabe e quando o pai já sabe, tem muitos pais que ainda desse jeito, às vezes quando descobre dizem....ah não, vocês vão casar logo, né. (IANDARA PATAXÓ, dezembro, 2020).

[45] Paulo Vinicius Souza dos Santos, conhecido como Kakai Pataxó é artesão, morador da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, tem 38 anos, filho de Sebastião Manoel dos Santos e dona Alice Souza dos Santos.

Na obra O povo Pataxó e suas histórias ANGTHICHAY, ARARIBY, JASSANÃ, MANGUADÃ, KANÁTYO como indígenas (2002, p.13) transmite como acontecia o namoro na aldeia entre os Pataxó:

> Eu vou contar para vocês como é o namoro e o casamento do povo Pataxó. Quando um rapaz e uma moça Pataxó começam a se gostar, um dos dois toma a iniciativa, jogando em direção ao outro uma pedrinha bem de mansinho, sem que ninguém possa perceber. Naquele momento, os dois trocam olhares e sorrisos. (ANGTHICHAY, 2002, p.13).

Quando se tem o desejo de se casar, o rapaz joga uma flor na moça, que por sua vez aceita o pedido se pegar a flor que lhe foi jogada.

> De acordo com as nossas tradições, o namoro e o casamento são da seguinte forma: o índio e a índia, quando se viam e gostavam um do outro, jogavam uma pedrinha. Se gostassem, quando se viam novamente a outra pessoa correspondia jogando uma pedrinha também e, assim, começavam o namoro com uma troca de pedrinhas por um longo tempo. Mais adiante, o índio jogava uma flor e com isso estava pedindo a índia em casamento. Se ela aceitasse pegaria a flor. O índio que pretendia se casar se dirigia ao cacique para que os dois juntos comunicassem aos pais da moça, para ver se realmente eles concordariam com o casamento. Os pais aceitando, o índio deveria passar por uma prova de resistência e responsabilidade. Deveria carregar um peso equivalente ao da índia e ser bom de arco e flecha. O peso serviria para saber se o índio era realmente forte, e, se em uma guerra a índia ficasse impossibilitada de correr, o índio jogaria a mulher nas costas e sairia com ela correndo por dentro da mata. Já com o arco e flecha saberia se o índio teria condições de sustentar a família na caçada e na defesa. Passando por essas provas, o índio estaria preparado para casar. (ALDEIA PATAXÓ DA JAQUEIRA, 2011, p.49).

Ao contrário da moça, o homem por sua vez, não se casa logo. Geralmente, a moça vive com um marido desde o início da puberdade. Até o nascimento do primeiro bebê, o casamento é bastante instável. O rito do casamento indígena pode ser combinado quando os noivos ainda são crianças e se diferem de uma tribo para outra. Os homens têm que carregar toras com mesmo peso de suas futuras esposas.

Atualmente algumas mudanças ocorreram ao longo do processo de aldeamento que tem contribuído para que algumas características do casamento indígena Pataxó tenha ficado no passado e surgido novas características como a de caçar um porco e matá-lo para apresentar antes da cerimônia do casamento para todos da aldeia. É feito antes da caçada o ritual do banho de lama onde os corpos dos guerreiros são cobertos de lama e em seguida eles se direcionam para a mata em busca de um porco que será assado e distribuído para todos depois da cerimônia de casamento.

Refletindo sobre o casamento indígena Pataxó notamos algumas modificações em

função das influências do não indígena que buscava no casamento indígena conhecer a cultura, o comportamento, seu habitat, mas diante das exigências da sociedade que planeja viajar para lugares turísticos com características rústicas, foi necessário fazer adaptações, inovando este momento cultural indígena como via de atração para projetos que existem no aldeamento indígena Pataxó de Coroa Vermelha, principalmente na Reserva da Jaqueira.

A sociedade atual solicita que se enfrente a heterogeneidade, e que se distingam as possibilidades dos grupos e das culturas, seus valores, interesses e identidades. Ao mesmo tempo, ela demanda que o reconhecimento das diferenças, não seja fundamentado nas relações de dominação, submissão, preconceito ou desigualdade.

Apreendi que as relações determinadas pela tradição cultural Pataxó rezavam que o índio guerreiro não tinha a liberdade de escolha e que a índia tinha que ser da mesma aldeia, respeitando a cultura, as normas e costumes estabelecidos pelo povo Pataxó, mas na atualidade o índio Pataxó tem realizado novas escolhas e de pretendentes a namoro, noivado e consequentemente a casamento.

Com a diversidade dos povos na aldeia Pataxó Coroa Vermelha, a integração e as relações étnico-raciais são inevitáveis e com isso temos contato com mulheres afro-brasileira, brancas, indígenas de outras etnias, de aldeamento e aldeias diferentes, o que nos leva a pensar e re-pensar que suas raízes estão se fortalecendo ainda mais com o tempo, mostrando que pode se casar com quem quiser, mas que vivendo no aldeamento pode e é permitido.

Assim sendo, os limites que antes eram traçados tradicionalmente abriu novas possibilidades mesmo que esta inovação e novas escolhas estejam sujeita a certas limitações, pois existem muitas famílias indígenas que priorizam a não mistura, para desta maneira manter o seu povo e sua cultura em suas raízes culturais e sua ancestralidade fortalecida.

Em entrevista sobre o casamento Pataxó da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, a indígena Diana nos traz informações acerca do parentesco e união dos casais e nos esclarece como foi o seu casamento nos dizendo que:

> O casamento Pataxó ainda acontece por parentesco sim, principalmente em aldeias pequenas formadas por grupos de famílias próximas, mas assim como outros costumes do nosso povo, tem mudado também. (DIANA BOMFIM, 15 de junho 2020, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha).

As mudanças que estão expressas na fala da indígena Pataxó Diana apresentam para a sociedade que como tudo sofre transformações, dentro das aldeias não se pôde evitar que ocorressem as modificações e ajustamentos e com elas acontecessem às relações étnico-raciais. Diante da fala da Diana percebemos que a comunidade indígena está sempre ativa, se movimentando, acompanhando e observando tudo em sua volta e buscando estar atualizada

para que os dispositivos de poder bem como os sistemas governamentais, não venham tentar dizimar seu povo, cultura e todos os costumes, hábitos e saberes dos povos originários.

Diante do exposto, em entrevista com o indígena Pakari Pataxó sobre as relações de parentesco, fiz pra ele uma pergunta sobre a união em casamento e ele nos respondeu que:

> Não. Hoje em dia pode até acontecer, só que é mais difícil porque aqui na nossa aldeia já tem pessoas de muitas culturas diferentes e isso ajuda para ter as misturas.
> (PAKARI PATAXÓ, 18 de maio, 2021).

Dando continuidade à entrevista sobre o casamento indígena Pataxó da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, solicitei que a Diana Pataxó explicasse como tem sido hoje a união dos casais na aldeia e ela nos relata que:

> Hoje em dia já há casamento de indígenas com pessoas não indígenas, muitas famílias tem se misturado com outros povos de cultura diferente da nossa.
> (DIANA BOMFIM, 15 de junho 2020, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha).

Diante do exposto percebemos que havia um determinado rigor quanto ao fato do indígena se casar com outros povos indígenas de outras aldeias e que não fossem Pataxó ou de acontecer o casamento entre um indígena com alguém de outra cultura, como é o caso, por exemplo, dos povos não indígenas que aqui se refere ao branco e/ou afro-brasileiro.

Em seguida solicitei que a Diana pudesse comentar sobre o seu casamento. Ela nos relata que:

> Meu casamento foi na cultura Pataxó na reserva da Jaqueira há 19 anos, foi uma escolha minha casar com um indígena, acho que deveria continuar minha nação sem mistura.
> (DIANA BOMFIM, 15 de junho 2020, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha).

O casamento da indígena Diana Pataxó, como foi relatado na sua resposta durante a entrevista deixa bem claro que a sua união e cerimônia matrimonial foi realizada com todas as exigências culturais do povo indígena Pataxó e nos costumes tradicionais.

Na obra "O povo Pataxó e sua história ANGTHICHAY, ARARIBY, JASSANÃ, MANGUADÃ, KANÁTYO" como indígenas (2002, p.13), temos uma explanação de como acontecia o casamento indígena Pataxó na sua forma tradicional:

> Eu vou contar para vocês como é o namoro e o casamento do povo Pataxó. Quando um rapaz e uma moça Pataxó começam a se gostar, um dos dois toma a iniciativa, jogando em direção ao outro uma pedrinha bem de mansinho, sem que ninguém possa perceber. Naquele momento, os dois trocam olhares e sorrisos. A partir daí, começam, ou melhor, passam a se jogar pedrinhas e a se encontrar às escondidas. Quando querem se casar, o rapaz joga na moça, na jovem índia, uma flor. Se ela pegar a flor, é porque aceita se casar com o rapaz, mas, se ela não pegar, é porque não aceita o casamento. Depois que a moça pegar a flor, eles vão conversar com os pais e os caciques. A partir desta

> conversa, toda a comunidade fica sabendo que vai haver casamento na aldeia. Desse dia em diante, os pais começam a se preparar para a cerimônia matrimonial de seus filhos. O noivo começa a preparar sua casa e seu roçado e, diariamente, pega uma pedra com o peso equivalente ao da noiva. No dia do casamento, os pais dos noivos, juntamente com os caciques, marcam o lugar de onde o noivo começará a carregar a pedra. O rapaz carrega a pedra até o local onde será realizado o casamento. Chegando lá, ele põe a pedra no chão e, ali mesmo, os noivos trocam de cocar e, naquele momento, é realizada a cerimônia. Depois da realização do casamento, todos os membros da comunidade vão para a casa dos noivos beber cauim e festejar até o raiar do novo dia. Geralmente, os Pataxó se casam bem novos, entre doze e treze anos, mas hoje isto já está mudando e estão se casando entre os quatorze, dezesseis e até dezoito anos.
> (ANGTHICHAY, ARARIBY, JASSANÃ, MANGUADÃ, KANÁTYO, 2002, p.13)

Segundo o professor Gersem José dos Santos Luciano, indígena Baniwa, (2006, p.31), primeiro indígena Mestre em Antropologia Social no Brasil em sua obra O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje, traz como ensinamento para toda a sociedade e todos que fazem parte desta sociedade que a valorização às culturas é um passo importante e que precisamos entender que:

> Cada povo indígena constitui-se como uma sociedade única, na medida em que se organiza a partir de uma cosmologia particular própria que baseia e fundamenta toda a vida social, cultural, econômica e religiosa do grupo. Deste modo, a principal marca do mundo indígena é a diversidade de povos, culturas, civilizações, religiões, economias, enfim, uma multiplicidade de formas de vida coletiva e individual. (BANIWA, 2006, p.31).

Diante da diversidade de povos e suas particularidades, estando em entrevista com Pakari Pataxó sobre o casamento Pataxó na atualidade perguntei se sua esposa era indígena e ele explicou que:

> A minha esposa vive a muitos anos dentro da aldeia, sempre lutando, sempre ajudando nosso povo e apoiando nossas lideranças e causas de resistência dentro da aldeia e por isso eu a considero como indígena e pertencente ao nosso povo Pataxó.
> (PAKARI PATAXÓ, 18 de maio, 2021).

Sem dúvida, as políticas de igualdade são importantes para permitir o acesso à vida e qualidade da educação para todos. Contudo, precisamos de políticas de identidade e de equidade que respeitem as diferenças e as identidades culturais de um povo.

Baniwa (p. 29, 2006) deixa de maneira bem explicada que:

> A consolidação do movimento indígena, a oferta de políticas públicas específicas e a recente e crescente revalorização das culturas indígenas estão possibilitando a recuperação do orgulho étnico e a reafirmação da identidade indígena. (BANIWA, 2006, p.29).

Saliento que os registros até o momento são baseados na experiência e memórias, constatando que na contemporaneidade há poucas bibliografias que trate de maneira aprofundada sobre a origem do casamento na cultura indígena Pataxó de Coroa Vermelha. De acordo com Strauss (1968, p.77):

> ... Nossa ciência chegou à maturidade, no dia em que o homem ocidental começou a compreender que ele jamais se compreenderia a si mesmo, enquanto na face da Terra, uma só raça, um só povo, fosse tratado por ele como um objeto. Somente então, a antropologia pôde se afirmar como o que é: um empreendimento, que renova e expia a Renascença, com o fim de levar o humanismo a alcançar a medida da humanidade. Permiti, pois, meus caros colegas, que depois de haver prestado homenagem aos mestres da antropologia social no começo desta aula, minhas últimas palavras para estes selvagens, cuja obscura tenacidade nos oferece ainda o meio de atribuir aos fatos humanos suas verdadeiras dimensões: homens e mulheres que, no momento em que falo a milhares de quilômetros daqui, em alguma savana pouco a pouco destruída pelo fogo cerrado, ou numa floresta encharcada de chuva, retornam ao acampamento para dividir entre si uma magra pitança, e evocar juntos os seus deuses; estes índios dos trópicos, e seus semelhantes pelo mundo a fora, que me ensinaram seu pobre saber no qual se acha, entretanto, o essencial dos conhecimentos que me haveis ensinado encarregado de transmitir a outros; em breve, infelizmente, todos votados à extinção, sob o efeito das doenças e dos modos de vida - para eles, ainda mais horríveis - que lhes levamos; e com relação a quem contraí dívida da qual não serei liberado, mesmo se, no lugar onde me pusestes, eu pudesse justificar a ternura que me inspira, e o reconhecimento que lhe tenho, continuando a me mostrar, tal como fui entre eles, e tal como, entre vós, eu gostaria de deixar de ser: deles o discípulo e a testemunha.(LÉVI-STRAUSS,1968, p.77).

Referindo a velocidade que a sociedade tem se transformado e influenciado povos de diversas etnias, revelo aqui uma visão preocupante quanto à questão cultural, onde é notório que não é mais possível “regredir” aos avanços já inseridos no contexto do casamento indígena, bem como dos costumes e hábitos do povo Pataxó.

Nesse sentido, traçar novas regras que se respeite a tradicionalidade, uma vez que uma oposição às novas modificações e adaptações seria essencial um momento de reflexão, levando em consideração definições e distinções a serem assistidas e abordadas, refletidas, discutidas num cenário onde a coletividade e a unidade do povo Pataxó valorizassem uma nova possibilidade e prática comparada à prática de tudo aquilo que habitualmente e naturalmente se faz, demonstra e vive enquanto indígena Pataxó de Coroa Vermelha.

> As ciências sociais chegaram a um tal grau de interpretação, e cada uma delas tornou-se tão complexa pela enorme massa de fatos e documentos sobre os quais repousa, que seu progresso só pode provir de um trabalho coletivo. (LEVI-STRAUSS, 1982, p.20).

Diante dos movimentos vividos pelo Pataxó torna-se possível ser testemunha de uma memória estruturada na ancestralidade e na coletividade que fortalece suas raízes e revigora a

comunidade indígena a desenvolver os seus sentimentos de pertencimento e as suas relações étnico-raciais em suas terras, a fim de permanecer dando continuidade à sua cultura.

Diante disso, Baniwa (2006, p.44) nos afirma que:

> Essa diversidade cultural dos povos indígenas demonstra a multiplicidade de povos e das suas relações com o meio ambiente, com o meio mítico religioso e a variação de tipos de organizações sociais, políticas e econômicas, de produção de material e de hábitos cotidianos de vida. Pode-se afirmar que os modos de vida dos povos indígenas variam de povo para povo conforme o tipo de relações que é estabelecido com o meio natural e o sobrenatural. (BANIWA, 2006, p.44).

2.3. ANEMÃVÊY PATAXÓ: Casamento Pataxó

Para o não-índio a cerimônia do casamento se dá quando a noiva entra em uma igreja e ali caminha até o altar onde geralmente fica à sua espera seu futuro esposo juntamente com o padre e/ou pastor que é quem vai fazer a celebração da união. Para o povo Pataxó os preparativos dentro da aldeia têm início praticamente trinta dias antes, pois existem etapas que o noivo pretendente precisa superar para provar que é guerreiro e que pode garantir o sustento da sua família, manter a segurança da jokana (mulher) e garantir sua moradia tendo seu kijemi (casa).

Depois que é escolhida uma tora de madeira que se aproxime do peso da noiva, esta tora é levada para o rio da aldeia onde será feita a celebração do casamento Pataxó. No dia do casamento os homens ficam encarregados de acompanhar o noivo nas suas tarefas, mas não pode ajudá-lo a cumprir as etapas, pois caso ele não consiga cumprir com sucesso, ele acaba não se casando e todo seu esforço tem efeito contrário para ele e para todos da aldeia.

Enquanto o noivo vai ao rio buscar a tora de madeira a sua futura esposa fica numa oca sendo cuidada pelas outras mulheres casadas da aldeia. Assim sendo, a noiva é pintada e enfeitada com todos os adereços do povo Pataxó para a ocasião.

Figura 42. Kakai Pataxó carregando a tora de madeira.

Depois de o noivo ter realizado um grande percurso caminhando na aldeia indo em direção ao rio, ele retorna do rio carregando a tora de madeira até o Centro Cultural da aldeia que é o local onde é feita toda a celebração do casamento e onde ficam a espera o cacique, o pajé, os pais dos noivos, os padrinhos e madrinhas e todos da comunidade, ele chega demonstrando a força guerreira do Pataxó.

[42] Acervo da autora.

Assim sendo, a noiva é pintada e enfeitada com todos os adereços do povo Pataxó para a ocasião e fica sem que ninguém possa vê-la antes da cerimônia. A noiva fica distante de todos para que ela receba a notícia positiva ou negativa do seu pretendente. Neste momento de espera existe uma grande expectativa e torcida para que o kakusú cumpra com determinação as provas e possa se unir a ela.

Figura 43. O guerreiro Kakai Pataxó com a tora de madeira.

No momento em que o kakusú é visto entrando no centro cultural Pataxó carregando a tora todos da aldeia ali presentes comemoram com muitos sons de pássaros, o som do Maracá, instrumento sagrado Pataxó é tocado transmitindo através do som a alegria de receber o noivo para este momento único.

Figura 44. A chegada do noivo guerreiro Kakai Pataxó com a tora de madeira até o altar.

Quando o noivo supera e vence as provas, o guerreiro coloca a tora de madeira no chão onde o cacique e o pajé estão aguardando. Todos ficam muito felizes pela aprovação conquistada e confirmada pelas grandes lideranças na aldeia Pataxó.

[43]Acervo da autora.
[44]Acervo da autora.

Neste momento a mãe da noiva vai avisar para a noiva que seu noivo cumpriu as provas e já se encontra com os olhos firmes aguardando a sua chegada ao local onde é celebrado o casamento e iniciada a cerimônia.

Depois que a noiva é avisada, todos ficam ansiosos para poder prestigiar a beleza da noiva e toda a arrumação que ela foi preparada pelas outras mulheres da aldeia. Todos os detalhes são observados pela comunidade e visitantes, desde a pintura corporal e do rosto, colares, brincos, pulseiras, cocar, todos os adereços colocados na noiva e todas as cores envolvidas para que fique em combinação com o noivo. Assim sendo, a noiva é conduzida pelas outras mulheres guerreiras da aldeia até o local da cerimônia.

Figura: 45. Noivos ouvindo as palavras ditas pelo Cacique Aruã, que celebrou o casamento.

Com a finalidade de mostrar como o aprendizado no ouvir os sujeitos da nossa história e a prática da oralidade indígena existe e se apresenta com toda a sua riqueza de saberes ancestrais, que trago uma etnografia para reflexão sobre o casamento indígena Pataxó no olhar do Pataxó e o quanto resistir para existir tem contribuído para o fortalecimento da identidade indígena e para a valorização da cultura desses povos, que este capítulo está organizado levando em consideração uma sequencia vivida no casamento cultural indígena Pataxó de forma a estender as memórias aqui trazidas.

A memória revitaliza e dá vida à palavra que sendo registrada constrói a história de um povo.

[45] Acervo da autora.

Através da oralidade tão forte nas populações originárias da nação é que vamos registrando e respondendo a inquietações que revelam significados histórico-cultural acerca das implicações existentes numa singularidade de ideias e ideais relacionados ao progresso e evolução da sociedade presente diretamente com esta camada da população brasileira tão ativa e viva como são os povos indígenas, mas que inseridos numa realidade urbanizada resiste e convive com dilemas entre os diferentes hábitos, costumes, crenças, religiões, economias, entre outros fatores.

Buscando um casal que tivesse se casado na cultura, tive um excelente encontro no kijeme do casal KAKAI PATAXÓ e sua jokana IANDARA[46] PATAXÓ, ambos indígenas Pataxó e moradores da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha e em entrevista com Iandara Pataxó na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, ela conceitua casamento como:

> É pra mim né, casamento é a união de duas pessoas que depois de muito tempo de namoro né, resolve formar uma família, pra viver né, em conjunto né, os dois. Então casamento pra mim é isso. (IANDARA PATAXÓ, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, novembro de 2020).

Entendendo que a cultura indígena Pataxó é muito valorizada na comunidade, o indígena Kakai Pataxó fortalece a fala da sua esposa dizendo que é "*como falou minha esposa, a Iandara, casamento é a união do casal quando se junta pra formar uma família, seria isso aí mesmo*."

De acordo com a cultura indígena Pataxó de Coroa Vermelha, o casamento acontecia a partir da escolha que o índio guerreiro realizava quando estava à procura de uma namorada, noiva e que possivelmente seria esposa no futuro, respeitando sua tradição quanto ao processo de se olhar, se gostar e jogar uma pedrinha inicialmente e uma flor quando se trata do desejo que se tem em se casar com a índia escolhida e a obtenção de uma resposta positiva dada pela futura esposa. Refletindo sobre a cultura indígena, este processo de escolha era realizado apenas entre indígenas quer sejam parentes ou não, mas que fossem da mesma aldeia, sendo casamentos realizados entre primos e primas e assim se seguia o princípio do casamento tradicional quanto à sua cultura étnica.

Deste modo, Diana Pataxó comenta sobre como ocorre o ritual do casamento indígena Pataxó e nos relata que:

[46] Durante as reproduções procurei manter o modo de falar do Pataxó, respeitando cada palavra dita através da sua fala, bem como todos os traços fonéticos e morfossintáticos quanto à sua pronúncia que marcam a língua portuguesa falada pelo Pataxó.

> O ritual acontece muitas das vezes com o casal já está morando junto, até porque na nossa cultura é comum os jovens casarem muito cedo, a partir dos 13 anos de idade. Assim que os jovens começam a namorar, logo vão morar junto, ou seja, fogem das casas dos seus pais, no caso da menina e vai morar com o rapaz na casa dos pais dele. E ai acontece o casamento, que é uma festa comunitária com todos os membros da aldeia. O pajé ou o cacique reúne com os pais dos jovens que irão casar e organiza a festa de casamento marcado dia começa todo os preparativos, os homens vão caçar, pescar ou pegar mariscos, buscar lenhas para o fogo e as mulheres preparar o kauim (bebida fermentada da mandioca), fazer bejus, bolos de puba, tapioca e farinha. Para a purificação e fortalecimento da união do casal o pajé começa todo um ritual de benzer o espaço do casamento com as ervas escolhidas por ele. Os convidados e parentes dos noivos têm todo um preparativo para a cerimônia, se enfeitam com os mais belos adereços, fazem pinturas no corpo utilizando jenipapo, argila e urucum. Durante a cerimônia com a chegada dos noivos são apresentados vários cânticos e logo após chega o noivo carregando um toro de acordo o peso da noiva que representa estar apto a casar, pois já consegue carregá-la nas costas em caso de emergência.
> (DIANA BOMFIM, 15 de junho 2020, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha).

Cada cultura se expressa através da língua, costumes, arte, rituais, dentre outros pressupostos que influi na vida e no comportamento das pessoas inseridas no contexto.

Em entrevista com Pakari Pataxó acerca do ritual do casamento, na sua fala, ele nos explica que no ritual do casamento indígena Pataxó:

> O casal é pintado com a pintura de casado. A noiva é pintada pelas mulheres e o noivo é pintado pelo Cacique que realiza uma prova que é a corrida com a tora de madeira que precisa ter o mesmo peso da jokana (mulher), depois da corrida com a tora tem a caçada na floresta mostrando como ele vai sustentar a família dele e a partir daí ele se torna um guerreiro. (PAKARI PATAXÓ, 18 de maio, 2021).

Entendemos que a urbanização contribui bastante para que a população indígena adote ou se adapte a hábitos, costumes, crenças, normas, tradição que até então eram desconhecidas e que na atualidade fazem parte da vida e do cotidiano do povo indígena da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, considerada a maior aldeia urbanizada do Brasil.

Trazendo uma reflexão sobre as mudanças vividas pelos povos indígenas a Diana da Conceição Bomfim, professora da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha em uma entrevista nos esclarece que as mudanças para os indígenas:

> Depende muito do Pataxó, pra alguns é visto como dificuldade devido a todo o processo de mudança que a humanidade vem enfrentando e vivenciando, pois não estava acostumado com essa realidade, para outros, é a realização de algo que tem procurado conquistar a muito tempo como, por exemplo, educação e saúde diferenciada um direito conquistado. (DIANA DA CONCEIÇÃO BOMFIM, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, junho de 2020).

Refletindo sobre as transformações sociais ao longo da história, ajuizar uma aldeia sobre os pontos positivos e negativos acerca dessas modificações se faz necessário e é preciso se tomar cuidado, pois de maneira positiva visualizamos que com a urbanização, veio à globalização e a tecnologia, sem deixar de relatar que os avanços ocorreram em vários campos e aspectos da vida dos povos indígenas Pataxó, mostrando que os povos indígenas não estão parados no tempo, mas que junto com o tempo por gerações vêm caminhando e se adaptando a tudo, como temos, por exemplo, na atualidade e de forma muito presente e atuante a inserção do indígena no mundo dos negócios, no mercado de trabalho, no universo acadêmico, no campo da política, entre outros.

Por outro lado temos os pontos negativos que contribuem até a atualidade para que se ocorram mudanças tanto na vida e no cotidiano do povo indígena Pataxó de Coroa Vermelha quanto no seu comportamento, como por exemplo: o álcool, a prostituição, drogas, violência, etc.

Diante desse contexto muitos casais não participam mais do casamento cultural. Assim sendo em entrevista com a indígena Iandara Pataxó lhe perguntei: Por que ela escolheu se casar na cultura e tanto ela quanto seu esposo Kakai Pataxó, fazem uma explanação sobre o assunto dizendo que:

> Agente decidiu se casar na cultura porque é uma forma de fortalecimento mesmo da nossa cultura né, porque no momento que nós vivemos hoje, muitos na verdade adormece, não falo nem esquece, adormece a cultura, então foi uma maneira da gente estar revitalizando ainda mais né, a cultura da gente, casando na tradição mesmo, então foi um ato da gente né, pra valorizar mais a nossa cultura. (IANDARA PATAXÓ, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, novembro de 2020).

Seu esposo Kakai Pataxó fez questão de complementar à fala da sua esposa dizendo que:

> Achamos que a maneira de casar na cultura Pataxó também é... porque além de ser indígena, eu gosto da cultura e graças à Deus aprendi muito e é outra forma de estar fortalecendo a nossa cultura né, dos outros também que vê isso aí e tomar o gosto de tá fazendo o mesmo papel que agente fez de se casar na cultura pra nossa cultura se fortalecer cada vez mais. (KAKAI PATAXÓ, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, novembro de 2020).

Nesse sentido a autonomia cultural se mostra em defesa da conservação da coletividade mesmo sabendo que existe um processo paralelo que contribui para que outras culturas e outros povos participem e aprenda com as vivências.

Casamentos entre indígenas e negros e/ou brancos, também foi outra maneira de sobreviver, o que provocou uma grande miscigenação.

Os povos indígenas estão sempre em movimento e se atualizando. Diante disso,

percebemos que existe uma parcela significativa da juventude dentro da aldeia que já não tem os mesmos pensamentos sobre a questão e importância do casamento cultural.

Diante do exposto, conversando com o casal Kakai Pataxó e Iandara Pataxó, perguntei qual a opinião deles e como é que eles percebem as relações entre os jovens em sua maioria dentro da aldeia que na realidade não se casam na cultura, mas mesmo assim iniciam uma vida conjugal como marido e mulher e a Iandara Pataxó nos relata que:

> Bom, a gente percebe né, nessa forma aí né, é que ninguém mais quer casar, que a maioria dos adolescentes, dos jovens hoje nem mais quer casar, na verdade quase nem namora né. Eles conhecem a pessoa e daqui a pouco já se junta por lá mesmo e já vão morar junto. Na verdade muitas das vezes a família nem conhece a pessoa direito e muitas vezes pode ser também por questões financeiras, né. Que às vezes não quer ter um gasto, na minha opinião pode ser isso também, mas eu acho que muitas vezes é desleixo mesmo da pessoa entendeu. Não são todos, mas muitos mesmo não querem nem saber né. A gente pode perceber né, que não tá mais assim.....ligado com a cultura né. Então esse pode ser um fator que favorece essa questão aí. (IANDARA PATAXÓ, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, novembro de 2020).

Nesse contexto de experiências e realização do casamento cultural que o casamento indígena entre o Pataxó e outros povos indígenas como Maxacali, Tupinambá, negros e brancos transformou-se numa mola propulsora do fortalecimento de uma cultura de um povo que resiste ao extermínio cultural durante anos de sua existência em toda sua ancestralidade.

Deste modo, estando em entrevista com o Pakari Pataxó sobre como foi seu casamento, ele nos relata que:

> Meu casamento é uma benção do grande Criador Niãmisũr, que me presenteou com uma jokana (mulher) guerreira, muito conhecida como professora Jodilce, mas que aqui na aldeia muitos já conhecem ela como Biriba Pataxó, mulher que mora na aldeia a uns trinta e dois anos e que está sempre presente, lutando junto ao meu lado apoiando nosso povo nos movimentos e lutas. (PAKARI PATAXÓ, 18 de maio, 2021).

De acordo com a fala do Pakari Pataxó percebemos que as relações sociais conduzem para novas experiências de convivência, como seu casamento que é uma união interétnica resultante dessa integração social.

> Ao captar a visão essencial dos outros [...] estamos contribuindo para alargar a nossa própria visão. Não podemos chegar à sabedoria final socrática de conhecer-nos a nós mesmos se nunca deixarmos os estreitos limites dos costumes, crenças e preconceitos em que todo homem nasceu. (MALINOWSKI, 1976, p.374).

Assim sendo, tais mudanças e transformações aparecem de imediato representado também nos elementos materiais como a moradia, as roupas, músicas ouvidas, os meios de

comunicação, meios de locomoção, etc. Lembrar que esses elementos também se manifestam no acesso a educação e aos bens culturais.

Reconheço que nem sempre essas convergências foram simples, ou empreendidas sem conflitos, já que "as pessoas aspiram a fins diferentes, seguem impulsos diferentes, anseiam por diferentes formas de felicidade" (MALINOWSKI, 1978, 37).

Conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos, em diversos tempos e espaços, em suas manifestações culturais, econômicas, políticas e sociais é fundamental para demonstrar o valor pela cultura de um povo, reconhecendo semelhanças e descontinuidades, conflitos e contradições sociais e intertribais aos quais estão inseridos.

Segundo a professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Vânia Maria Losada Moreira, em seu artigo *Casamentos indígenas, casamentos mistos e política na América portuguesa: amizade, negociação, capitulação e assimilação social* vêm afirmar que:

> As uniões e os matrimônios mistos foram comuns e estiveram presentes nas relações interétnicas desde os primeiros encontros e contatos entre índios e não índios no Brasil. (MOREIRA, 2018, p. 41).

CERIMÔNIA DO CASAMENTO PATAXÓ: a importância da presença dos pais.

Figura: 46. Os pais dos noivos assistem o casamento.

Na aldeia todos recebem o convite para irem ao casamento indígena Pataxó que é comemorado na aldeia com todos da comunidade participando ativamente de cada detalhe desse momento único tanto para o casal quanto para os pais dos noivos e se trata de um momento importante para a aldeia, as famílias do casal e seus convidados.

[46] Acervo da autora.

Cada família fortalece sua cultura mantendo viva sua ancestralidade através dos seus costumes quanto à educação e criação dos seus filhos e filhas dentro da cultura indígena do seu povo.

Para os pais dos noivos, principalmente para a mãe da noiva e do noivo, estar presente assistindo o casamento é poder respirar e sentir dentro de si mesma que sua missão foi cumprida quanto à educação familiar indígena e criação do (a) seu (sua) filho (a). Sentimento de vitória para as mães guerreiras que lutaram e venceram esta etapa que precisou viver e sobreviver perante as batalhas que necessitou enfrentar muitos desafios e mudanças para manter sua cultura e rememorar os saberes indígenas e transmitir para esta nova geração sem permitir o esquecimento dos saberes familiares indígena da sua raiz cultural.

> A rememoração também significa uma atenção precisa ao presente, em particular a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente. (GAGNEBIN, 2006, p.55).

A grande ligação do passado para a vida do indígena fortalece o seu presente. Quando criança, os filhos são preparados para saber lidar com várias situações como, por exemplo, aprender a fazer o artesanato indígena Pataxó, como deve se comportar na escola quando inicia sua vida escolar, como tratar e respeitar as lideranças da aldeia, principalmente os anciãos, entre tantas lições os filhos precisam saber que existe na cultura que ele e ela nasceram alguns rituais de passagem importantes para suas vidas. O ritual do casamento indígena Pataxó é um dos rituais de suma importância para o povo Pataxó, pois se trata da vida adulta de cada um, seja da mulher (jokana, na língua Patxohã do povo Pataxó), seja do homem (Kakusũ, na língua Patxohã do povo Pataxó).

Percebendo que existem muitos casamentos interétnicos, durante a entrevista com Pakari Pataxó sobre como tem sido a união dos casais na atualidade, ele nos diz que:

> Hoje em dia, a maioria se junta e depois pensa em se casar. O casamento acontece dentro da cultura quando o casal quer. (PAKARI PATAXÓ, 18 de maio, 2021).

A família exerce um papel essencial para a vida presente e para o futuro dos seus filhos através dos seus conhecimentos de mulher, mãe e guerreira Pataxó. Assim, por meio da oralidade a cada dia no convívio com seus filhos são transmitidos seus costumes, sua maneira de educar a partir do seu dia a dia na aldeia.

Na obra: Assim contam os mais velhos, um dos organizadores, Oziel Santana Ferreira, liderança Pataxó da Aldeia Pé do Monte afirma que:

> A mulher pataxó é uma esposa companheira e amiga. São sorridentes e

> humildes, características particulares das mulheres indígenas. Somos mães solidárias e amorosas. Temos um papel importante na criação dos filhos, de proteger para que eles cresçam saudáveis e fora de qualquer risco, de ensinarmos para que eles valorizem a cultura e conheçam seus direitos para viverem bem no cotidiano como cidadãos. (FERREIRA, 2018, p.120).

A mulher exerce um papel importante na e para a sociedade. É a mulher que possui o compromisso e a responsabilidade de preparar com determinação os seus filhos para os desafios que viverão e enfrentarão para manter sua existência.

Para os povos indígenas, principalmente para a mulher indígena Pataxó, uma das suas grandes preocupações diante da conjuntura social atual é não deixar que seus filhos esqueçam suas origens, a raiz da sabedoria do seu povo que está viva na aldeia através dos mais velhos (anciãos).

CELEBRAÇÃO DO CASAMENTO PATAXÓ FEITA PELO CACIQUE ARUÃ E PAJÉ ITAMBÉ NA ALDEIA NOVA COROA

Figura: 47. A cerimônia do casamento indígena Pataxó é celebrada pelo Cacique Aruã e o Pajé Itambé.

A cerimônia indígena Pataxó é um momento único e rico para todos da aldeia.

O casamento do casal Kakai Pataxó e a Iandara Pataxó foi o primeiro casamento realizado na Aldeia Nova Coroa. Nesse momento as forças ancestrais do povo Pataxó são representadas através da fala do cacique quando realiza a sua oração junto ao pajé para que deste modo o Criador Niamissũ (Deus) esteja abençoando a união e a caminhada do casal na aldeia junto com a sua comunidade.

[47] Acervo da autora.

A realização de um casamento na aldeia é a continuidade da cultura, é dá prosseguimento aos saberes indígenas e, sobretudo é manter viva e em movimento as raízes do povo Pataxó. Casar é unir as famílias, as raízes, manter as genealogias e intensificar seus costumes, hábitos e memórias.

Salientando que na cultura Pataxó é tido como prioridade que o casamento aconteça entre o próprio indígena Pataxó, mesmo sabendo que na atualidade a mistura entre o Pataxó e indígena de outros povos e aldeias, bem como o casamento com o não indígena (neste caso aqui estamos tratando do branco e afro-brasileiro), já é uma realidade dentro da aldeia.

Diante disso, o indígena Gersem dos Santos Luciano, Baniwa (2006, p.42), afirma que:

> As atuais gerações indígenas nascem, crescem e vivem com um novo olhar para o futuro, potencialmente possível e alentador, diferente das gerações passadas que nasciam e viviam conscientes da tragédia do desaparecimento de seus povos. (BANIWA, 2006, p.42)

A BENÇÃO DO PAJÉ - NA CERIMÔNIA DO CASAMENTO PATAXÓ

Figura: 48. Os noivos recebem a benção do Pajé.

Precisamos entender a cada momento a importância da cultura na vida de uma população indígena [neste caso aqui, para o Pataxó da Aldeia Pataxó de Coroa Vermelha], o ritual do casamento indígena Pataxó transmite valores como respeito, valorização e o poder da fé na fala transmitida pela liderança espiritual da aldeia que é o Pajé.

Para expressar todo ensinamento transmitido pelos pais e principalmente pela mãe Pataxó, durante todo o processo de organização para o casamento indígena Pataxó é essencial a presença do pajé da aldeia conhecido como Itambé.

Quando o pajé da aldeia é convidado pelo casal ou pelos organizadores do casamento para se fazer presente, demonstra para o próprio pajé que existe o respeito, o reconhecimento e o seu valor diante de todos da aldeia.

O comparecimento da pessoa do pajé no casamento é força e prestígio para o casal que irá formalizar a sua união tendo na presença dos seus pais, familiares e convidados a “benção” da liderança espiritual do povo indígena Pataxó.

Ao narrar o momento sagrado que é o da benção aos noivos é importante dizer que durante a cerimônia o cacique ou outras lideranças da aldeia são escolhidos para junto com o pajé, pedir aos deuses e aos seus antepassados, felicidade, harmonia, paz e amor.

[48] Acervo da autora

UNIÃO PATAXÓ: assinatura do livro de registro.

Figura: 49. Kakusũ Kakai Pataxó assinando o Livro de Registro de Casamento da FUNAI.

Entendendo que faz parte da cultura indígena fazer o registro de todos os eventos e rituais, o povo Pataxó possui o livro de registro dos casamentos realizados dentro da aldeia.

O registro serve como instrumento de afirmação da cultura indígena Pataxó, bem como consolidação da continuidade da tradição histórica e cultural dos povos indígenas.

Este momento promove um romantismo e fortalecimento das raízes indígenas, sem esquecer que cada momento vivido antes e durante a celebração e comemoração do casamento indígena Pataxó demonstra uma relação fundamental com a sua ancestralidade, com a aldeia e sua cultura.

Segundo Baniwa (2006, p.43):

> Toda organização social, cultural e econômica de um povo indígena está relacionada a uma concepção de mundo e de vida, isto é, a uma determinada cosmologia organizada e expressa por meio dos mitos e dos ritos. As mitologias e os conhecimentos tradicionais acerca do mundo natural e sobrenatural orientam a vida social, os casamentos, o uso de extratos vegetais, minerais ou animais na cura de doenças, além de muitos hábitos cotidianos. É a partir dessas orientações cosmológicas que acontecem à organização dos casamentos exogâmicos (casamentos cujos cônjuges pertencem a grupos étnicos ou sibs diferentes) ou endogâmicos (casamentos cujos cônjuges pertencem ao mesmo grupo étnico ou sib) e as divisões hierárquicas entre grupos (sibs, fratrias ou tribos), que implicam o direito de ocupação determinados territórios específicos e o acesso a recursos naturais, bem como o controle do poder político. (BANIWA, 2006, p.43-44).

[49] Acervo da autora.

CASAMENTO PATAXÓ CONCRETIZADO

Figura: 50. Casal indígena Pataxó.

Na obra O povo Pataxó e sua história ANGTHICHAY, ARARIBY, JASSANÃ, MANGUADÃ, KANÁTYO como indígenas (1997, p.13) transmite como acontecia o namoro na aldeia entre os Pataxó:

> Depois da realização do casamento, todos os membros da comunidade vão para a casa dos noivos beber cauim e festejar até o raiar do novo dia. Geralmente, os Pataxó se casam bem novos, entre doze e treze anos, mas hoje isto já está mudando e estão se casando entre os quatorze, dezesseis e até os dezoito anos. (KANÁTYO, 1997, p.13)

[50] Acervo da autora.

CERTIDÃO PATAXÓ x CERTIDÃO CIVIL

O registro do casamento cultural Pataxó é um instrumento de controle dentro da aldeia e comprova a importância do casamento dentro da cultura indígena.

Ministério da Justiça
Fundação Nacional do Índio

COORDENAÇÃO REGIONAL SUL DA BAHIA
COORDENAÇÃO TÉCNICA LOCAL DE PORTO SEGURO
POSTO INDÍGENA

CERTIDÃO DE Casamento

O Servidor Jailton Gerino Maciel, no uso
de suas atribuições e de acordo com o Art. 13 da Lei 6.001, de 19.12.73:

Certifico que, às fls. nº 28 - Livro nº 02- /CRSB /CTL de Porto Seguro/, sob o nº041
oi feito o registro administrativo de casamento, onde receberam-se em matrimônio segundo os costumes tribais o indígena
AULO VINICIUS SOUZA DOS SANTOS, com a indígena ZELIAN FERREIRA DOS SANTOS , ocorido no dia 31 do mês
e Julho no ano de 2011, na localidade da Aldeia Coroa Vermelha, Município de Santa Cruz de Cabrália, servindo de
estemunha a Senhora Paula Luciana dos Reis Santos.
Ele nascido em 04 de Outubro de 1985 na Cidade de Porto Seguro-Ba, pertencente à tribo Pataxó filho legitimo de
ebastião Manoel dos Santos e dona Alice Souza dos Santos.
Ela nascida em 24 de Julho de 1985 na Cidade de Porto Seguro-Ba. pertencente à tribo Pataxó filha legitima de
rnilton Alves dos Santos e dona Zenaide da Conceição Ferreira.
A senhora passou a assinar-se ZELIAN FERREIRA DOS SANTOS SOUZA.

O referido é verdade e dou fé.

Porto Seguro, 31 de Julho de 2011.

Funcionário da FUNAI
Jailton Gerino Maciel
SIAPE 0446940

Figura: 51. Certidão de Casamento da FUNAI.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

CERTIDÃO DE CASAMENTO
Conversão de União Estável em Casamento Civil

NOMES
PAULO VINICIUS SOUZA DOS SANTOS — CPF
ZELIAN FERREIRA DOS SANTOS — CPF

MATRÍCULA

DATA DE REGISTRO POR EXTENSO: QUATORZE DE NOVEMBRO DE DOIS MIL E DEZOITO — DIA 14 — MÊS 11 — ANO 2018

REGIME DE BENS DO CASAMENTO
COMUNHÃO PARCIAL DE BENS

NOME QUE CADA UM DOS CÔNJUGES PASSOU A UTILIZAR(CASO HOUVER ALTERAÇÃO)
Nada Consta.

AVERBAÇÕES/ANOTAÇÕES A ACRESCER
Nada Consta.

ANOTAÇÕES DE CADASTRO
Nada Consta.

NOME DO OFÍCIO: CARTÓRIO DE R.CIVIL DE SANTA CRUZ CABRÁLIA
OFICIAL(A): RICARDO SIMÕES LOPES DUARTE
MUNICÍPIO: SANTA CRUZ DE CABRÁLIA-BA
ENDEREÇO:
TELEFONE:
E-MAIL:

O contraído da certidão é verdadeiro. Dou fé.
SANTA CRUZ DE CABRÁLIA, BA, 14 de Novembro de 2018.

Assinatura do Oficial(a)
Karen Francisca Costa Jonsson
Escrevente Substituto
Registro Civil de Pessoas Naturais
Santa Cruz Cabrália - Ba

ARPENBRASIL BA 00385189 BRP

Figura: 52. Certidão de Casamento emitida pelo Cartório de Registro Civil de pessoas naturais.

A certidão de casamento fornecida pela Fundação Nacional do Índio – FUNAI traz consigo em seu cabeçalho a solicitação do nome do Coordenador Regional do Sul da Bahia, solicita o nome do responsável pela coordenação técnica local de Porto Seguro que é onde se encontra o escritório da FUNAI e o nome do Posto Indígena onde o casal recebe atendimento médico, pois através destas informações o órgão da FUNAI se certifica de acordo com o registro de casamentos realizados onde inserir os dados do casal.

Dando seguimento, aparece o nome do servidor responsável pela emissão da certidão de casamento e consta em âmbito legal o Art. 13 da Lei 6.001, de 19.12.73, logo após tem o número da folha e a identificação de qual livro do Cartório Regional do Sul da Bahia juntamente com a Coordenação Técnica Local de Porto Seguro e fica evidenciado que foi feito o registro administrativo do matrimônio.

[51] Acervo da autora.
[52] Acervo da autora.

Diante disso na certidão de casamento fica registrado de maneira clara que tanto a noiva quanto o noivo se uniram em casamento de acordo com a tradição cultural da tribo e com isso é citado o nome do kakusũ e logo após o nome da jokana.

Para ficar firmado este registro, é colocado o dia, mês e ano que ocorreu a emissão da certidão de casamento, bem como consta de qual aldeia e cidade pertence o noivo e a noiva, ficando demonstrado o nome das testemunhas.

Em se tratando de um casamento indígena é registrada a data de nascimento do casal, cidade onde cada um nasceu, evidencia a legitimidade por ser Pataxó, o nome dos seus pais e como será a nova assinatura do nome da jokana. Deste modo, o registro de casamento é finalizado com a assinatura por extenso do nome do servidor responsável pela emissão da certidão de casamento e carimbo do mesmo.

CASAMENTO INDÍGENA PATAXÓ NA ATUALIDADE

Sendo o casamento lícito, de maneira geral não há atualmente proibição formal para o indígena Pataxó unir-se em matrimônio com alguém. Porém existe uma grande preocupação por parte do cacique em relação ao casamento interétnico, pois a preferência é que as uniões possam ser com o parente e/ou povos indígenas.

Segundo Pakari Pataxó, casamento é:

> Assumir e declarar para todos da comunidade uma nova responsabilidade né, porque diante do casamento o Pataxó vai viver com a pessoa que ele já vivia dentro da aldeia e quando acontece a união matrimonial o Pataxó fica mais feliz acreditando que a união vai fortalecer e será para sempre, pois o amor aumenta e se conquista a certeza de que a jokana escolhida irá viver para sempre do seu lado.
> (PAKARI PATAXÓ, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, 18 de maio, 2021).

Deste modo, entendo que existe uma estrutura para o qual tende todo o sistema de parentesco indígena Pataxó de Coroa Vermelha que evidencia a identidade do seu povo, mas que infelizmente nunca se cristalizará em forma estável devido a acontecimentos como a questão das retomadas que incentivam a migração de indígenas de outros lugares e possivelmente outras etnias, povos e fatores econômicos como o etnoturismo na Reserva da Jaqueira que contribui para que seja apresentada uma cerimônia do casamento indígena Pataxó unicamente seguindo seu aspecto de referência histórica de um povo que resiste a várias gerações e desafios que perpassam as transformações sociais e político- cultural na vida de um povo.

A realização da cerimônia do casamento indígena Pataxó de Coroa Vermelha deveria

ser realizada de maneira tradicional, ou seja, sem nenhuma mudança, mas a influência do não-indígena contribuiu e contribui bastante na atualidade para que mudanças e adaptações sejam feitas.

> Os arranjos matrimoniais são amplamente debatidos por toda a família. Uma aldeia inteira pode fazer uma viagem para definir-se um arranjo matrimonial, e essa viagem pode durar meses, quando não desencadear uma mudança definitiva. Opiniões pessoais sobre a personalidade, a conduta ritual e o humor das pessoas com que se travará aliança são sociabilizadas diariamente nestes momentos. Respeito formal e jocosidade alternam-se nas conversas sobre a família que virá a tornar-se tovadjá (parentes por afinidade). Os deslocamentos entre aldeias em torno dos arranjos matrimoniais são fundamentais para garantir a característica fortemente endogâmica das famílias extensas, que a manifesta no sentido restrito, parental, e num sentido mais amplo, cultural, étnico, identitário, uma vez que os casamentos interétnicos são socialmente rejeitados, apesar de ocorrerem com alguma freqüência.
> (MELLO, 2011, p.74).

Apresentando um fato novo no casamento indígena Pataxó de Coroa Vermelha realizado na Reserva da Jaqueira, pude vivenciar que em alguns casamentos a benção pode ser dada pelo irmão do pajé, caso o pajé não esteja presente ou não se encontre em condições de realizar este momento sagrado como, por exemplo, se o pajé estiver doente e /ou sem condições de.

O conhecimento na verdade é a capacidade de entender a presença do sujeito no objeto, a presença dos homens no mundo, que tudo que está lá fora foi de alguma maneira reproduzido pelas relações humanas, pelas relações sociais.

Sobre tais tradições Eric Hobsbawm observa que:

> (...) as nações modernas apontam ser o oposto do novo, ou seja, estar enraizada na mais remota antiguidade e o oposto do construído, ou seja, ser comunidades ‘naturais’ o bastante para não necessitarem de nenhuma definição que não a defesa dos próprios interesses. (HOBSBAWM, 2002, p.22).

Todo esse momento é tratado de maneira tradicional e tudo é dito na língua mater do povo Pataxó, que é o Patxohã. Assim sendo, o casal então faz a troca de cocar, compartilha a bebida tradicional do Kawi, e também é feita a pintura no pulso simbolizando a união do casal. Nesse sentido, o Pajé dá a benção fazendo o ritual sagrado, convocando os espíritos para abençoar o jovem casal, encerrando assim a cerimônia, dando início a uma grande festa na aldeia. Gostaria de explanar que atualmente o casal escolhe o padrinho e a madrinha e a troca do cocar que antes era feita pelos próprios noivos passa a ser trocado pelo padrinho escolhido do noivo e pela madrinha escolhida pela noiva.

Figura: 53. Retirada do cocar da cabeça dos noivos pelos padrinhos no casamento cultural Pataxó.

Ao narrar uma ocasião sagrada para o indígena, se faz necessário dizer que durante a cerimônia fica cada padrinho posicionado atrás do noivo e da noiva e quando o pajé dá a ordem, os padrinhos retiram o cocar da cabeça do noivo e coloca na cabeça da noiva e a madrinha da noiva retira o cocar da cabeça da noiva para ser colocado na cabeça do noivo. Todo esse movimento é perceptível na imagem acima, bem como a importante presença do pajé e o cacique acompanhando cada detalhe para que nada fique fora da cultura Pataxó.

Figura: 54. Momento em que o cocar da noiva é colocado na cabeça do noivo pela madrinha e o cocar do noivo é colocado na cabeça da noiva pelo padrinho.

[53] Acervo da autora.
[54] Acervo da autora.

AWÊ: A DANÇA TRADICIONAL PATAXÓ

Figura: 55. Dança do AWÊ.

O AWÊ é uma cerimônia tradicional praticado pelo povo Pataxó, miscigenado por meio da música, da dança e outras expressões e demonstrações culturais. Trata-se de uma parte muito importante do conhecimento como saber constituído na cultura do povo indígena Pataxó de Coroa Vermelha e que vem sendo passado de geração para geração através dos anciãos da aldeia e na atualidade a juventude, bem como as mulheres estão colocando em prática esses saberes transmitidos pelos mais velhos.

Saliento que este ritual quando é realizado em espaço aberto, é assistido por toda a comunidade e visitantes. Todos podem participar deste momento, pois o Pataxó é povo acolhedor e convida aos presentes para vivenciar algo da cultura Pataxó, porém é solicitado que haja silêncio para que as pessoas presentes possam manter uma concentração com o seu corpo para que ocorra a vitalização e o fortalecimento do espírito.

[55] Acervo da autora

Figura 56: Dança do AWÊ.

O AWÊ é dançado após a cerimônia do casamento Pataxó somente com indígenas.

O não indígena (visitante), pode participar deste momento se um indígena, seja uma mulher ou homem lhe pegar pelo braço e lhe conduzir para o grande círculo onde o ritual está acontecendo. Caso o indígena não pegue ninguém pelo braço, o visitante e/ou convidada só poderá participar do ritual depois de algumas músicas e danças.

Desta maneira, o visitante aprende a cantar e a dançar o AWÊ, e também a utilização do maracá, um instrumento de som que é sagrado do nosso povo Pataxó.

Diante disso, se faz necessário relatar que a abertura do AWÊ é sempre feita pela oração sagrada do povo indígena Pataxó (OPEREXÓ) e também em PATXOHÃ, que significa a linguagem de guerreiro Pataxó.

Segundo Baniwa (2006, p.46):

> A riqueza da diversidade sociocultural dos povos indígenas representa uma poderosa arma na defesa dos seus direitos e hoje alimenta o orgulho de pertencer a uma cultura própria e de ser brasileiro originário. A cultura indígena em nada se refere ao grau de interação com a sociedade nacional, mas com a maneira de ver e de se situar no mundo; com a forma de organizar a vida social, política, econômica e espiritual de cada povo. Neste sentido, cada povo tem uma cultura distinta da outra, porque se situa no mundo e se relaciona com ele de maneira própria. (BANIWA, 2006, p.46).

Na atualidade o AWÊ além de ser um ritual sempre presente em todas as celebrações, é o ritual tradicional mais ativo nas comemorações. Nosso povo Pataxó forma um círculo para realizar a dança onde o AWÊ acontece na maioria das vezes com todos em uma fileira, ao redor de uma fogueira e ao som do MARACÁ[47] juntamente com as cantigas tradicionais e também canções novas cantadas pelos próprios guerreiros e guerreiras Pataxó.

---

[56] Acervo da autora.

[47] Maracá: instrumento sagrado do povo Pataxó.

A duração do AWÊ pode ser curta e/ou longa. Vai depender da celebração que está acontecendo dentro da aldeia.

Assim sendo, entendemos que a língua e cultura de um povo não podem estar em segundo plano dentro de uma escola indígena, visto que o português possui uma carga horária maior que o ensino da língua indígena do povo Pataxó de Coroa Vermelha.

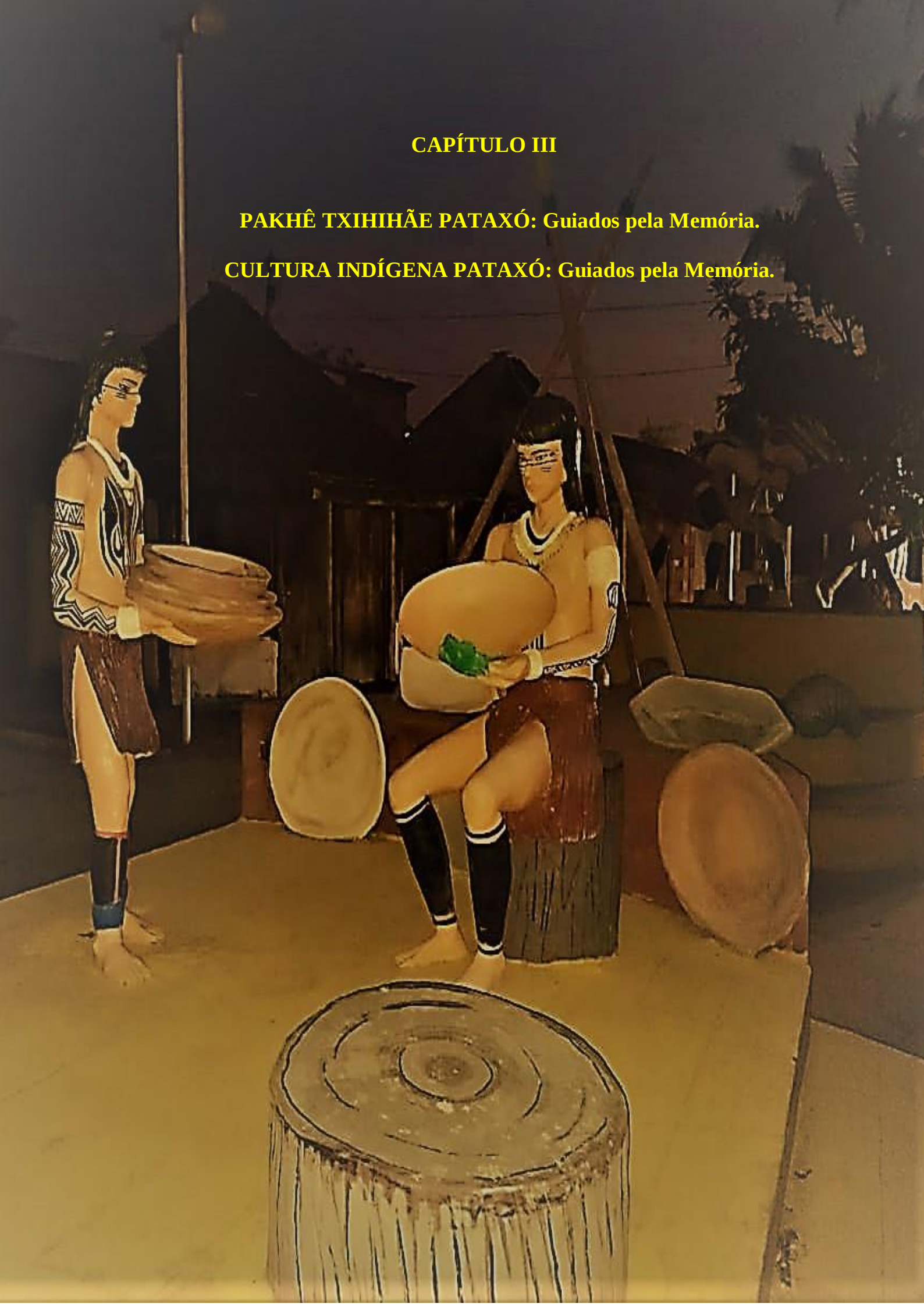
Desta maneira,

> [...] a construção do modelo do "bom Pataxó" na primeira direção, para dentro da aldeia mãe, se evidencia na medida em que se re-criam as práticas e os saberes ditos tradicionais no dia-a-dia da aldeia e nos eventos que marcam tais práticas e saberes. Por exemplo, o processo de reivindicação da língua Patxohã e o seu ensino na escola, a comemoração do Luão organizado na primeira noite de lua cheia de cada mês onde se dança o Awê e os mais velhos contam os relatos das suas experiências. (GUARDIOLA, 2011, p.107).

Assim sendo, é preponderante dizer que o objetivo desse ritual é pedir permissão e força ao Criador Niãmisu, a terra, ao sol, à lua, aos espíritos da floresta e aos seus ancestrais para que os mesmos iluminem o seu dia a dia permitindo assim a participação e a integração com todos que visitam a comunidade indígena Pataxó de Coroa Vermelha.

Atualmente os Pataxós vivem um período de reelaboração dos "traços culturais", que remetem a um passado comum, às seqüências e descontinuidades da narrativa histórica estabelecida em volta do contato com a sociedade envolvente.

Nessa perspectiva, a aldeia participa de maneira coletiva, mostrando sua união e o fortalecimento do nosso povo.



CAPÍTULO III

PAKHÊ TXIHIHÃE PATAXÓ: Guiados pela Memória.

CULTURA INDÍGENA PATAXÓ: Guiados pela Memória.

NAS TRILHAS DA MEMÓRIA PATAXÓ

Jodilce Pereira dos Santos

Jodilce Pereira dos Santos

> Nossa vida é junto com a mata, na floresta. Num gosto de cidade. Daqui eu sinto a vida comigo né. [...] Eu só preciso de tá junto com os parente, pertin do nosso povo na nossa aldeia né, e só precisa de viver em suas terras, criar nossos kitok, fazer nossos artesanato e ter o mukusúi. Assim nós fica feliz né. (EDITE[48] DA CONCEIÇÃO BRAZ, Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, 09 de setembro de 2020).

Dentro da resistência de um povo que luta há séculos para manter o seu patrimônio material e imaterial e pela DEMARCAÇÃO JÁ das suas terras em seu território, temos a oportunidade de estarmos diante de um bem imensurável: a vida.

Deste modo, mostramos um grande exemplo, como é o caso dos seus saberes históricos que peço licença aos anciãos e anciãs da nossa aldeia para expressar a voz de cada um através não somente da sua fala como também do seu próprio silêncio que ecoa seu grito pela vida, pela valorização, pelo fortalecimento da sua cultura e identidade, pelo RESPEITO a tudo que diz respeito aos povos originários e sua ancestralidade.

Em sua obra "A vida não é útil", o pensador e líder indígena Ailton Krenak (p.28, 2020) nos diz que:

> A vida atravessa tudo, atravessa uma pedra, a camada de ozônio, geleiras. A vida vai dos oceanos para a terra firme, atravessa de norte a sul, como uma brisa, em todas as direções. A vida é esse atravessamento do organismo vivo do planeta numa dimensão imaterial. Em vez de ficarmos pensando no organismo da Terra respirando, o que é muito difícil, pensemos na vida atravessando montanhas, galerias, rios, florestas. A vida que a gente banalizou, que as pessoas nem sabem o que é e pensam que é uma só palavra. Assim como existem as palavras "vento", "fogo", "água", as pessoas acham que pode haver a palavra "vida", mas não. Vida é transcendência, está para além do dicionário, não tem uma definição. (KRENAK, p.28, 2020).

Assim sendo, entendemos que a vida perpassa gerações e juntamente com ela, estamos falando da "memória". Memória esta que é singular, particular, que enquanto uma palavra demonstra algo simples aos olhos humanos, acredito que está indissociavelmente ligada a ancestralidade de um povo totalmente guerreiro, batalhador, que não desanima diante de tantos desafios que precisam enfrentar no seu cotidiano dentro e fora da aldeia.

---

[48]Dona Edite da Conceição Braz tem 86 anos e vive na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha. Nascida na Aldeia Barra Velha, mãe de cinco filhos, filha da Dona Cecília da Conceição Braz, chamada carinhosamente de Biza na sua família. Durante as reproduções, procurei manter o modo de falar do Pataxó, respeitando através da sua fala todos os traços fonéticos e morfossintáticos quanto à sua pronúncia que marcam a língua portuguesa falada pelos Pataxó.

As memórias aqui citadas expressam de maneira profunda o verdadeiro respeito e valor a tudo que cada ancião, anciã, jovem, mulher, homem, criança já viveu e vive em suas terras. São memórias que relatam histórias que implicam em momentos diversos de luta, conquistas, retrocessos, vitórias e avanços.

Histórias que merecem ser lembradas, conhecidas, mantidas vivas e valorizadas por muitos povos e que precisa fazer jus a todos que conseguem superar tudo, superar a dor, superar a privação de possuir terras e ter que abandoná-las de alguma maneira por causa da perseguição, superar a morte, superar a fome, enfim e vencer como único motivo para continuar vivendo, sobrevivendo e se fortalecendo para ajudar as gerações futuras.

Entendendo que jamais se poderão desmembrar cada relato da cultura do seu povo, pois as memórias são elos fortes de pertencimento a um povo, a uma tradição, a uma cultura secular criada e produzida pelos seus verdadeiros e originários habitantes e sujeitos da nossa história brasileira, que são os povos indígenas.

O tempo aqui na aldeia se dá até no olhar de um parente quando se está na rua caminhando e de repente você enxerga passar por você uma anciã ou um ancião. O tempo se dá quando me deparo com esta anciã e percebo o quanto não sei nada e que preciso aprender e ter a felicidade de ainda ter a oportunidade de poder estar junto, sentadinha na porta do kijeme, olhar para o céu e junto com o espetáculo da noite abraçar cada palavra dita pelos nossos mais velhos.

Os relatos imateriais aqui registrados nos convidam a uma reflexão particular que une as memórias com a transformação deste tempo presente para o povo Pataxó do extremo sul da Bahia. Sujeitos principais de um processo de rememoração que acende os rastros das lutas vivenciadas no seu dia a dia e que conduz seus saberes e experiências através da sua voz e em muitos momentos transmite as suas lembranças familiares por meio de um silêncio que dentro de si mesmo luta todos os dias para com as perdas do passado permanecer construindo o presente a fim de garantir o futuro. Tais perdas dão vida aos movimentos na atualidade e revigoram as reivindicações no campo político nacional, bem como nos espaços públicos e midiáticos.

Cacique Aruã – Cacique da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha

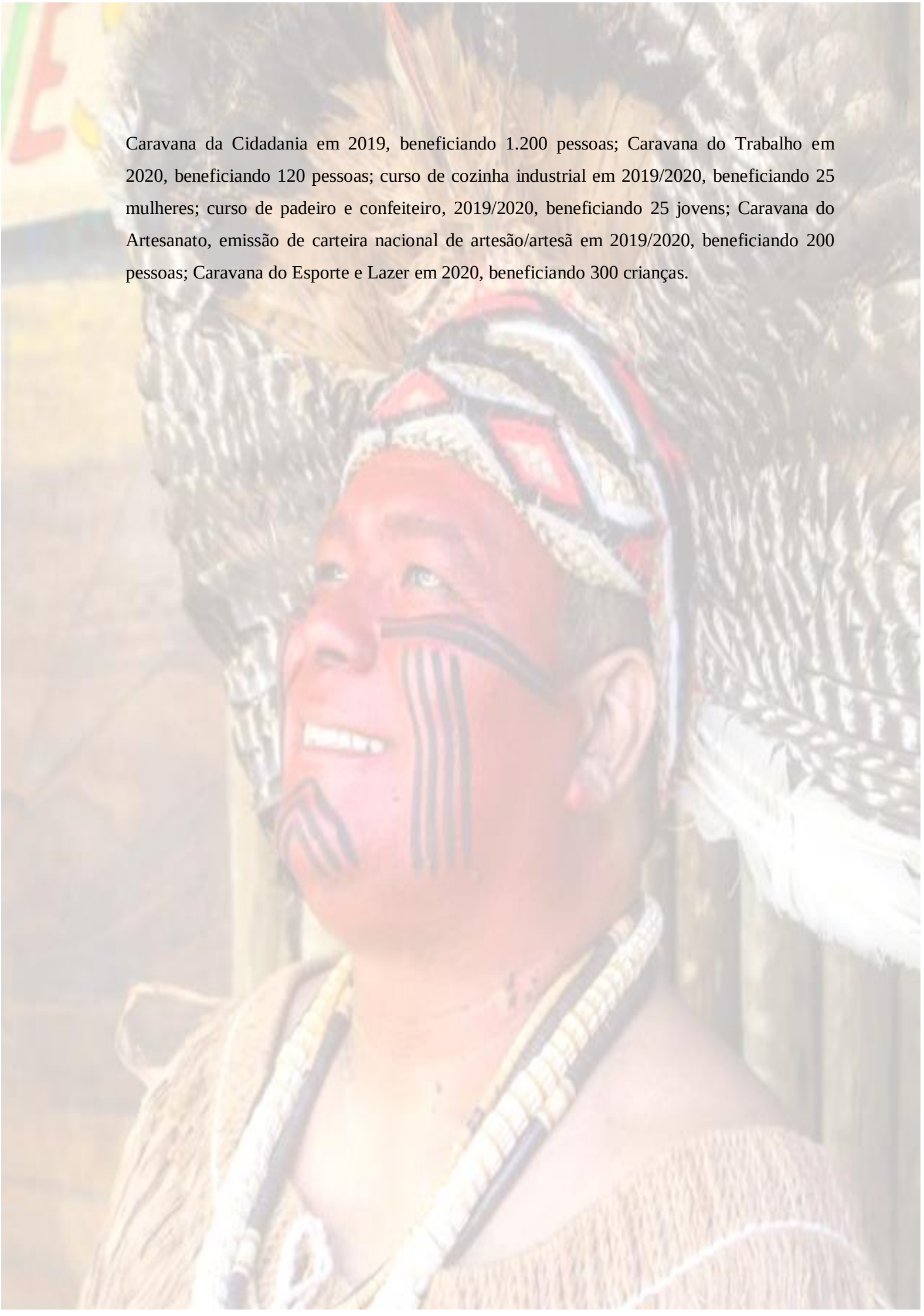
Cacique Aruã Pataxó – Gerdion Santos do Nascimento, nascido em 08/08/74, 48 anos de idade; natural de Prado/BA, Território Indígena Barra Velha; filiação, Benedito Nascimento de Jesus Filho e Maria do Rosário Santos; avós paterno, Benedito Nascimento de Jesus e Emília Maria Braz da Conceição; avós maternos, João Guedes dos Santos e Valmira Laurinda da Purificação; bisavós paterno, Benvindo Braz dos Santos e Maria Braz dos Santos. Formação Técnica: Curso Profissionalizante em Administração, nível médio; Bacharelado em Administração, nível superior e Pós-graduado em Gestão Pública, nível superior. Além de conclusão e participação em 28 cursos e oficinas de capacitação e formação profissional. Experiência Profissional e Comunitária: Diretoria Executiva da Associação Pataxó da Reserva da Jaqueira em Porto Seguro/BA, cargo de vice-presidente e presidente, 1999 a 2004; professor da Escola Municipal Indígena Pataxó Coroa Vermelha, 2002 a 2004; Cacique da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, com início de gestão de 10/08/2004 e vigência em 2020; Coordenador Regional de Articulação Institucional das Comunidades e Instituições Indígenas, período de janeiro de 2009 a junho de 2010; Diretor Presidente da Federação Indígena das Nações Pataxó e Tupinambá do Extremo Sul da Bahia, mandatos de julho de 2010 a julho de 2023; Vereador e Vice -presidente da Câmara de Vereadores de Santa Cruz Cabrália/BA, 2013 a 2016; Vereador Primeiro Suplente de Santa Cruz Cabrália/BA, 2017 a 2020 e

Coordenador de Projetos Especiais na Secretaria Estadual do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte do Estado da Bahia – SETRE/SESOL/BA, 2017 a 2020. Trabalhos e Articulações Realizadas: Na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, município de Santa Cruz Cabrália/BA, Cacique Aruã Pataxó, na função de cacique no período de 10/08/2004 a 20/072020, durante a gestão em 16 anos, na organização comunitária, na articulação institucional e política, juntamente com suas lideranças, presidentes de associações e cooperativas indígenas, sob a sua coordenação geral, a comunidade indígena de Coroa Vermelha, teve vários avanços, na implantação de projetos, obras e ações, para o desenvolvimento social, econômico e infraestrutura da Terra Indígena Coroa Vermelha: Assinatura do Termo de Ajustamento e Conduta – TAC em 24/08/2005; preposição e articulação para a criação da Secretaria Municipal de Assuntos Indígena de Cabrália em 2005; construção de 500 casas e reforma de 150; calçamento de 27 ruas; requalificação da passarela do Parque Indígena com a construção de 200 pontos comerciais, 04 conjuntos de monumentos e centro cultural; construção do estádio indígena de futebol, Txãg'rú Xohãp Pataxó; construção do prédio do Colégio Estadual Indígena; construção de Murro de Proteção e ampliação da Escola Municipal Indígena Coroa Vermelha; construção de 02 quadras poliesportivas; construção do Entreposto de Pesca Indígena com 02 (duas) embarcações equipadas; construção 215 banheiros; implantação do projeto do Programa de Luz Para Todos no Bairro Carajá; Aldeia Indígena Agricultura e Aldeia Indígena Arueira; instalação de rede de água no Bairro Carajá em Coroa Vermelha; cursos de qualificação e formação profissional de 750 jovens; implantação do projeto de Espaço/Território de Proteção de Crianças e Adolescentes de 2006/2014, para o combate, a violação de direitos e abuso sexual contra crianças e adolescentes; melhoria da segurança pública na Aldeia Coroa Vermelha; implantação do Centro Ação Mulher de Coroa Vermelha; defensor da demarcação e regularização fundiária das terras indígenas; combatente da violação dos direitos indígenas constitucionais; lutador da melhoria dos serviços de saúde e qualidade da educação escolar indígena. Destaca-se a importância de todas as lideranças indígenas nesse processo de avanços e instituições comunitárias que ajudaram a protagonizar como proponente e executora de muitos desses projetos, a Cooperativa de Habitação Pataxó e Associação Comunitária Indígena da Aldeia Coroa Vermelha.

No mandato de vereador de 2013/2016 em Cabrália/BA: apresentou os projetos de leis, criação do plano municipal de enfrentamento e combate à exploração sexual e violação de direitos das crianças e adolescentes; Conselho Municipal de Direitos da Mulher; Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável; Conselho Municipal da Juventude; Conselho Municipal de Direitos Indígenas; Categoria de Professor e Profissionais da

Educação Escolar Indígena; apoio institucional e fortalecimento do Conselho Tutelar; articulação institucional para a implantação Centro de Referência de Atendimento à Mulher – CRAM em Cabrália; articulação institucional para a implantação de projetos do Programa de Luz Para Todos, em assentamentos e comunidades de pequenos produtores rurais, Proj. Reforma Agrária Vale da Purificação, Projeto São Miguel, Projeto Camurugi, Projeto Comunidade Guaiú e Comunidade João de Tiba – Costinha; articulação institucional na aquisição de 01 (um) Equipamento Agrícola/trator equipado para o Assentamento Projeto de Reforma Agrária Embaúba; apoio a realização de campeonatos de futebol amador, masculino e feminino; apoio a escolinha e times de futebol e doação de materiais esportivos; preposições/articulações junto ao executivo municipal na defesa da educação escolar indígena e educação municipal, na melhoria da infraestrutura escolar e valorização dos profissionais da educação; defesa da demarcação e regularização fundiária das terras indígenas; combate a violação dos direitos indígenas constitucionais e criminalização de lideranças indígenas; apoio e financiamento da luta indígena no Extremo Sul da Bahia, para a defesa dos direitos indígenas, terra, saúde, educação e projetos de desenvolvimento comunitário e social; apresentação de requerimentos no INCRA/DF/BA, para a vistorias de terras, a fim de assentamentos de famílias da reforma agrária. Além de mais 250 preposições, para a melhoria dos serviços públicos, iluminação, limpeza urbana e melhoria das ruas, saneamento básico e pluvial; indicações para a construção de praças, melhoria das estradas rurais, para escoamento da produção agrícola, entre outras matérias. Na Federação Indígena do Extremo Sul da Bahia – FINPAT em 2010/2020: mobilização dos caciques, lideranças e instituições indígenas, com agenda anual de 03 (três) viagens à Brasília/DF e Salvador/BA, em delegação de 80 lideranças, para a defesa dos direitos indígenas constitucionais, desenvolvimento comunitário e social das aldeias indígenas; articulação institucional juntamente com os caciques e lideranças, na implantação de 40 projetos do Programa de Luz Para Todos no Sul da Bahia; construção de 400 unidades habitacionais em comunidades indígenas no Extremo Sul da Bahia; articulação institucional para a construção de 04 colégios estaduais; defesa constante na demarcação e regularização fundiária dos territórios indígenas na Bahia; defesa da melhoria da qualidade da educação, saúde e saneamento básico das comunidades indígenas e apoio institucional a Movimentos de Luta pela Reforma Agrária, no Sul da Bahia, compondo a delegação indígena com lideranças de Sem Terra, nas viagens à Brasília/DF e Salvador, para audiências no INCRA/DF/BA, a fim do assentamento de famílias. Coordenador SETRE/SESOL/BA: implantação do Programa de Esporte e Lazer em Cabrália, beneficiando 400 pessoas, 2017/2019; curso de cozinha industrial, em 2018, beneficiando 25 mulheres;

Caravana da Cidadania em 2019, beneficiando 1.200 pessoas; Caravana do Trabalho em 2020, beneficiando 120 pessoas; curso de cozinha industrial em 2019/2020, beneficiando 25 mulheres; curso de padeiro e confeiteiro, 2019/2020, beneficiando 25 jovens; Caravana do Artesanato, emissão de carteira nacional de artesão/artesã em 2019/2020, beneficiando 200 pessoas; Caravana do Esporte e Lazer em 2020, beneficiando 300 crianças.



Adriana Pesca – Hitxá Pataxó

Me chamo Adriana Pesca, indígena da etnia Pataxó, Terra Indígena de Coroa Vermelha, situada no município de Santa Cruz Cabrália. Nasci em 01 de Dezembro de 1985, filha de Benedita Francisca Pesca, indígena Pataxó da mesma região, e Durval Barbosa de Jesus, homem negro da região de Santa Rosa, Pau Brasil. Meus avós maternos, raízes da minha identidade étnica, hoje já encantados, são Dona Mariazinha (como assim era conhecida), parteira que segurou em suas mãos muitas crianças, inclusive seus próprios netos, e o Senhor Byé, artesão, conhecido pelos leques e chocalhos que confeccionava de cipó, uma marca de sua existência era exatamente a produção desses artesanatos, que hoje já não são mais produzidos. Filha caçula, aos 03 anos de idade saímos da aldeia devido à dificuldade de acesso à escola, em que meu pai optou por se mudar para um povoado da região, em busca de condições melhores para os irmãos já em idade escolar. Sou a quarta filha do casal. Passei uma parte da minha vida nesse povoado, retornando à aldeia para a casa de meus avós, todos os anos. Estudei durante toda a minha vida em escolas públicas não indígenas, pertencentes ao município vizinho, até me formar em Magistério. Me lembro que em um dos meus retornos à aldeia, quando a escola indígena já existia e eu era ainda estudante de magistério, em que eu disse pra mim mesma que um dia seria professora de nossa escola.

Me formei em magistério no final de 2005, em 2006 tive uma primeira experiência docente numa escola rural do município vizinho, em 2007, devido à necessidade de minha irmã, que também é professora, se ausentar para maternidade, fui fazer a sua substituição na Escola Indígena de Barra Velha. Minha primeira experiência como professora de uma escola indígena. Essa foi a principal experiência vivenciada por mim, que me conduziu aos meus processos de militância dentro da educação escolar indígena. No mesmo ano, prestei concurso público no município de Santa Cruz Cabrália, para atuar na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, fui aprovada e em 2008 assumi a profissão docente como concursada. Minha trajetória como professora indígena, então se solidificou dentro da Educação Escolar Indígena. Nessa época, eu já havia ingressado no Ensino Superior, estava já no meu último ano da graduação para Licenciatura em História. Em 2009, a Universidade do Estado da Bahia, abriu o primeiro curso de Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena, para o qual prestei vestibular e fui aprovada, passando a fazer parte da turma pioneira da Licenciatura Intercultural indígena na Bahia. A LICEEI, foi a outra parte importante da minha trajetória de militância dentro da Educação Escolar Indígena, pois, dividia com lideranças e pessoas fortíssimas do movimento inúmeras experiências partilhadas que contribuíram de forma direta para o fortalecimento das minhas ações dentro da educação. Em 2014, foi realizado o primeiro concurso estadual específico do estado da Bahia, para o qual também prestei o concurso e fui aprovada, passando a atuar no Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha, outro espaço de construção de saberes que iniciava seu caminho de autonomia e que possibilitou experiências de construção coletiva do povo Pataxó, sendo nos dias atuais, o colégio indígena referência do estado da Bahia, sendo premiado em 2019, pela Unesco.

Hoje, aos 35 anos, casada, mãe de um menino de 03 anos, professora das redes municipal e estadual, atuando nas escolas indígenas de Coroa Vermelha, estou como estudante de mestrado no Programa de Pós-graduação em Ensino e Relações étnico-raciais, pela Universidade do Sul da Bahia. Já com uma trajetória significativa na educação escolar indígena, as experiências e construções dentro deste espaço de lutas do meu povo, tenho tentado contribuir com ações de visibilização acerca da cultura do meu povo, com ações dentro das nossas escolas e também dentro da universidade. Compreendo que há uma grande responsabilidade quando se carrega em uma marca étnica a representação de um povo, por isso, minha voz nesses espaços é sempre a voz de um coletivo, de modo que, busco nas ações que me são individuais nesse processo de militância, trazer à tona todas as nossas necessidades e importância da quebra dos estereótipos, preconceito e racismo ainda sofrido por nosso povo.

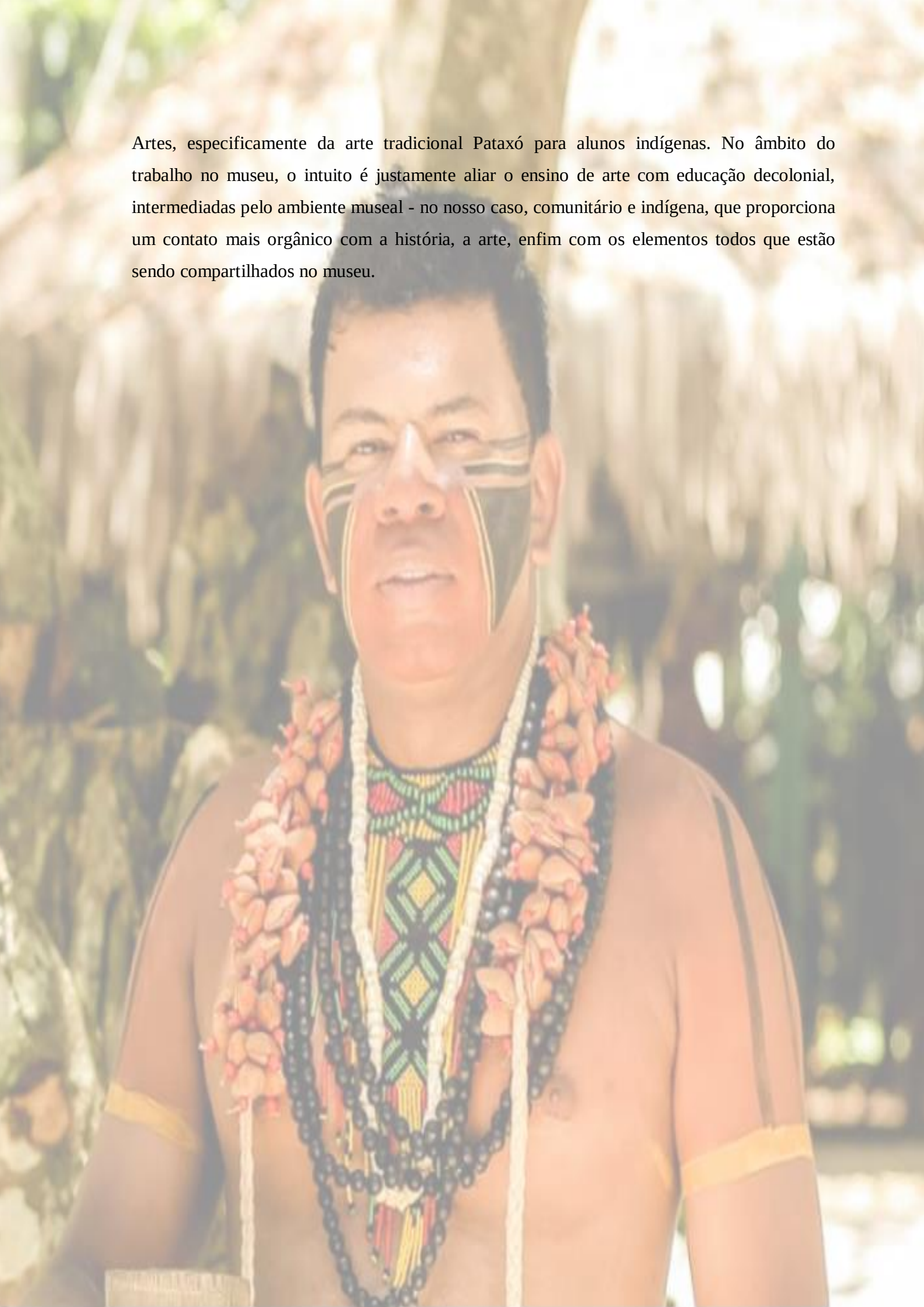
Assim, procuro com minha pesquisa e produções intelectuais, fortalecer a nossa luta e trazer para os debates as questões indígenas e o respeito às nossas especificidades, bem como, à valorização de nossas produções de conhecimento, ao tempo em que, a partir das ações docentes, fortalecerem a formação do sujeito indígena e seu potencial de enfrentamento e de defesa de nossos direitos, de autonomia e de fortalecimento da identidade de nosso povo.

Fernando Santana - Oiti Pataxó – Artesão

Nasci na aldeia Indígena Pataxó de Coroa Vermelha, no Município de Santa Cruz Cabrália, estado da Bahia, local de realização da primeira missa no território brasileiro, segundo a história oficial. Convivo até hoje na minha comunidade e sempre tive que acompanhar meus pais nas atividades da aldeia e na confecção dos artesanatos para vender aos visitantes. Comecei a estudar aos meus dez anos, quando foi criada a primeira escola na comunidade, e depois tive que estudar em outra instituição de ensino, a Escola Municipal Victurino da Purificação Figueiredo. Em 1995 comecei a estudar a minha 1ª série e acabei gostando dos aprendizados e da maneira com que os professores aplicavam seus conteúdos, fechando o ano letivo com aprovação. Já no ano seguinte fiz a 2ª série com muita dificuldade, conquistando a confiança dos professores conseguir passar para a 3ª série. As dificuldades eram muitas, em todas as matérias e meu rendimento não foi bom, fui reprovado. No ano seguinte fiz o projeto Acelera Brasil, que eram dois anos seguidos, foi então que passei para quinta série, onde adquiri mais conhecimentos e responsabilidade. Prossegui os estudos fazendo as 6ª/7ª séries e por fim a 8ª série no projeto, e assim terminei o ensino fundamental (antigo 1º grau). Em 2002 fiz o 1ª ano do ensino médio (antigo 2ª grau) na Escola Estadual Nair Sambrano Bezerra, em Santa Cruz Cabrália, junto com outros colegas indígenas. Íamos pra escola de transporte escolar, se não houvesse aula, ou a falta de professores, quem tinha dinheiro vinha logo

embora de ônibus, quem não tinha como meu caso, esperava até o momento do transporte ir buscar os alunos, ou vinha a pé pela pista ou pela praia que ficava próxima, numa distância de sete quilômetros. Em 2003 passei a estudar a tarde, em um outro colégio na Coroa Vermelha, pois na parte da manhã eu ia para praia vender artesanatos para me manter. Com todas as dificuldades pelo caminho, consegui passar para o 2ª ano, sem perder a vontade de querer estudar fui estudar em uma turma que faziam muita bagunça e sem estímulo para nada se não ta zuando em sala, isso tornava mais uma dificuldade de raciocínio, mas com meu bom comportamento e participação em sala me ajudou passar para 3ª ano do ensino médio em 2004. Naquela época terminei, mas fiquei com muitas dificuldades e dúvidas, em 2006 fui ouvinte nessa mesma escola, fazendo o segundo ano com uma turma bem mais responsável que queriam levar os seus estudos a sério, assim que terminei os estudos sentindo mais tranquilo e pensativo, pensei muito em fazer algo que ajudasse a minha comunidade, daí decidi a fazer esculturas de madeiras, as famosas bonecas pataxó, o trabalho com a argila com esculturas, pinturas e grafismos nas casas dos parentes, tive ao mesmo tempo a visão de algo com valores da cultura. Com todos esses momentos de estudo que fiz, a maior parte de estar em sala estudando ou mesmo em casa eu tinha tempo para desenhar, para pintar e fazer meus artesanatos junto aos meus pais e outros parentes que ali vivia na comunidade ia a praia tomar banho pescar e no rio era mais tempo de banhos e brincadeiras que fazíamos com outros jovens, ia a pra mata com os mais velhos em busca de sementes e buscar frutos na mata. No mesmo ano de 2006, tive a oportunidade de entrar nesse grupo de pesquisa da Reserva da Jaqueira pra ter um grande compromisso com o resgate da minha cultura Pataxó, que foi criada pra nós indígenas ter a questão da retomada dos nossos patrimônio cultural, criado em 1997/1998, com objetivo de fortalecer a cultura pataxó, desses conhecimentos e aprendizados dos nossos professores e doutores que são nossos anciões, nossos velhos, que passam seus conhecimentos tradicionais como a língua, o artesanatos, artefatos, awe, a medicina tradicional, a culinária, a pinturas, os grafismos, os rituais, os contos, as histórias e todo os modos de sobrevivências que eles usavam pro seus meios de sobrevivências dele como na parte espiritual de ser Pataxó. Tive a oportunidade de se ingressar no IFBA- campus Porto Seguro-BA, na Licenciatura Intercultural Indígena, a Linter, que proporcionou a mim um importante conhecimento acadêmico para nos ajudar na nossa luta do dia-a-dia. Concluí a licenciatura e me tornei professor de Artes. A partir de então pude focar ainda mais no trabalho de afirmação cultural através da arte, oferecendo oficinas de cerâmica e pintura para os alunos nas escolas indígenas onde trabalhei ou atuei como coordenador. No último capítulo desta dissertação, irei relatar algumas experiências que vivenciei no campo do ensino das

Artes, especificamente da arte tradicional Pataxó para alunos indígenas. No âmbito do trabalho no museu, o intuito é justamente aliar o ensino de arte com educação decolonial, intermediadas pelo ambiente museal - no nosso caso, comunitário e indígena, que proporciona um contato mais orgânico com a história, a arte, enfim com os elementos todos que estão sendo compartilhados no museu.



Mayon Pataxó

Sou Diana da Conceição Bomfim, (Mayon Pataxó) nascida no dia 23 de Março de 1979, na aldeia Barra Velha, distrito de Caraíva na cidade de Porto Seguro Bahia, filha de Julio da Conceição Bomfim e de dona Benedita da Conceição Braz. Uma família composta por oito irmãos, sendo seis mulheres e dois homens. Somos todos indígenas, pertencentes das famílias Braz e Conceição umas das maiores famílias do povo Pataxó um povo humilde e tradicional. Meu processo educacional teve início quando eu tinha nove anos de idade, na aldeia Barra Velha no município de Porto Seguro. Pela dificuldade com a falta de escola e professor na aldeia nessa época, não tive a oportunidade de ir para a escola com sete anos de idade, nesse tempo só tinha uma salinha de aula e uma professora Ilza não tinha como atender todos, uma vez que eram alunos de série diferentes, então deram prioridade para estudar os alunos que tinham mais idade, pois havia muitos alunos e não tinha com atender todos. Apesar das diversas dificuldades, isso nunca foi motivo para que eu desistisse de estudar, pelo contrario os desafios foram o que me fizeram cada vez mais querer estudar. Quando comecei a estudar eu já sabia ler, pois aprendi com a minha irmã mais velha e não tive muitas dificuldades de aprendizagem na escola. No mesmo ano que comecei fiz a 1ª e a 2ª série do ensino fundamental por saber ler, ficou fácil. O nome da minha primeira professora era Deusuleide uma pessoa muito carinhosa e meiga, quando ela ia dar aula, antes de começar os assuntos ela cantava e tocava violão para a gente. Eu ficava admirada na forma que ela conseguia nos chamar a atenção. Fui alfabetizada no método tradicional do A, B, C e a CARTILHA. Quando conclui a 4ª série, no ano seguinte minha tia Maria José que era uma cacique da aldeia Meio

da Mata me convidou para ir para a aldeia dela, ensinar as crianças, inicialmente a ler e escrever sem muito compromisso de escola, pois eu não era professora, apenas era alguém que sabia ler e escrever. Mas como minha tia queria tanto que as crianças de sua aldeia também pudessem estudar, ela pediu que eu fosse ensinar essas crianças fazer ao menos escrever o nome. Porém para minha felicidade as crianças aprenderam fazer os seus nomes e também ler e escrever. Foi quando iniciei meu primeiro passo como professora, mesmo sem saber os métodos, eu vibrava quando cada criança começava ler e escrever seus nomes. Os adultos vendo as crianças aprendendo começaram também querer estudar, que segundo eles queriam fazer o nome completo para tirar sua identidade. Então passei também ensinar os adultos da aldeia que como forma de pagamento para eu permanecer na aldeia me davam alguns produtos como farinha, frutas, peixe do rio e etc. Todos me tratavam na aldeia como professora e eu ficava fascinada com o respeito que todos tinham comigo .Eu ficava muito feliz com a forma que eles aprendiam rápido e logo iam trocar seus documentos assinando seu nome completo. Então eu decidir que iria continuar meus estudos para me formar como professora e pudesse ajudar minha comunidade que na época não tinha nenhum professor indígena na aldeia Barra Velha. Foi quando me mudei para a casa do chefe do Posto da FUNAI, o senhor Arceu e sua esposa Carmem, que moravam em Eunápolis e trabalhava na aldeia de Barra Velha ,mas para que seus filhos pudessem estudar , a esposa teve que se mudar para a cidade também. Concluir o antigo ginásio era o meu grande sonho, mas como todo sonho não foi fácil, que para isso tive que sair de perto da minha família aos 14 anos para estudar fora da aldeia e para mim foi um desespero, mas eu não tinha outra opção se realmente quisesse continuar os estudo ,tinha que ir para na cidade ou ficava ali mesmo na aldeia apenas com o ensino até a 4ª série. Pensava sempre em terminar os meus estudos e ser professora na minha aldeia para dar continuidade aos estudos dos meus parentes que moravam ali e tinha que parar na 4ª série, tive colegas que chegaram fazer a 4ª série duas vezes para não ter que ficar sem estudar, pois não tinha como continuar por que não tinha professor para as séries seguintes nessa época e os professores não indígena que iam para aldeia para lecionar, ficavam um ano lá, no outro ano já não queriam mais, pois a vida na aldeia não era nada fácil para quem já morava lá, imagina para quem tinha hábitos diferentes e estava acostumado com toda zona de conforto da cidade.No início eu não me acostumava na cidade e sempre voltava para a aldeia e todas as vezes que voltava era um sofrimento para meus pais que achavam que eu não deveria viver fora deles, mas eu sempre convencia eles para deixar eu voltar . Minha morada em Eunápolis não demorou muito, no fim de ano o pessoal que eu morava com eles, tiveram que se mudar para outro estado e eu voltei para aldeia. Fiquei alguns meses na aldeia

e logo conseguir através de uma liderança ir morar em Porto Seguro na casa de um vereador chamado Ciro Leite, onde eu pude trabalhar e ter um lugar para morar e estudar. Este sempre visitava a aldeia na época, então foi tranquilo morar com eles. Voltei a estudar e conseguir concluir a 8ª série. Logo iniciou outra fase, assim que concluir o fundamental II em Porto Seguro, no ano seguinte foi extinto da grade curricular do município a formação em magistério. Fiquei desesperada, pois o que eu tanto queria realizar estava por um fio. Mas graças a Deus sempre teve alguém na minha vida para me ajudar.

No ano de 1997 teve o primeiro curso para formar professores indígenas na Aldeia de Barra Velha e meus pais sabendo do meu sonho me escreveu e veio em Porto me buscar-me. Eu já estava trabalhando em uma loja de camisetas, mas não pensei duas vezes fui logo para lá, amei o curso. Mas gostaria também de conclui o ensino médio onde, teve outras dificuldades, entre elas, a financeira. Porém com a ajuda de Deus e muita força de vontade conseguir realizar um sonho, ser professora.Formei-me na Escola Nair Sambrano Bezerra em Cabrália. E no mesmo ano fui aprovado no concurso público no município, onde me escrevi para trabalhar na escola indígena de Coroa Vermelha. Inicialmente comecei a trabalhar com turmas de alfabetização e jovens e adultos. Depois de certo tempo fui trabalhar com as turmas de 4ª série por alguns anos e nesse meio tempo trabalhei como coordenadora do ensino fundamental I e também como vice-diretora da escola. Porém decidir voltar para a sala de aula, pois onde é que gosto de atuar. Sempre sonhei ser esta profissional que sou compromissada com o meu povo, prova disso, antes mesmo de concluir o magistério já lecionava para a minha Comunidade. Tenho procurado sempre estar me preparando para levar o melhor para os meus alunos fiz uma graduação no curso de LETRAS pela Universidade Luterana do Brasil, participei de vários cursos de formação continuada Alfabetização, Acelera Brasil e outros como o progestão, fiz também uma licenciatura na área de educação intercultural indígena pela universidade da Bahia (UNEB). Estou na luta de mais um sonho, ser uma mestra, para melhor contribuir com a educação do meu povo. Educação esta que é vivida diariamente em casa, na escola, no trabalho, em todos os meios em que vivemos, e é passada de geração em geração. Acredito que a educação deve ser para todos e por todos. Portanto, não só a escola é responsável, mas toda a sociedade envolvida com os procedimentos próprios de cada Cultura. É dessa forma que fazemos uma educação específica, diferenciada e de qualidade. Hoje sou professora, estudante e mãe de três filhos, procurei casar com um indígena da minha etnia para dar continuidade a minha cultra e costumes, fortalecendo assim o meu povo. Moro na Aldeia Coroa Vermelha em Santa Cruz Cabrália Bahia.

Samingo Pataxó - Aldeia Pataxó Coroa Vermelha

Meu nome é DOMINGOS LIMA ROSA, o nome Domingos é em homenagem ao meu avô. Sou conhecido mais popularmente dentro e fora da aldeia como SAMINGO PATAXÓ, é como todos me conhecem, os parentes, os amigos. Sou filho de Ana de Bernarda com Ezequiel e filho de Dito de Pelé Arapati com Vicentina. A minha infância não foi diferente dos demais aqui nesse território entre Porto Seguro, Cabrália, Prado, região onde eu nasci, entre Corumbau e Xamprão, também chamado de um apelido Carrolo. Eu passei toda a minha infância nessa trajetória entre Corumbau, Pará que é uma localidade dentro da Aldeia Mãe Barra Velha. Foi no meu período de sete, oito anos que vim pra cá para Coroa Vermelha, passei uma temporada em Coroa Vermelha, vendendo artesanato na beira dessa praia, onde às vezes a gente vendia às vezes não e muitas vezes a gente tinha que voltar a pé de tarde e muitas vezes até com fome. Às vezes tinha dinheiro para voltar e às vezes não. A gente procurava um lugar que tinha mais acesso ao coco de xandó para comer e saciar um pouco mais da fome pra gente chegar até em casa e assim a gente vem crescendo. Na fase de treze pra quatorze anos eu retornei para Corumbau e lá fiquei um tempo e depois voltei pra perto do meu avô que ficava no Pará (localidade dentro da Aldeia Mãe Barra Velha), onde eu pude

fazer parte e presenciar aqueles momentos que são lembranças muito boas e nesse caso a gente se reunia para fazer mutirão de roçado ou pra um parente ou pra gente. Nós tínhamos que fazer esse combinado de irmos pra o roçado e depois irmos para fazer a queimada para fazer o plantio. Nessa fase eu já estava com quatorze pra quinze anos de idade, onde sempre meu avô falava da importância da carne da caça e onde ele tinha o prazer de que a gente ficasse junto e poder se alimentar junto com ele. Então a gente vem crescendo e diante disso eu tive outra fase que eu tive que vim pra um povoado chamado Montinho (local onde os povos indígenas saíam das aldeias para fazer compras, realizar trocas e vendas) que aí eu já me encontro com o meu pai, eu passava um tempo com a minha mãe e o pessoal da minha mãe e também passava um tempo com o pessoal do meu pai. Depois eu fui para a Aldeia Boca da Mata para fazer coxo (artesanato conhecido como gamela), colher de pau e gamela e pente de madeira também. Quando nós fazíamos esse trânsito da Aldeia Boca da Mata para Montinho e de Montinho para a Aldeia Boca da Mata, os pais da gente falavam pra que a gente tomasse muito cuidado porque antigamente era cheio de guardas nesse percurso e o meu pai pedia pra gente ficar bem atento porque se os guardas nos pegasse podia nos bater e até nos levar preso. Diante disso, quando a gente ia com um animal de carga (jegue) carregado, a gente quando ouvia o barulho dos carros, ficava cismado e corria pra gente ter que esconder o jegue e tinha que se esconder deles também, porque se eles nos vissem nós não sabíamos o que poderia acontecer. Com isso eu fiquei uma temporada junto com meu pai no Montinho e depois fiquei uma temporada junto com meu tio Alício e os meus primos Galo e Paixão. Depois dessa fase quando eu já estava com meus dezenove, vinte anos e vinte e um, eu venho para a Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, onde eu me caso aqui e tenho hoje três filhos sendo: Pedro Henrique, Ana Cristina e Mateus. Aqui começo a colocar em prática todas essas dificuldades que venho fazendo no decorrer desses anos onde percorri e fiz esta trajetória presenciando as dificuldades dos meus parentes e da minha família que é uma família grande, tanto por parte do meu pai, quanto da parte da minha mãe e que são famílias daqui mesmo da região. Eu agora começo a colocar em prática também todo o conhecimento que minha avó me ensinou. Ela era uma pessoa que só vinha para somar, fortalecendo a cultura, fortalecendo a dança cultural, a união, a língua, junto com Tururim e os demais parentes. Então eu sempre a trouxe como um espelho pra mim e começo a fazer parte da liderança já com a idade de vinte e três e vinte e quatro anos. Começo a fazer parte das reuniões, começo a descobrir os caminhos que a gente deveria correr pra gente levar as nossas demandas, fazendo parte e tomando conhecimento. Passei a assumir a Associação Comunitária, onde pude desenvolver buscando um trator que foi o primeiro trator da Aldeia Agricultura, terra da Gleba B e depois

começamos a desenvolver a roça onde fizemos um plantio de forma comunitária onde a comunidade toda pudesse estar participando e as sementes plantadas eram o milho, o feijão e aipim (mandioca). Depois conseguimos trazer a criação de aves como galinhas e foi daí que conseguimos alcançar a Aldeia Agricultura, Aldeia Aroeira e também a Aldeia Mata Medonha e assim a gente vem desenvolvendo atividades na comunidade. Com isso começo a desenvolver com projetos na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, onde com projetos conseguimos avançar com cem unidades habitacional para as famílias, pois antigamente tinha muita casa de taipa, onde havia casas em boas condições e outras que não estava em boas condições. Diante daquela realidade, fomos correr atrás desse projeto e o nosso primeiro passo foi fazer o cadastro de todos e até regularizamos documentos como o CPF que muitos estavam desativados e foi necessário ativar e tudo isso a custo zero para a comunidade porque a gente era quem fazia esta parte e com esforço próprio. Depois eu comecei a trabalhar na Secretaria de Agricultura e o nome do secretário na época era Amadeu e ele vendo a nossa luta em benefício da aldeia na gestão do ex- prefeito Baiano, ele vendo a minha luta e boa vontade de ajudar o meu povo, disse que iria me contratar para estar trabalhando com ele na secretaria. Quando eu peguei o meu primeiro salário fiz o investimento para regularizar o documento CPF dos povos que estavam sendo cadastrados para as unidades habitacionais. Feito o cadastro de todos, fomos desenvolver o projeto e não foi fácil. O projeto foi dividido em três partes, sendo que na primeira parte tínhamos que fazer trinta unidades habitacionais, realizar a prestação de contas, depois voltar novamente aguardando o recurso sair para irmos desempenhar a mão de obra. Como o recurso era baixo naquela época, sendo o recurso de R$ 6.700,00, a gente teria recurso levando em consideração que o tamanho da casa era de 6x7 (seis de frente por sete de comprimento), então teria um custo mais elevado e tivemos que mobilizar toda a comunidade pra ir pra mão de obra onde a comunidade esteve ali ajudando na contra partida e assim foi feito. Depois de entregue as primeiras 30 (trinta) casas habitacionais para parte da comunidade, fomos para a segunda etapa que se tratava da mão de obra, pois as pessoas que receberam suas casas na primeira etapa já não quiseram ajudar aquelas pessoas que fizeram as primeiras casas. Tivemos que criar uma estratégia para que todos pudessem ajudar uns aos outros dentro da comunidade e assim fizemos uma escala para que pudéssemos alcançar a vitória da entrega da segunda etapa das unidades habitacionais. Depois fomos para a terceira etapa e última buscando novas estratégias para que a meta da entrega das cem unidades habitacionais fosse entregue para todos que foram cadastrados e conseguimos finalizar. Indo além do projeto das casas habitacionais, tivemos outros projetos como à construção de uma padaria comunitária. Nos anos de 2008 e 2009 conseguimos

também uma intermediação para um projeto de ampliação dos Jogos Indígenas que acontecem dentro da aldeia e diante disso fomos buscar quem eram as pessoas que faria a organização dos jogos indígenas e estavam na organização a Vice-Cacique Taquarena Pataxó (Cristina) e Gerson Ponsada, esposo de D. Nalva, Mero e Louro. Essas pessoas faziam parte da comissão e eram os organizadores dos Jogos Indígenas no período que corresponde aos anos de 2008 até 2012. Devo salientar que nesse período tivemos os melhores Jogos Indígenas porque estávamos nos aproximando do nível estadual com os grandes avanços junto com várias comunidades aqui da nossa região como, por exemplo: Aldeia Boca da Mata, Aldeia Meio da Mata, Aldeia Barra Velha e outros parentes que também estiveram presentes aqui como o povo Kiriri, Maxakali, Tupinambá, entre outros e nós trabalhando pela comunidade e para a comunidade. Diante dos avanços dos Jogos Indígenas realizados conseguimos também alcançar o nível nacional que é representado pelo ATL (Movimento dos Povos Indígenas do Brasil), que realiza o encontro dos povos indígenas do Brasil no mês de abril entre os dias 18 até o dia 25 de abril em Brasília. Nesse encontro os povos indígenas do Brasil levam as suas reivindicações e as dificuldades ao conhecimento dos governantes a nível nacional. Desde 2013 que a gente faz essa ida em busca de manter essa parceria e com o ATL (Movimento dos Povos Indígenas do Brasil) e que dependendo do governo somos abraçados, mas que dependendo do governo temos muitas dificuldades, pois os empecilhos surgem e o governo diz que estamos indo para confronto, pra enfrentamento e não é isso. Nós vamos para defender enquanto povo indígena um direito que é nosso, garantido pela Constituição Federal Brasileira. Pelo nosso conhecimento, do SER INDÍGENA todo o Brasil é do povo indígena, pode ser lá do Estado do Mato Grosso, lá do Estado do Pará, pode ser aqui de Minas Gerais, pode ser lá do Maranhão, seja do Estado que for. Todo esse território brasileiro existia e existe indígena, então é pra gente de grande importância fazer esse movimento, levando para as autoridades a nossa resistência, a nossa presença sobre essa ida nossa lá. Atualmente estou como presidente do Conselho local de saúde indígena, onde faço um trabalho voluntário, buscando aperfeiçoamento do atendimento das equipes de saúde na busca de estar aperfeiçoando as ações da saúde indígena e também dando subsídio para a continuidade porque a saúde indígena, ela é um subsistema de saúde e é preciso que como subsistema ela consiga se alimentar das necessidades para que possamos alcançar uma saúde com permanência. Diante disso, três vezes por ano, nós enquanto conselho sentamos para discutir, debater, falar das nossas necessidades, criar plano e diante disso é gerado o PDSI (Plano de Desenvolvimento da Saúde Indígena) que é executado pela saúde indígena que é o DSEI BAHIA. Então é assim que sou e onde estou, é o meu papel como liderança tradicional, sou

uma pessoa que traz essa contribuição para nosso povo hoje na questão da saúde. Peguei a presidência do conselho da saúde indígena local em um momento muito difícil por causa da entrada desse governo do Bolsonaro, que traz na sua campanha uma rejeição enorme aos povos indígenas, onde fala do limite das terras indígenas, que não vai medir um palmo, nem um milímetro das terras indígenas para indígena e também este governo vem limitando os direitos e não foi fácil no meu período como presidente do conselho local de saúde e acredito que não tem sido fácil, como também veio à pandemia para desafiar a classe acadêmica no sentido da saúde. Então continuamos nessa luta, para não perder a saúde indígena porque sabemos que é de grande importância para nosso povo, uma vez que o município, nem o Estado fazem o papel da saúde indígena. A saúde indígena é diferenciada, ela traz consigo toda uma equipe completa como médicos, enfermeiros (as), técnicos de saúde e também o agente de saúde. Além disso, nós temos os veículos para buscar o parente seja onde for porque para a saúde indígena não tem hora, a necessidade pode ocorrer às duas horas da madrugada, pode ser as três, quatro horas da madrugada e segue dependendo da necessidade e esses profissionais estão aí à inteira disposição para poder fazer esse atendimento. Além disso, nós temos também a Organização APOINME que é de Minas Gerais e seis Estados brasileiros fazem parte e eu SAMINGO estou na micro-coordenação como representante do extremo sul da Bahia, aonde venho realizando um trabalho junto com os caciques na questão do apoio sobre a barreira sanitária trazendo equipamentos de proteção necessários como o protetor de rosto (nesse caso aqui se trata da máscara), álcool em gel, termômetro e é assim que seguimos fazendo o nosso papel dentro da comunidade. Quero dizer que eu independente ou não de estar em alguma organização, nossa representação aqui é tradicional de acordo com os nossos mais velhos que lutaram por nosso povo nesse território, chamado território Pataxó.

LUTA PELA CRIAÇÃO DA SECRETARIA DOS ASSUNTOS INDÍGENAS

Ao tomar posse da Associação Comunitária foi possível perceber que em algumas áreas e alguns setores da comunidade como, por exemplo, no Parque Indígena surgiu também à necessidade de haver uma representação, local que tinha muitas dificuldades como, por exemplo, a questão dos servidores do Parque Indígena, que era de responsabilidade da prefeitura e a diretoria da associação também atuavam como representante do Parque Indígena e percebemos que era importante avançar um pouco mais e assim foi feito buscando criar espaços e lutando pela autonomia da comunidade e em cima dessa necessidade do Parque Indígena procuramos o prefeito da época que era Geraldo Scaramuça (in memória)

buscamos o pagamento desse servidor. O prefeito Geraldo Scaramuça (in memória) fez uma brincadeira conosco que na verdade levamos a sério, pois ele como gestor da cidade, marcou um horário para se reunir com a associação e quando chegamos no horário marcado, ele não se encontrava e já estava em outro local. Diante da situação no momento, olhamos uns para os outros que estavam presentes, que nesse caso era Gerson de Dona Nalva, Jamilton e a Vice-Cacica Taquarena Pataxó (Cristina) e falamos no momento que isso não estava certo, tratar a comunidade como se fosse brincadeira, porque se estivéssemos ali enquanto pessoa era uma coisa, mas estávamos ali como representantes, liderança da comunidade e como comunidade era necessário que fosse dado um retorno de forma que tivéssemos um resultado. A partir desse momento vivido ficou decidido que seria criada uma proposta para que todos os candidatos assinassem a proposta e assim foi feito. Fomos para uma reunião no setor da comunidade levando essa ideia de que deveríamos criar uma proposta para os candidatos. Na época o candidato do ex-prefeito Geraldo Scaramuça (in memória) era Sr. Filogônio, conhecido como Filó, mas agora não era de interesse nosso somente o Filó, mas interessava para nós que todos os candidatos tivessem acesso a esta proposta da comunidade Pataxó. Nesse caso, tinha os candidatos à prefeitura da cidade de Santa Cruz Cabrália que na época era o Artur, Jorge Pontes e Baiano, além do Filó. Assim foi reunida todos da comunidade e foi apresentada e aprovada ali a proposta na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha diante de todos os presentes. Nessa proposta estava à solicitação que era de grande importância para a comunidade que era a criação de uma Secretaria de Assuntos Indígenas e a proposta foi levada para os candidatos e todos eles assinaram esta Carta Compromisso. Os candidatos à prefeitura Jorge Pontes e Artur assinaram a Carta Compromisso no Shopping Indígena ou no Parque Indígena, o candidato Baiano realizou um comício na Rua Navegantes na época de campanha e antes de ir para o comício ele vem à na nossa casa antes de subir para o palco para fazer o comício dele e assina aprovando que era de grande importância a criação de uma Secretaria de Assuntos Indígenas. O candidato Baiano vence as eleições e na gestão dele é realizada a criação da Secretaria de Assuntos Indígenas. É de grande importância a gente poder falar desses momentos de avanços dentro da nossa comunidade porque são lideranças que são de grande importância. A luta e a passagem deles enquanto gestores e a gente junto com todos da comunidade conseguimos avançar em mais um objetivo. Na atualidade com essa autonomia do povo indígena entendemos que todos nós de alguma forma estamos sendo representados.

MINHA PASSAGEM E CONTRIBUIÇÃO NA RESERVA DA JAQUEIRA

Em 1999 a gente pode acompanhar todos os projetos da Reserva da Jaqueira onde se fazia presente Jaguatiri Pataxó (in memória), Matibuti Pataxó, Tucunaré Pataxó, Cabana Pataxó, Taquari Pataxó, Anerõn Pataxó, Arariba Pataxó, Kurika Pataxó, Urico Pataxó, Cacique Fred da Aldeia Mirapé na atualidade, enfim, todos esses parentes se faziam presentes na localidade da Reserva da Jaqueira. Quando dava a noite nos reuníamos, criávamos as brincadeiras e fazíamos brincadeiras, contava histórias das nossas origens, falava das histórias que os mais velhos gostavam de contar para nós e muitas vezes nós descíamos o rio para poder tomar banho e naquela época íamos até o antigo Cabralão (local antigo de shows), onde hoje está localizada a Aldeia Mirapé, onde às vezes nós subíamos nos pés de árvores para do alto das árvores poderem conseguir ouvir os cantores que estavam no Cabralão cantando. Era praticamente uma aventura porque o galho das árvores na maioria das vezes não agüentava três, quatro no mesmo galho e a gente caia lá de cima e esses momentos eram uma satisfação e grande alegria pra gente. Foi uma época muito boa! Depois disso a gente voltava para nossas casas para descansar e esse retorno já acontecia por volta das duas a três horas da madrugada. A gente enquanto associação também pode contribuir com os materiais que vinha para poder fazer as ocas, como a madeira do eucalipto, onde a pouco tempo estive conversando com Urico e ali junto as lembranças falamos que época boa era aquela época nossa, era uma época de guerreiros, valentes e com as lembranças falamos que hoje nós temos um trator para colocar uma peça de eucalipto para cima de uma oca, mas que naquela época éramos nós que tinha que jogar nas costas, as vezes três, quatro guerreiros colocava nas costas e a gente subia com aquela madeira ali e só jogava ela embaixo quando estava no ponto certo, então toda essa construção a gente se fez presente. Estávamos presentes fazendo parte da apresentação cultural, da trilha que a gente fazia, depois ao passar do tempo fomos pegando outro rumo, trilhando outros caminhos buscando uma vida mais adulta que nesse caso era assumir a família. Esses momentos ficaram marcados e marcaram a nossa trajetória como guerreiro que estamos em formação para sermos uma liderança que nos tornamos hoje dentro da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha.

Taquariana Pataxó - Vice-Cacica da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha

Sou Kelly Cristina Ferreira dos Santos, nascida no dia 26 de julho de 1979, na Aldeia Pé do Monte (GURITA), situado no município de Porto Seguro – Bahia. Sou da ETNIA PATAXÓ, filha do senhor Antônio Vieira dos Santos e da Senhora Ana Célia Ferreira do Nascimento. Sou casada, tenho três filhos e um deles é portador de necessidades especiais.

Vivi uma pequena parte da minha infância na Aldeia Pé do Monte, local onde nasci.

Naquela época as condições de vida eram muito difíceis, tínhamos acesso à escola, mas com muita dificuldade. Durante esse período que estudei na escola da Aldeia Boca da Mata e Coroa Vermelha. Eu lembro que os professores utilizavam metodologias voltadas para a nossa realidade, onde as crianças da escola indígena interagiam com crianças das outras escolas vizinhas e que eram escolas não indígenas. Ainda morando na Aldeia Boca da Mata, durante as férias da escola, eu e meus pais íamos para a Aldeia Pataxó Coroa Vermelha onde vendíamos os artesanatos que confeccionávamos durante o inverno. Lembrando um pouco da minha vida escolar, a primeira escola que estudei foi na Aldeia Boca da Mata, ainda lembro-me do meu primeiro professor, ele não era indígena, mas criava atividade de intercâmbio onde às crianças da escola indígena verso crianças das escolas vizinhas não indígenas, pois eram trocas de conhecimentos e assim sempre foi a nossa vida. Eu e meus irmãos sempre

estudamos na escola da aldeia em que morávamos. Terminei o fundamental (antigo primário) na Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha, dei continuidade no fundamental II (ginásio) na Escola Municipal aqui mesmo na aldeia. Estudando e trabalhando nas vendas de artesanato, passei toda a minha infância e a adolescência nessa luta pelos meus estudos._

Assim, posso afirmar que desde aquela época já era realizado os Jogos Indígenas nas escolas, mas os Jogos Indígenas pareciam mais como gincanas, me lembro como se fosse hoje de algumas modalidades realizadas daquela época, como Poe exemplo, o cabo de guerra, encontrar a mãe mais jovem da aldeia, encontrar a indígena que tinha o maior cabelo, trazer a maior raiz de mandioca, quem preparava o melhor beju, apresentar quem soubesse cantar e dançar um canto indígena mais bonito, a queda de braço, pau de sebo, quebra pote, trazer o indígena mais velho da aldeia, corrida de saco e a corrida do ovo na colher, corrida rústica, havia uma competição de quem dominasse melhor a língua Pataxó (Patxohã). Recordo-me muito bem que o indígena que sempre ganhava a competição sobre o Patxohã era o indígena BRUNO e uma indígena por nome VICENTINA, apelidada por nenê de Pelé. Sendo ela a bisavó dos meus filhos, ela se destacava entre outras indígenas.

Em 1984 como fazíamos todos os anos, viemos para a Aldeia Pataxó Coroa Vermelha e desta vez não voltamos mais para a minha aldeia de origem. Logo de início enfrentamos muitas dificuldades e uma delas era o fato de não termos ainda a nossa própria casa. Diante da situação foi preciso ficar na casa de parentes e conhecidos de meus pais. Meus familiares conseguiram comprar um terreno onde construímos uma casa de palha que passou a ser a nossa moradia. Coroa Vermelha ainda não era terra indígena demarcada e homologada, nós acompanhamos e participamos de todo o processo de demarcação do território indígena Pataxó de Coroa Vermelha.

Meus pais sempre foram muito ativos e participativos nos eventos da comunidade. Eles participavam de reuniões, retomadas e atividades culturais e nós estávamos juntamente com eles. A minha primeira participação em retomada aconteceu em 1986 na área chamada de Zé Martins, também conhecida de Área Verde, hoje atual Shopping Indígena.

Em 1990 foi feita a retomada da Agricultura na administração do Cacique Arapati (Benedito Cacique). Em 1993 foi a retomada onde se localiza hoje o estádio indígena.

Em 1997 aconteceu a retomada da Reserva da Jaqueira na administração do Cacique Carajá e o Vice-Cacique na época era Nengo Pataxó. Também foi em 1997 que a Aldeia Indígena Pataxó de Coroa Vermelha recebeu o título de homologação de Terra Indígena.

Relembrando essa história, posso afirmar que a luta do povo Pataxó nunca foi fácil e o governo nunca entregou o documento de terra para nosso povo sem que não houvesse uma

grande luta. Aos doze anos de idade, fui indicada a fazer uma viagem com alguns líderes da época que foram: Maria Pequena, Nengo Pataxó e minha madrinha Izabel, e assim fui colocando em prática o que eu já havia aprendido sobre a minha cultura e meu povo.

Entre tantas outras atividades realizadas na comunidade, já havia essa interação entre comunidade indígena e não indígena. Também pude relembrar das crianças e adolescentes não indígenas daquela época que vinham de Santa Cruz Cabrália para comercializar seus artesanatos aqui na aldeia, além das vendas de artesanatos nós compartilhávamos as nossas brincadeiras. Assim pude analisar e entender que desde aquela época já fazíamos a interculturalidade, pois não tínhamos noção de como era chamado este encontro de culturas diferentes. Foram brincadeiras que marcaram a minha infância e me tornou mais participativa nas ações dentro da comunidade. Lembro-me que ainda criança, íamos fazer reivindicações dos territórios Pataxó em uma vinda do governador a Porto Seguro e neste encontro com várias lideranças e comunidades Pataxó estavam presentes e faço referencias aos nomes de algumas delas presentes naquela época da Aldeia Barra Velha a Maria Coruja, Tururim da Aldeia Boca da Mata, Manoel Santana da Aldeia Coroa Vermelha, Arapaty (Benedito Cacique), Arauí (Benedito Cabeludo) entre outros, fomos e quando voltamos continuamos as atividades culturais na escola da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, pois era uma semana de festejos e brincadeiras, todos da comunidade participavam.

Em dezembro de 1997, fui convidada para participar do Curso de Formação do Magistério Indígena na Aldeia Barra Velha, mesmo não tendo concluído o Ensino Médio eu aceitei.

Em 1998, surgiu uma oportunidade de estar fazendo o Magistério Indígena, uma liderança detectou que havia uma necessidade de uma escola na Agricultura (GLEBA B, da terra indígena Pataxó Coroa Vermelha) e fomos às casas das famílias dos agricultores, também indígenas, procurando crianças para serem matriculadas. Na época conseguimos vinte crianças e assim houve o pedido a diretora da Escola Municipal Indígena Pataxó Coroa Vermelha, para que ela autorizasse o funcionamento de uma sala de aula onde pudéssemos atender àquela comunidade.

No dia 18 de março de 1998, comecei a lecionar nesta sala improvisada (Galpão) na Agricultura. Apareceram várias dificuldades como, por exemplo, falta de automóveis que pudesse levar eu e os alunos, tínhamos que andar 8 km (oito kilômetros) todos os dias, enfrentando esses e outros desafios. A diretora da Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha e Raimunda (Haiô Pataxó) pediram que eu pudesse dar continuidade ao meu trabalho, com a promessa de que no próximo ano letivo eu lecionaria na escola da sede e assim eu segui em frente para finalizar o ano letivo.

Em 1999 teve a retomada do Bairro Carajá e lá estávamos juntos mais uma vez eu e minha família. No início do ano de 1999, fui convidada para trabalhar na Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha como havia prometido a diretora. Com muito esforço, mesmo trabalhando, pude dar continuidade aos meus estudos e aí surgiu mais uma oportunidade de fazer o PROFORMAÇÃO (Programa de Formação de Professores em Exercício).

Em agosto do ano 2000, dei início ao curso, com durabilidade de dois anos, conclui o Magistério nesse programa em (09/07/2002), nove de julho de dois mil e dois.

Em 2005 as lideranças fizeram uma solicitação à escola para que eu pudesse ficar prestando serviço diretamente à comunidade na diretoria dos projetos, na Associação Comunitária juntamente com seu presidente Sr. Domingos (Samingo Pataxó). Fui cedida e fiquei trabalhando na Diretoria com os representantes da ACIPA – COVER (Associação Comunitária Indígena Pataxó de Coroa Vermelha) durante quatro anos.

No dia nove de maio de 2008, houve uma eleição da associação onde eu fui escolhida como presidente e fiquei durante três anos. Durante esse período já realizei vários projetos na comunidade, como por exemplo, a Realização dos Jogos Indígenas Pataxó Infantil e a 9ª (nona) e a 10ª (décima) Edição dos Jogos Indígenas Pataxó da Aldeia Coroa Vermelha, assinei convênio com o Governo do Estado para construção de casas e dei início ao Projeto de 60 (sessenta) unidades habitacional na terra indígena Pataxó de Coroa Vermelha (GLEBA B Agricultura).

Enfim, assim estava esperando uma oportunidade de começar um Curso Superior dentro das especificidades do meu povo e essa oportunidade surgiu e com essa oportunidade que o IFBA (Instituto Federal da Bahia) está proporcionando a todos nós indígena. Pretendo com essa Licenciatura Cultural continuar contribuindo com a minha comunidade no decorrer da minha preparação e término do curso, buscando constantemente dar a minha contribuição pra que a comunidade possa ter uma educação escolar indígena especifica e diferenciada com mais qualidade.

Em 2013 houve uma reunião onde umas lideranças citaram o meu nome como Vice-Cacica da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha e até a atualidade estou atuando dentro da comunidade, lutando e buscando melhoras para nosso povo dentro da nossa aldeia.

Oiti Pataxó – Liderança do Povo Pataxó na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha

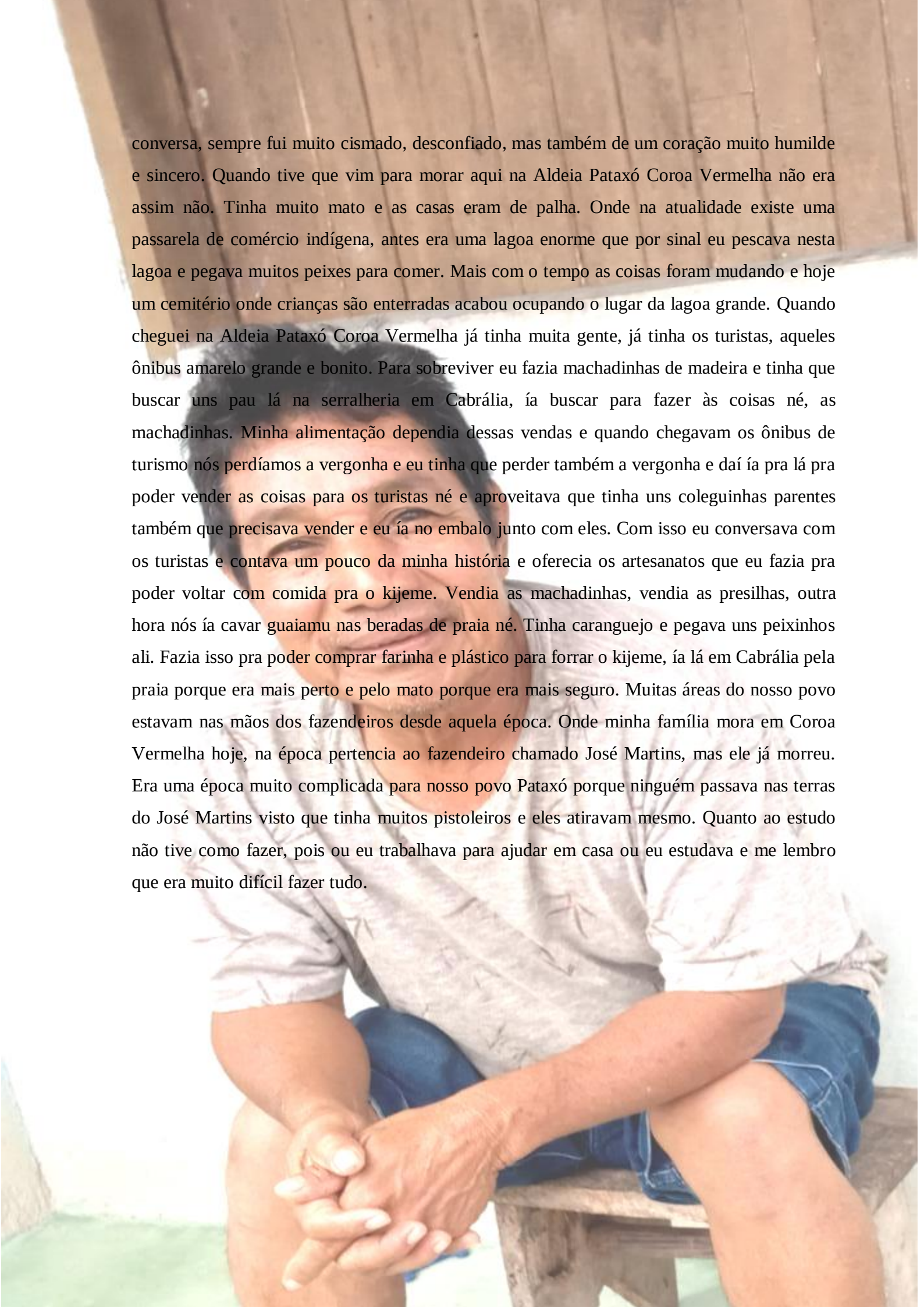
Sou Valdelito Nascimento dos Santos, também chamado de Oiti Pataxó. Sou natural da Aldeia Barra Velha e depois vivi na Aldeia Pé do Monte em Monte Pascoal local de seu nascimento e atualmente vivo na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, tenho 52 anos de idade, sou artesão desde os 06 anos. Meu pai se chama João Francisco dos Santos e minha mãe se chama Maria de Jesus Nascimento Rocha. Na época que vivi no Monte Pascoal, a minha mãe teve que sair de lá corrida para não morrer, por causa do Massacre de 1951. Meu avô teve que pegar minha mãe e levar ela para o mato, esconder numa oca de pedra pra não morrer. De lá eles saíram pra fora, mas depois voltaram para o Pé do Monte, que foi onde eu nasci. No Pé do Monte Pascoal. Nessa época lá, agente não tinha contato fora da aldeia, nós sobrevivia dentro da aldeia, nós sobrevivia dentro da mata. Eu fui criado com carne de caça e peixe. Eu fui criado no centro da mata. Depois que nós viemos pra aqui em Coroa Vermelha, na época o governo disse que ia fazer do Monte Pascoal uma área florestal, mas assim que agente saiu começaram a derrubar nossas madeiras e foi nessa época que nós viemos para Coroa Vermelha. Quando nós chegamos a Coroa Vermelha nós tivemos bastante dificuldade para trabalhar com o artesanato porque nós trabalhávamos com a agricultura e nossa vida era plantar, colher, pescar, caçar, essas coisas. Mais eu já tinha uns parentes meu aqui em Coroa

Vermelha, que já trabalhava com o artesanato, então nós veio pra aprender com eles o trabalho com o artesanato. Aí nós começamos a trabalhar com o artesanato. Hoje nós sobrevive disso aqui, nós sobrevive do artesanato. Aqui hoje em Coroa Vermelha tem a agricultura, tem a pesca e tem o artesanato, cada um vive de um, mas, porém o dinheiro gira em forma de todos porque nós vivemos do artesanato, o turista vem até agente pra gente estar comprando na mão dos agricultores e dos pescadores. Ser Pataxó pra mim é motivo de orgulho porque da onde eu vim das minhas raízes. Tem muita gente que tem preconceito com os indígenas, que muitas vezes julga as pessoas pela aparência, mas eu tenho orgulho de ser Pataxó, eu tenho orgulho de ter as raízes Pataxó, eu tenho orgulho de ser nascido da Aldeia Pataxó Barra Velha, eu tenho orgulho de ser do Pé do Monte, eu tenho orgulho se ser de dentro da mata porque foi lá a minha faculdade foi dentro da mata, meu aprendizado foi lá, então eu tenho muito orgulho de hoje falar que eu sou índio, eu sou Pataxó, eu sou dono dessa terra. Como liderança eu me orgulho porque estou na minha aldeia aqui em Coroa Vermelha. Meus pais são meus maiores exemplos de guerreiros de luta e que representam nossos antepassados. Nossa vida e nossa luta começou com os nossos antepassados e não pára, sempre continua e não vai parar agora porque a nossa luta é pela nossa terra. Então a gente luta pelas terras, nosso povo está crescendo, nossa terra é pouca, não cabe para tanta gente que está crescendo hoje. Nossa família está aumentando, nós temos netos, nós temos filhos, nós temos bisnetos e cada dia mais esse pessoal vai construir família e pode não ter lugar para morar. A luta pelas nossas terras é isso. Temos nossos objetivos para correr atrás pela nossa comunidade.

Taquari Pataxó - Benedito da Conceição Braz

Sou Benedito da Conceição Braz, também chamado de Taquari Pataxó, tenho 63 anos de idade, nascido em 17 / 05 / 1959 (dezessete de maio de um mil novecentos e cinquenta e nove) conforme meu documento de identidade, no povoado Pataxó Corumbau da praia, fui registrado na cidade do Prado no Estado da Bahia. Filho de pais indígenas. Meu pai se chamava Braulio Braz dos Santos e minha mãe Alexandrina Maria da Conceição, ambos nascidos na Aldeia Barra Velha também conhecida como Aldeia Mãe. Enquanto vivi no Corumbau sempre lutei para estar trazendo o alimento para a minha família e cresci sempre ajudando. Nosso povo sempre foi um povo lutador e batalhador para cuidar das nossas terras, da família e dos parentes. Fazia artesanato e trocava com os parentes porque na aldeia nosso povo vivia assim, para não faltar nada para os parentes, nosso pensamento sempre foi o de viver ajudando todos.

Ainda muito novo tive que fazer uma mudança na minha vida que foi ter que ir tentar a vida em outra aldeia e assim vim para a Aldeia Pataxó Coroa Vermelha. Essa mudança foi a muito tempo. Nem me lembro mais de ano nem tampouco de data, apenas sei que vivo e já moro na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha pelo menos uns cinquenta anos e que desses cinquenta anos estando em Coroa Vermelha, moro uns quarenta anos aqui na Aldeia Agricultura onde hoje moro e vivo com a minha jokana (mulher, esposa). Aqui tenho por perto alguns parentes, pois sempre gostei de lugar sossegado e tranquilo, não me acostumo muito com a cidade e as coisas de lá. Sempre fui mais de ficar observando para aprender do que ficar com muita



conversa, sempre fui muito cismado, desconfiado, mas também de um coração muito humilde e sincero. Quando tive que vim para morar aqui na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha não era assim não. Tinha muito mato e as casas eram de palha. Onde na atualidade existe uma passarela de comércio indígena, antes era uma lagoa enorme que por sinal eu pescava nesta lagoa e pegava muitos peixes para comer. Mais com o tempo as coisas foram mudando e hoje um cemitério onde crianças são enterradas acabou ocupando o lugar da lagoa grande. Quando cheguei na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha já tinha muita gente, já tinha os turistas, aqueles ônibus amarelo grande e bonito. Para sobreviver eu fazia machadinhas de madeira e tinha que buscar uns pau lá na serralheria em Cabrália, ía buscar para fazer às coisas né, as machadinhas. Minha alimentação dependia dessas vendas e quando chegavam os ônibus de turismo nós perdíamos a vergonha e eu tinha que perder também a vergonha e daí ía pra lá pra poder vender as coisas para os turistas né e aproveitava que tinha uns coleguinhas parentes também que precisava vender e eu ía no embalo junto com eles. Com isso eu conversava com os turistas e contava um pouco da minha história e oferecia os artesanatos que eu fazia pra poder voltar com comida pra o kijeme. Vendia as machadinhas, vendia as presilhas, outra hora nós ía cavar guaiamu nas beradas de praia né. Tinha caranguejo e pegava uns peixinhos ali. Fazia isso pra poder comprar farinha e plástico para forrar o kijeme, ía lá em Cabrália pela praia porque era mais perto e pelo mato porque era mais seguro. Muitas áreas do nosso povo estavam nas mãos dos fazendeiros desde aquela época. Onde minha família mora em Coroa Vermelha hoje, na época pertencia ao fazendeiro chamado José Martins, mas ele já morreu. Era uma época muito complicada para nosso povo Pataxó porque ninguém passava nas terras do José Martins visto que tinha muitos pistoleiros e eles atiravam mesmo. Quanto ao estudo não tive como fazer, pois ou eu trabalhava para ajudar em casa ou eu estudava e me lembro que era muito difícil fazer tudo.

Taquara Pataxó - Maria do Carmo Braz da Conceição

Meu nome é Maria do Carmo Braz da Conceição, conhecida muito como Carminha, mas meu nome indígena é Taquara Pataxó. Nasci no dia 13 de julho de 1968. Nunca pude freqüentar a escola, pois lá na Aldeia Barra Velha era uma vida muito difícil e tinha muitas dificuldades para poder ir estudar. Tudo que sei foi com a vida de muita luta que aprendi. Foi na luta e lutamos até hoje. Quando chegamos aqui na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha nós colhia as sementes da juerana e fazia artesanato como colar de juerana, eu arredava (lançar a rede no mar ou no rio para poder pescar), na beira da praia e no rio para pegar piaba e mukusui (mukusui significa peixe na língua Patxohã) na rede para comer e poder alimentar os kitoks (kitok na língua Patxohã significa filho). Os colares eram oferecidos e vendidos para os turistas como acontece até hoje. Aqui em Coroa Vermelha não tinha tantas casas e nem tanto branco assim como hoje e o pouco que tínhamos aqui nós não tinha contato, era muito pouco o contato, eram mais oca, não tinha essas casas uma em cima da outra que chamam de casa de andar.Também não tinha prédios e nem o comércio que tem hoje, as estradas não era como hoje que tem pedras nas ruas, tem o asfalto, aqui era tudo areia e eu pisava na areia. Nada era como hoje. Antes era tudo simples. Nós vendíamos a lança fora do arco, vendia o arco fora da

lança. Até hoje nós pesca o bujigão (concha do mar), o ouriço na pedra, marisco. Água a gente tinha que buscar e carregar dentro de um carrinho de mão (galeota) e carregava também na cabeça. Era assim quando a gente chegou aqui. Aqui na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha não tinha lugar para pegar água e então fizeram um chafariz e ali a gente ia pegar água. Tive que vim para Coroa Vermelha porque na nossa aldeia em Barra Velha as coisas eram muito difíceis né e ainda teve o fogo de 51 que mataram muitos parentes nosso, foi muito parente da gente. Hoje ainda tenho minha tia Horana que é minha tia e mora ainda na Aldeia Barra Velha, tenho também Mariazinha. Meus filhos eram todos pequenos e eu tinha que colocar eles para estudar na escola. A gente não podia ficar sem colocar nossos filhos na escola. A gente para sobreviver vivia no mangue tirando caranguejo para dá aos filhos para comer. É uma vida muito difícil né. Moro e vivo aqui na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, mas meu tronco está em Barra Velha. Sou filha da Aldeia Pataxó Barra Velha e tanto lá como aqui na aldeia Coroa Vermelha eu tenho muitos parentes. Falar da minha mãe é muito fácil. Sou abençoada porque ainda a tenho pertinho de mim. A minha mãe lutou muito para criar todos nós, ía para o mangue para tirar caranguejo enfrentando o vento sul, muito frio e ela teve uma vida de muito sofrimento. Meus antepassados sofreram muito [.....] e hoje a gente luta para colocar e manter nossos filhos nos estudos que é o futuro do amanhã né, estamos lutando para dar uma vida melhor para nossos filhos. Como tive muitos filhos eu não podia ficar muito tempo somente nas roças sem kaiambá (dinheiro) para comprar roupa, sem comprar sandálias, sem dinheiro para poder comprar as coisas. Como Coroa Vermelha é uma aldeia que tem turismo nossa luta era fazer os artesanatos, as roupas indígenas (tupsay) e sair pra vender. Com essa mudança veio muito sofrimento porque a gente morava num barraquinho de palha na beira da lagoa, mas meus filhos foram crescendo e até hoje estamos lutando e conseguindo sobreviver. Como eu com meus filhos não tínhamos um lugar para vender, a gente colocava um pano na areia e ali colocava nossos artesanatos para vender e na maioria das vezes eu jogava nas costas mesmo e oferecia para os turistas, saía pela manhã cedo e só chegava pela noite muito cansada, mas agradecida a Deus por tudo. Até hoje faço os artesanatos e vou vender para os turistas. Mesmo cansada chegava em casa para ir cuidar das coisas da casa e os de comer para meus filhos e ainda ficava pela noite fazendo mais artesanato para continuar vendendo no outro dia. Hoje é do mesmo jeitinho. Então é uma luta muito grande. É uma vida de muita correria. O bairro que moro hoje aqui na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha hoje se chama Carajá, mas na época esse bairro nem existia, todos moravam na beira da praia, nas casinhas de palha, nas ocas e daí foi chegando, chegando, chegando branco e agora estamos nessa situação. Vivemos numa aldeia que é urbanizada né. Tudo é muito diferente da nossa

vida na aldeia Barra Velha. A cruz na beira da praia que representava nosso povo aqui e que foi o local onde foi celebrada a Primeira Missa do Brasil foi tirada e agora tem outra cruz no lugar e muita coisa mudou com os governos, mas nós estamos aqui na resistência porque aqui é o nosso lugar. As primeiras famílias que vieram pra essa área foi à família do indígena Pataxó chamado Sr.Manoel Siriri, depois Sr. Boré, depois veio Sr. Zé Lapa, a família do Itambé, meu tio Lourenço e depois veio a família de Chico Índio. Meu tio Lourenço contava sempre pra mim que quando ele chegava da rede (isto é, da pesca), que ele tinha que ir a Cabrália a pé e que ia correndo pela praia e pela mata para poder comprar a farinha. Nosso Niãmissú (Deus na língua Patxohã) já levou Sr. Manoel Siriri e meu tio Lourenço e hoje sei falar um pouco da nossa história porque meu tio sentava e contava tudo que acontecia para a gente poder aprender e sei falar da minha vida por causa de tudo que vivo e vivi até chegar aqui com meus kitoks criados e porque na nossa cultura os saberes são passados de geração para preparar a outra geração e manter viva a nossa história, existência e cultura. Todos viviam também da venda de colares e artesanatos. Não tinha tanto branco como tem hoje. Eu não pude estudar, nem freqüentar a escola, pois ficava com a candeia acesa pela noite fazendo meus colares para poder vender. Sou casada com Taquari Pataxó. Para sobreviver ele tirava cipó nessa mata antes para fazer o samburá (cestos). Depois o índio Taquari foi para Aldeia Agricultura plantar na roça, mas continuamos aqui na Coroa Vermelha. Lá na Aldeia Agricultura nós plantamos a mandioca, ralamos essa mandioca para fazer a farinha que o indígena come que se chama farinha de puba. É uma farinha mais grossa, mas é a farinha indígena Pataxó. Com o coco que já foi plantado, fazemos também o beiju. Então nós fazemos a nossa comida (mãgutxi) que é simples e tudo a gente planta na roça pra comer, é aipim, batata, abóbora, coloca o peixe (mukusuy) na brasa e come assado. O casamento Pataxó hoje acontece mais na Reserva da Jaqueira, lá nosso povo veste uma tanga que nós chamamos de *saia - teheni* e/ou *tupsay*, tem as pinturas feitas na mulher que chamamos de jokana e do homem que chamamos de kakusú na língua Patxohã e todo o ritual do homem carregar uma tora de madeira com o mesmo peso da mulher que ele vai casar, tem a presença do cacique, do pajé, das famílias e parentes e dos amigos das famílias. Uma diferença hoje no casamento é que com a chegada do branco muitos do nosso povo já não querem colocar a tanga pra casar, muita coisa mudou.

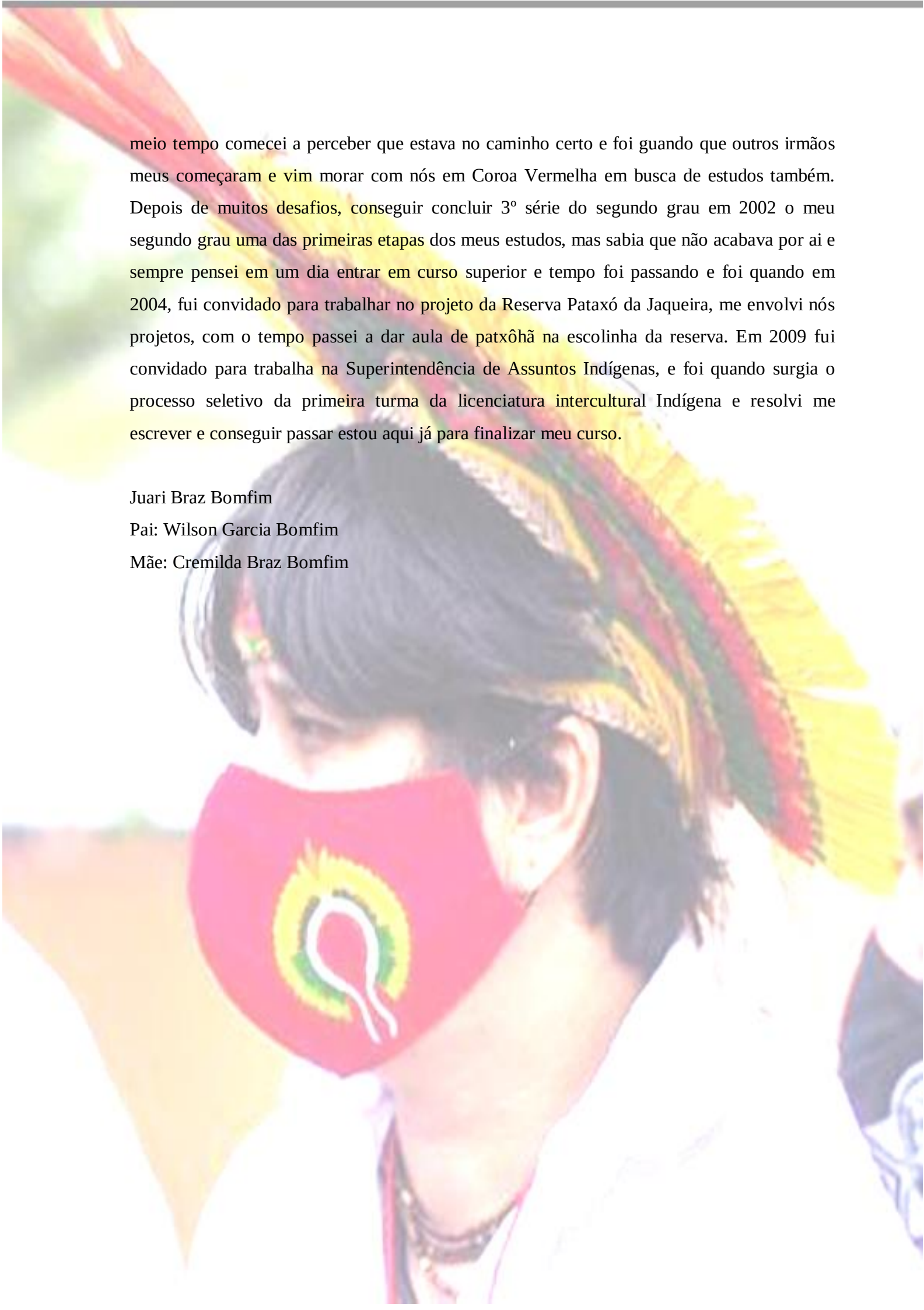
Juari Braz Bomfim

Iniciei minha vida escolar aos sete anos, quando saímos da Serra do Gaturamo na divisa do Município de Porto Seguro com o município de Prado onde eu e meus três irmãos mais velhos tínhamos nascido e nos mudamos para uma roça próxima a Itamaraju isso por volta de 1986. Época em que nosso avô, foi assassinado na Aldeia Barra Velho, esse relato contei em meu Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura Intercultural Indígena, LINTER, INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DA BAHIA, IFBA, para obtenção da graduação em História, áreas, Ciências Humanas. Na época tivemos que mudar por conta de não existir nenhuma escola próxima e não tivemos outra opção. Apesar de termos nascidos na roça meu pai nunca deixou de nos educar e respeitar o próximo e as grandes dificuldades era por conta de morar muito longe da cidade e do grande sonho era ver nos estudando, pois o mesmo nunca teve a oportunidade de estudarem e na época não tinha escolas. Desde cedo meus pais nos incentivou a valorizar a cultura e no dia fomos aprendendo. Depois da mudança tivemos que nos adaptar na nova região e logo fomos matriculados em nossa primeira escolinha que se chamava Chapeuzinho Vermelho, que ficava a 12 km, de onde nos moravam e me lembro que foi muito estranho porque não estávamos acostumados com tanta gente

estranha, pois nunca tínhamos ficado longe de casa é tivemos resistências por parte nossa para ficar na escolinha, mas com o tempo os professores foram nos agradando e começamos a fazer amizade com os colegas. Com o tempo todos da escola começou de nos chamar de "índios", mas nunca estranhamos por conta que já tínhamos esse vínculo com nossos parentes por parte de nossa mãe que morava na Aldeia Barra Velha onde ela nasceu é tivemos o privilégio de ser registrados e batizados na aldeia. Nesta escola estudamos até a primeira série e depois fomos transferidos para outra escola que se chamava Reitor Edgar Santos, onde estudei até a sexta. Nessa época já estávamos na pré-adolescência, começando a entender o mundo preconceituoso o tivemos momentos de ficarmos calados diante dos colegas, professores que não respeitava o nosso modo ser; tímidos, calados isso dificultou de interagirmos com os nossos colegas. Nesta escola, me lembro que logo me apelidaram de Juruna e eu não sabia o porquê. Apesar de sermos calados, mas tínhamos boas notas e alguns professores gostavam do nosso modo de ser e no dia do índio éramos a atração da escola e nos pintavam para representar nossa sala. E dessa forma fomos crescendo ouvindo dizer que lugar de índio e no mato e tem que andar pelado e como gente. Mas sempre meus pais nos incentivaram para estudar mesmo tendo essas dificuldades e sempre dizia se vocês têm que ser alguém na vida, o por isso tem que estudar e sempre ressaltavam que nunca estudaram por conta de não tiveram oportunidades. Diante das dificuldades enfrentadas fiquei sem estudar, por conta das dificuldades financeiras e foi quando nesse período fui visitar meu tio que morava em Coroa Vermelha por volta de 1998 e ele me fez um convite para morar com ele e então resolvi me mudar em 1999. Nessa época a Aldeia Coroa Vermelha estava passando por um processo de crescimento demográfico e populacional devido à grande imigração de indígenas vindo de outras aldeias em busca de outras alternativas de sobrevivência e tudo circulava em volta do turismo. Quando passei a morar em Coroa Vermelha, tudo era novidade é tive que me adaptar rapidamente, tendo que trabalhar para manter e estudar. E única escola que tinha a minha serie ficava a 06 km, no bairro chamado de Sapolândia no centro de Santa Cruz Cabrália conhecida por Nair Sambrano Bezerra, onde iniciava uma nova vida escolar e os novos desafios surgiam, mas a força de vencer era maior, e por ter atrasado meus estudos resolvi fazer suplência da 7º e 8º série. Logo de início a vida em Coroa Vermelha não foi nada fácil e muitas vezes pensei em desistir e voltar a morar com minha família que tinha deixado para traz e as saudades apertava e guando lembrava que meu objetivo teria que ser alcançado isso mim dava força para querer vencer. Depois de um tempo comecei a fazer amizades na escola e logo fui apelidado de payakan. Apesar das dificuldades sempre procurei a tirar boas notas e dar o melhor de mim e todos os professores gostavam do meu comportamento. Nesse

meio tempo comecei a perceber que estava no caminho certo e foi guando que outros irmãos meus começaram e vim morar com nós em Coroa Vermelha em busca de estudos também. Depois de muitos desafios, conseguir concluir 3º série do segundo grau em 2002 o meu segundo grau uma das primeiras etapas dos meus estudos, mas sabia que não acabava por ai e sempre pensei em um dia entrar em curso superior e tempo foi passando e foi quando em 2004, fui convidado para trabalhar no projeto da Reserva Pataxó da Jaqueira, me envolvi nós projetos, com o tempo passei a dar aula de patxôhã na escolinha da reserva. Em 2009 fui convidado para trabalha na Superintendência de Assuntos Indígenas, e foi quando surgia o processo seletivo da primeira turma da licenciatura intercultural Indígena e resolvi me escrever e conseguir passar estou aqui já para finalizar meu curso.

Juari Braz Bomfim
Pai: Wilson Garcia Bomfim
Mãe: Cremilda Braz Bomfim



UMA TRILHA A SER SEGUIDA: no vestígio das considerações.

Não tenho a intenção de dar por finalizada esta dissertação, mas iniciar um leque de possibilidades partindo de uma discussão acerca das raízes culturais de um povo que tem sido exemplo vivo de muita "força e resistência" para sobreviver na conjuntura política atual de um (*des*)governo que persegue as populações indígenas em todo o país.

Os povos originários e /ou indígenas como são conhecidos e chamados são os grandes sujeitos da história da humanidade, da história de seu povo, especialmente porque as avaliações, julgamentos, projetos, apreciações, códigos legislados pelos não indígenas são precários para a abrangência desses processos e para acolher as suas pendências.

A sociedade atual solicita que se enfrente a heterogeneidade e que se assinalem as possibilidades dos grupos e das culturas, seus valores, interesses e identidades. Ao mesmo tempo, ela demanda que o reconhecimento das diferenças não fundamente relações de dominação, submissão, preconceito ou desigualdade.

O mundo que nos rodeia é um mundo inacabado e isso implica a denúncia da realidade opressiva, da realidade injusta (inacabada) e, consequentemente, de crítica transformadora, portanto, de diálogo de outra realidade. O diálogo é necessário como um momento de uma nova realidade a ser criada. Essa nova realidade do amanhã para o povo Pataxó enquanto protagonista da sua própria história ainda é um grande desafio.

É nesse momento de reflexão que apresentamos a importância da coletividade, demonstramos o quanto é relevante entender para conhecer e conhecer para entender a cultura de um povo para poder abrir a possibilidade de respeitar cada detalhe, cada voz, cada gesto, cada silêncio, cada luta, cada movimento que não pára na comunidade indígena. É preciso saber lidar com os desafios e dificuldades como um todo numa aldeia, pois os interesses não são individuais, mas coletivos.

Se acordo com o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado no ano de 2010, nossa nação brasileira possui cerca de novecentos mil indivíduos que se autodeclararam indígenas. Cada realidade cultural tem sua lógica interna, devemos procurar conhecer e entender para respeitar e valorizar e assim fazer valer nossas próprias práticas, costumes e transformações distantes dos estereótipos, preconceitos, discriminações e do racismo. Sabendo que a visão do europeu ainda é um vírus na sociedade e instituições de ensino de todas as instâncias através dos livros

“didáticos” e da abordagem das temáticas, descolonizar é mais um grande desafio na atualidade.

Nessa perspectiva, o estudo da cultura contribui para o combate a preconceitos, oferecendo o respeito e a dignidade nas relações humanas tendo em vista que as relações étnico-raciais vivenciadas fortalecem e valoriza cada povo, cada cultura, cada história.

A existência do indígena e do povo Pataxó no extremo sul da Bahia legitima a verdadeira resistência da sua identidade, cultura, língua, tradições e história.

Espera-se que demonstrando a militância de um sujeito histórico [neste caso, o povo indígena Pataxó] com seus saberes imateriais e memórias firmadas numa forte e presente ancestralidade dentro do seu âmbito social, se reconheça o seu grande e secular valor que é ímpar e único, bem como tem seus significados específicos pelos quais a cultura e suas raízes se constrói e é constituída no seu dia a dia.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023**: Informação e documentação – referências – elaboração**. Rio de Janeiro, 2002a.

ALDEIA PATAXÓ DA JAQUEIRA /Bahia. **Manual das atividades de etnoturismo na reserva Pataxó da Jaqueira**. / Aldeia Pataxó da Jaqueira / Bahia. Rio de Janeiro Museu do Índio – FUNAI, 2011.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes. Históricas. 2.ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto 2008.

ANGTHICHAY, ARARIBY, JASSANÃ, MANGUADÃ, KANÁTYO. **O povo Pataxó e suas histórias**. 2002.

BOMFIM, Anari Braz. **Patxohã: a retomada da língua do povo Pataxó**. Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 13, n.1 jan de 2017, p. 303-327. ISSN 2238-975X 1. [https://revistas.ufrj.br/index.php/rl]. Acesso em 14 set de 2020.

BOMFIM, Diana da Conceição. Entrevista concedida a Jodilce Pereira dos Santos. Santa Cruz Cabrália, 15 jun. 2020. [A entrevista encontra-se transcrita no capítulo I e III, desta dissertação].

BOMFIM, Juari Braz. Entrevista concedida a Jodilce Pereira dos Santos. Santa Cruz Cabrália, 15 jun. 2020. [A entrevista encontra-se transcrita no capítulo III, desta

m Curricular (**BNCC**). **Educação é a Base**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC:2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 17 de setembro de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Grupo de Trabalho Interministerial. Contribuições para a Implementação da Lei 10639/2003: **Proposta de Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana – Lei 10639/2003**. Brasília, 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/contribuicoes.pdf. Acesso em: 23 de julho de 2020.

BRASIL. Lei nº 11.645. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, 2008.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de história e Cultura Afro-brasileira e Africana p. 40**. Parecer CNE/CP 3/2004, 10 de março de 2004.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, p. 44**. Parecer CNE/CP 3/2004, de 10 de março de 2004.

BRAZ, Benedito da Conceição. Entrevista com Taquari Pataxó concedida a Jodilce Pereira dos Santos. Santa Cruz Cabrália, 03 ago. 2020. [A entrevista encontra-se transcrita no capítulo I e III, desta dissertação].

BRAZ, Edite da Conceição. Entrevista concedida a Jodilce Pereira dos Santos. Santa Cruz Cabrália, 12 ago. 2020. [A entrevista encontra-se transcrita no capítulo I, desta dissertação].

BRITO, E. P. P. E. (2019). **Entre a aceitação e a fuga: a juventude negra em trânsito nos currículos escolares**. *Revista Exitus, 9*(4), 37 - 65. https://doi.org/10.24065/2237-9460.2019v9n4ID1004

CARDOSO, T. M., Pataxó, K. S., Pataxó, R. B., & Pataxó, M. das N. (2019). **Os Pataxó frente ao naturalista Maximilian zu Wied-Neuwied: subversão do tempo, retomada da "cultura" e os museus etnográficos**. *Cadernos De Campo (São Paulo 1991)*, *28*(1), 155- 183. https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v28i1p155-183.

CARVALHO, Fernando Santana. Entrevista com o artesão Oiti Pataxó, concedida a Jodilce Pereira dos Santos. Santa Cruz Cabrália, 10 mai. 2020. [A entrevista encontra-se transcrita no capítulo I e III, desta dissertação].

CARVALHO, Maria Rosário de. **Os Pataxó de Barra Velha: seu subsistema econômico**. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas), Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1977.

CARVALHO NETO, Sidrach: **cinco séculos de história** – Sidrach Carvalho Neto – Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2004.

CASTRO, Maria Soledad Maroca de. **A Reserva Pataxó da Jaqueira**: o passado e o presente das tradições. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Dissertação (Mestrado).

CONCEIÇÃO, Maria do Carmo Braz da. Entrevista com Taquara Pataxó concedida a Jodilce Pereira dos Santos. Santa Cruz Cabrália, 23 ago. 2020. [A entrevista encontra-se transcrita no capítulo III, desta dissertação].

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer** / Jeanne Marie Gagnebin – São Paulo: Ed. 34, 2006.

GEERTZ, Clifford, 1926- **A interpretação das culturas** / Clifford Geertz. - 1.ed.,13.reimpr.- Rio de Janeiro:LTC, 2008.

GOMES, Nilma, Lino. (2012). **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. Currículo sem Fronteiras. UFMG. v. 12, n. 1, pp. 98-109, Jan/Abr. 2012.Recuperado em: ISSN 1645-1384. Disponível em: www.curriculosemfronteiras.org 98. Acesso em: 09 de setembro 2020.

KAYAPÓ, E.; BRITO, T. **A pluralidade étnico-cultural indígena no Brasil: o que a escola tem a ver com isso?**. Mneme - Revista de Humanidades, v. 15, n. 35, p. 38-68, 17 out. 2015. https://www.periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/7445.

KARNÊTÚ SAPPET PATAXÓ, **Nosso Caderno Pataxó**. Centro de Referência Integral de Adolescentes-CRIA. 2008-2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**; tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis, Vozes, 1982.

MUNDURUKU, Daniel. **Literatura indígena e as novas tecnologias da memória**. In: MARTINS, Maria Sílvia Cintra (Org.).**Ensaios em interculturalidade: literatura, cultura e direitos de indígenas em época de globalização**. Campinas: Mercado de Letras, 2014. v. 1. p. 173-183.

NASCIMENTO, Gerdion Santos do. Entrevista com o Cacique Aruã Pataxó, concedida a Jodilce Pereira dos Santos. Santa Cruz Cabrália, Agosto. 2020. [A entrevista encontra-se transcrita no capítulo I e III, desta dissertação].

PESCA. Adriana Barbosa. Entrevista concedida a Jodilce Pereira dos Santos. Santa Cruz Cabrália, 10 dez. 2020. [A entrevista encontra-se transcrita no capítulo I e III, desta dissertação].

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010. **Povos indígenas**. Disponível em: . Acesso em: 23 outubro de 2020.

O Índio Brasileiro: **o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje** / Gersem dos Santos Luciano – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). ***Convenção nº 169 sobre Povos Indígenas e Tribais***. OIT, 2011. Disponível em: <Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Convencao_169_OIT.pdf >. Acesso em: 20 setembro de 2020.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: **pluralidade cultural**: orientação sexual / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. – 3. ed. – Brasília: A Secretaria, 2001.

PLANO NACIONAL DE IMPLEMENTAÇÃO DAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ETNICORRACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA E AFRICANA. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/. Acesso em: 24 de julho de 2020.

PINSKY**,** Carla Bassanezi. **FONTES HISTÓRICAS**/ Carla Bassanezi Pinsky. (organizadora). – 2. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p. 3-15.

POVO PATAXÓ. **Inventário Cultural Pataxó: tradições do povo Pataxó do Extremo Sul da Bahia**. Bahia: Atxohã / Instituto Tribos Jovens (ITJ), 2011.

QUIJANO, Aníbal. **Na América Latina a precarização e a flexibilização do trabalho foram muito mais longe que nos países centrais**. (entrevista). In:http://www.galizacig.gal/actualidade/200607/brasildefato_entrevista_a_anibal_quijano.htm. Acessado em 22 de janeiro de 2020 às 16h33min.

ROSA, Domingos Lima. Entrevista com Samingo Pataxó concedida a Jodilce Pereira dos Santos. Santa Cruz Cabrália, 15 abril. 2021. [A entrevista encontra-se transcrita no capítulo III, desta dissertação].

SANTOS, Kelly Cristina Ferreira dos. Entrevista concedida a Jodilce Pereira dos Santos. Santa Cruz Cabrália, 21 abril. 2021. [A entrevista encontra-se transcrita no capítulo III, desta dissertação].

SANTOS, Valdelito Nascimento dos. Entrevista concedida a Jodilce Pereira dos Santos. Santa Cruz Cabrália, 21 jul. 2020. [A entrevista encontra-se transcrita no capítulo I e III, desta dissertação].

SANTOS, Paulo Vinícius Souza dos. Entrevista com Kakai Pataxó, concedida a Jodilce Pereira dos Santos. Santa Cruz Cabrália, nov. 2020. [A entrevista encontra-se transcrita no capítulo II, desta dissertação].

SANTOS, Zelian Ferreira dos. Entrevista com Iandara Pataxó, concedida a Jodilce Pereira dos Santos. Santa Cruz Cabrália, nov. 2020. [A entrevista encontra-se transcrita no capítulo II, desta dissertação].

SANTANA, José Carlos Conceição. Entrevista com Pakari Pataxó concedida a Jodilce Pereira dos Santos. Santa Cruz Cabrália, 18 de maio e 29 abril. 2021. [A entrevista encontra-se transcrita no capítulo I e II desta dissertação].

SANTANA, Marcelo Conceição. Entrevista com Muntum Pataxó concedida a Jodilce Pereira dos Santos. Santa Cruz Cabrália, 10 mar. 2021. [A entrevista encontra-se transcrita no capítulo I, desta dissertação].

SOUZA, Arissana Braz Bomfim. **Arte e Identidade: adornos corporais Pataxó**. Dissertação em Estudos Étnicos e Africanos. Salvador. Universidade Federal da Bahia, 2012.

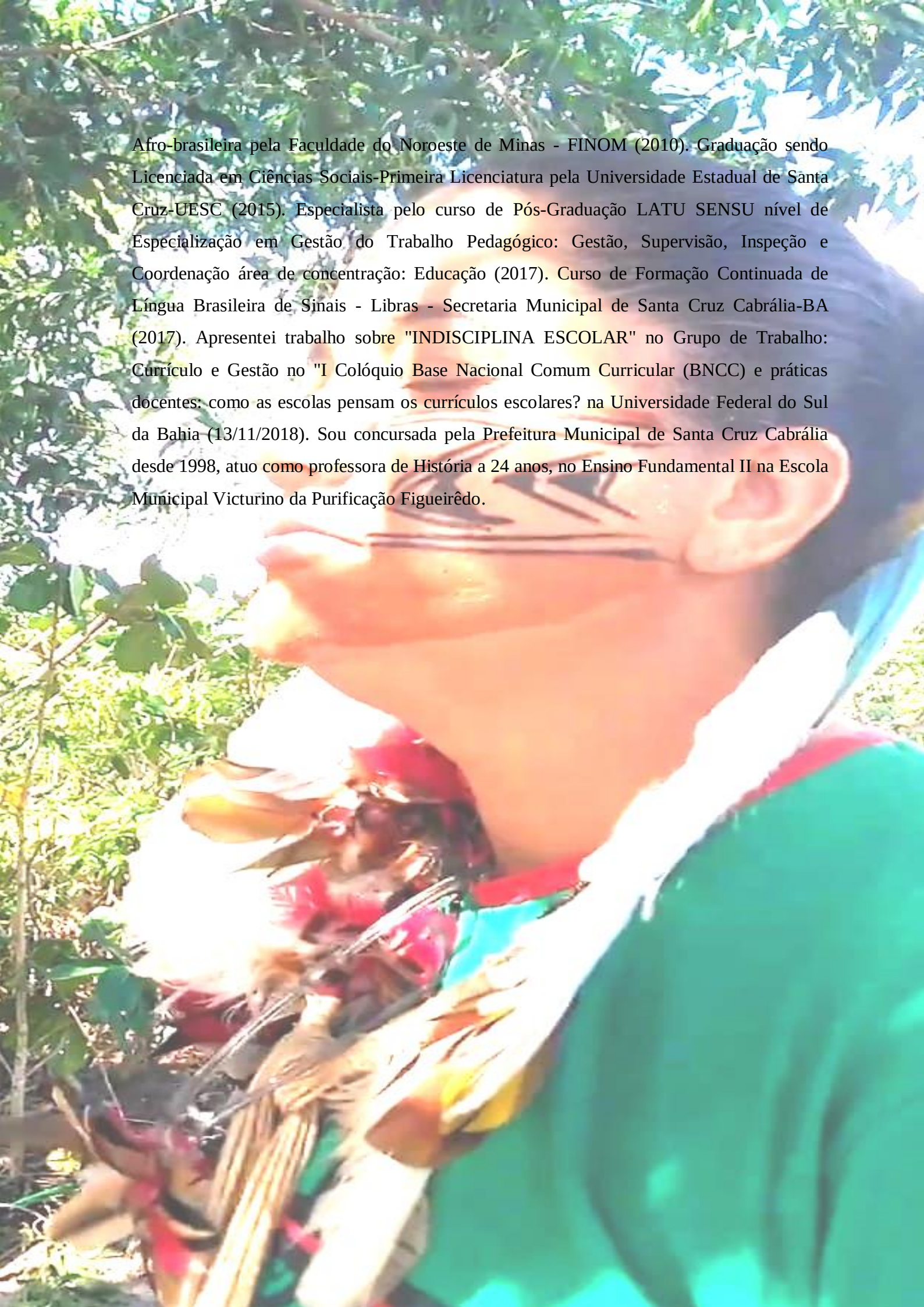
SOUZA, Anari Braz. Patxohã, língua de guerreiro: **um estudo sobre o processo de retomada da língua pataxó**. Dissertação em Estudos Étnicos e Africanos. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2012.

SANTOS, Voltair Alves dos. Professor da Língua Patxohã. Realizou a tradução do resumo desta dissertação da Língua portuguesa para a Língua Patxohã. Tradução concedida a Jodilce Pereira dos Santos. Santa Cruz Cabrália, 10 fev. 2022.

Sobre o autora

JODILCE PEREIRA DOS SANTOS.

Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais - PPGER. Mestrado Profissional na UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA - UFSB (2019-2021). Fiz o Magistério pelo Colégio Polivalente de Itabuna (1990-1992) com o objetivo de concretizar o meu sonho de ser PROFESSORA, trabalhar com pessoas e construir conhecimento em conjunto. Minha vida é uma trajetória de muita luta, resistência, vontade de vencer. Mainha e painho (in memorian) nos criou dentro de um ambiente de união, amor, humildade, esforço, coletividade, por isso meus passos marcam na terra as memórias e a ancestralidade dos meus pais, avós e bisavós, que é resultante de hábitos e práticas orais, própria da cultura de um povo. Colocando a minha FÉ em ação, desde os meus oito anos de idade fiz uma aliança com DEUS e anos mais tarde, tive a oportunidade de fazer uma graduação onde cursei e conclui Teologia no Instituto Cristão de Ensino Teológico (2002). Apaixonada pelos estudos Deus me concedeu mais uma rica oportunidade de participar da primeira turma e buscar novos conhecimentos para prosseguir. Diante do desafio, iniciei uma nova trajetória onde fiz o curso de Bacharel em Administração Geral pelas Faculdades do Descobrimento - FACDESCO (2006), em 2007 foi lançado dentro da própria FACDESCO, o desafio entre os estudantes dos cursos para adquirir meia bolsa de estudos. Com essa conquista senti mais uma vez o cuidado do Senhor sobre minha vida, pois estava muito difícil pagar uma mensalidade na época, pois era bastante alta, mas nunca me faltou coragem e esforço. Toda honra e glória dou ao Senhor pelas vitórias conquistadas. Logo após fiz uma Licenciatura Plena em História, pela Faculdade de Ciências Educacionais - FACE (2007). Com problemas de saúde, fiquei sem voz por mais de um ano. Com receio de não voltar a falar mais busquei ter condições de me comunicar. Ingressei no Curso de Libras e Cuidados com a Voz oferecido pela Secretaria Municipal de Santa Cruz Cabrália-BA (2009). Especialista pelo curso de Pós-Graduação LATU SENSU em História e Cultura



Afro-brasileira pela Faculdade do Noroeste de Minas - FINOM (2010). Graduação sendo Licenciada em Ciências Sociais-Primeira Licenciatura pela Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC (2015). Especialista pelo curso de Pós-Graduação LATU SENSU nível de Especialização em Gestão do Trabalho Pedagógico: Gestão, Supervisão, Inspeção e Coordenação área de concentração: Educação (2017). Curso de Formação Continuada de Língua Brasileira de Sinais - Libras - Secretaria Municipal de Santa Cruz Cabrália-BA (2017). Apresentei trabalho sobre "INDISCIPLINA ESCOLAR" no Grupo de Trabalho: Currículo e Gestão no "I Colóquio Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e práticas docentes: como as escolas pensam os currículos escolares? na Universidade Federal do Sul da Bahia (13/11/2018). Sou concursada pela Prefeitura Municipal de Santa Cruz Cabrália desde 1998, atuo como professora de História a 24 anos, no Ensino Fundamental II na Escola Municipal Victurino da Purificação Figueirêdo.